UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA EM ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES

CANDIDO SOUSA DA SILVA

**Erosão e/ou neutralização da flexão de gênero na Língua
Hebraica Israelense:**

Relações morfossintáticas entre numerais cardinais e/ou pronomes com
substantivos e configurações verbais do futuro em textos selecionados a
partir do século XXI

Versão corrigida

São Paulo
2016

CANDIDO SOUSA DA SILVA

**Erosão e/ou neutralização da flexão de gênero na Língua
Hebraica Israelense:**

Relações morfossintáticas entre numerais cardinais e/ou pronomes com substantivos e configurações verbais do futuro em textos selecionados a partir do século XXI

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras

Área de Concentração: Estudos Judaicos

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Rosa Langer

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S586e Silva, Candido Sousa da
EROSÃO E/OU NEUTRALIZAÇÃO DA FLEXÃO DE GÊNERO NA LÍNGUA HEBRAICA ISRAELENSE: Relações morfossintáticas entre numerais cardinais e/ou pronomes com substantivos e configurações verbais do futuro em textos selecionados a partir do século XXI / Candido Sousa da Silva; orientadora Eliana Rosa Langer. - São Paulo, 2016.
190 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

1. LÍNGUA HEBRAICA. 2. DIGLOSSIA. 3. MORFOSSINTAXE. 4. LINGUÍSTICA. 5. LITERATURA ISRAELENSE. I. Langer, Eliana Rosa, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

SILVA, Candido Sousa da

EROSÃO E/OU NEUTRALIZAÇÃO DA FLEXÃO DE GÊNERO NA LÍNGUA HEBRAICA ISRAELENSE: Relações morfossintáticas entre numerais cardinais e/ou pronomes com substantivos e configurações verbais do futuro em textos selecionados a partir do século XXI

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes, área de Concentração: Estudos Judaicos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras

Data da aprovação: **São Paulo, 21 de novembro de 2016.**

Banca examinadora:

Profa. Dra. Eliana Rosa Langer (Presidenta)

Instituição: DLO/FFLCH-USP

Prof. Dr. Gabriel Steinberg Schwartzman

Instituição: DLO/FFLCH-USP

Prof. Dr. Moacir Aparecido Amâncio

Instituição: DLO/FFLCH-USP

Profa. Dra. Naama Silverman Forner

Instituição: Colégio Internacional Saint-Nicholas

Prof. Dr. Paulo Victor de Souza Rocha

Instituição: IFRJ

Dedico este trabalho à minha esposa Claudia Regina Gama Garcia, com amor, admiração e gratidão por sua compreensão, carinho, presença e incansável apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho. À minha filha Hadassah, tradução da renovação de minha vida e família. À família, sobram palavras em meus pensamentos, pois meu coração sabe do esteio que recebi de cada um: meus pais, meus irmãos e sobrinhos. Em especial, à minha irmã Celeste Sousa da Silva (*in memoriam*) que em meio ao leito me disse cariosamente: "mestre, estou pronta...". Em suma, a todos que me apoiaram a trilhar este caminho.

AGRADECIMENTOS

“A recordação do esforço é sempre uma boa recordação...”, diz o filósofo Jean Guehenno. Junto ao ato memorialístico vem sentimento de gratidão, e agradecer é sempre uma oportunidade interessante. É um momento em que paramos para refletir sobre o caminho que trilhamos durante nossos estudos.

Como síntese inicial, evoco a figura do profeta Jeremias que dizia: “Quero trazer a memória aquilo que me dá esperança” (LM 3,21). Sendo assim, humildemente quero invocar mais uma vez a seguinte benção: “Bendito és tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que nos conservastes em vida, nos amparaste e nos fizeste chegar a este momento”. Sem a ajuda divina não conseguiria... e muito menos teria esperança ou algo a recordar.

É com sentimento de satisfação que chego até aqui, pois a realização deste trabalho se traduz em abertura de novos horizontes ou trilhas a percorrer. Alguns passos à frente, outros atrás... perdas, vitórias... saudades. O aprendizado foi meu companheiro em todos os momentos, ensinando-me que a seu tempo, tudo se ajeita.

Desta forma, quero externar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas, professores, amigos e família que, de várias formas, contribuíram para realização desse trabalho e como um todo em mosaico fazem parte deste processo de doutoramento. Agradeço o carinho, as broncas, as ideias, o tempo, as sugestões, o apoio, o estímulo, o colo, o afeto, as críticas, os feedbacks etc.

Gratidão aos pais, Isaias Alves da Silva e Olinda Sousa da Silva... eles, filhos de retirantes da seca nordestina, podem ver o quanto valeu a pena suas privações e dores em lutar por uma educação de qualidade para mim e meus 11 irmãos. Mais que exemplos de superação, foram esteio mesmo frente à perda da filha Celeste Sousa da Silva. O lema era nunca

desistir. Hoje minha defesa serve de alento... um sentimento de que ainda vale a pena...

Profa. Dra. Eliana Rosa Langer... mais que uma orientadora... quando eu tinha desistido de mim mesmo, ela me acolheu e apostou suas fichas em mim. Seu discurso sempre dizia "não importa quantos passos você deu para trás, o importante é quantos passos agora você vai para frente". Sou eternamente grato... quem abriria as portas de casa, sua privacidade para receber um orientando? Sua participação ativa e direta em todos os momentos foram fatores essenciais para realização deste trabalho. Pelas sugestões, que forneceram pistas de leituras, e avaliações e por tudo mais em cada passo do projeto de pesquisa, venho expressar meus profundos e sinceros agradecimentos.

Não podemos nos esquecer de agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos que me proporcionou a oportunidade de dar um importante rumo ao meu crescimento profissional. Aos professores Moacir Amâncio e Gabriel Steinberg que participaram de minha qualificação com preciosas informações e dicas para enriquecimento da pesquisa. A todos os professores do Departamento de Letras Orientais da USP, assim como aos funcionários que contribuíram para realização de nossa pesquisa, direta ou indiretamente, deixo meu carinho e gratidão.

Também quero expressar minha gratidão pela ajuda do programa de Bolsa da Capes. Este precioso auxílio me permitiu desenvolver e concluir o presente trabalho.

Sou imensamente grato aos meus irmãos pelos incentivos ao meu esforço neste empreendimento. Cristiane da Silva Brandão e Clara Sousa da Silva, mais uma vez, estiveram ao meu lado quando mais precisei, não mediram esforços, registro a elas aqui minha gratidão. Marcos Teixeira de Souza e Sandra Lúcia de Souza Jorge, amigos sempre leais, que ajudaram na revisão do Português e Inglês, respectivamente, muito obrigado!

À querida e estimada esposa Claudia Regina Gama Garcia, incansável e fiel escudeira, junto com nossa preciosidade, Hadassah Sousa da Silva Gama Garcia, agradeço pela imensurável paciência e compreensão exigida ao longo deste percurso de estudos.

Recorrendo ao espelho de Mario Quintana neste esforço de recordação e gratidão me indago: quem sou eu?

Agora sou não apenas Candido. Sou Candido Sousa da Silva, síntese e tradução de muitas outras memórias, que não fica à beira do caminho, mas se reveste de um espírito de gratidão para procurar a sua própria identidade.

Esse estranho que mora no espelho
Olha-me de um jeito
De quem procura recordar quem sou...

Mário Quintana

RESUMO

SILVA, C.S. **Erosão e/ou neutralização da flexão de gênero na Língua Hebraica Israelense:** Relações morfossintáticas entre numerais cardinais e/ou pronomes com substantivos e configurações verbais do futuro em textos selecionados a partir do século XXI. 2016. 190 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

A presente tese de doutoramento insere-se no debate sobre a temática da erosão e/ou neutralização da marca de gênero da Língua Hebraica Israelense nas relações morfossintáticas entre numerais cardinais e/ou pronomes com substantivos e configurações verbais do futuro em textos selecionados a partir do século XXI. O trabalho está fundado na percepção, derivada da literatura especializada sobre o tema, de que existe uma tendência da perda da marca de gênero nestas relações morfossintáticas estabelecidas, além de outras nuances como o apagamento do gênero feminino nas 2ª e 3ª pessoas plurais do sistema verbal no tempo futuro.

Em termos de estratégias de pesquisa, a investigação fundamenta-se no estudo da formação e consolidação da identidade israelense e suas implicações equalizadoras no plano linguístico quanto ao uso da flexão de gênero tornando-os como unidade empírica.

Nosso objetivo é examinar o funcionamento deste fenômeno linguístico, como isso é expresso na escrita e quais suas implicações na fala. A hipótese de trabalho para esta pesquisa é que o fenômeno de erosão e/ou neutralização da marca de gênero no Hebraico tem causado profundas transformações na estrutura da língua que se caracteriza na distinção clara de dois gêneros, seja nos nomes e numerais ou, ainda, no sistema verbal. Neste quadro, pretendo validar ou refutar conceitos tradicionais utilizados no estudo do Hebraico, tomando como base a medida da variação diglósica. Por fim, desejamos, através dos dados obtidos nas obras selecionadas, apresentar nossas reflexões e apontar possíveis motivações para uma tendência erosão e/ou neutralização das configurações pesquisadas.

Palavras-chave: Erosão. Neutralização. Flexão de gênero. Língua Hebraica. Séc. XXI. Obras selecionadas.

ABSTRACT

SILVA, C.S. **Erosion and / or neutralization of gender bending in Israeli Hebrew**: morphosyntactic relations between cardinal numbers and / or pronouns with nouns and future verbal settings on selected texts of the starding of the XXI century. 2016. 190 f. Thesis (PhD) - Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2016.

This doctoral thesis is part of the debate on the issue of erosion and / or neutralization of gender brand of Israeli Hebrew Language in morphosyntactic relationship between cardinal numbers and / or pronouns with noun and verb of the future settings on selected texts from the XXI century. The work is based on the perception, derived from the specialized literature on the subject, that there is a trend of the lost gender brand in these morphosyntactic relationships established, beyond other nuances like erasing female gender in 2nd and 3rd plural people of the verbal system in the future tense.

In terms of research strategies, the investigation is based on the study of the formation and consolidation of Israeli Identity and their equalizing implications the linguistic plan in the use of gender bending making them as empirical unit.

Our objetive is to examine the functioning of this linguistic phenomenon, as it is expressed in writing and what its implications in speech. The working hypothesis for this research is that the erosion phenomenon and / or neutralization of the gender brand in Hebrew has caused profound changes in the structure of language that characterized the clear distinction between two genres, whether the names and numerals, or more the verbal system. In this presentment, I intent to validate or refute traditional concepts used in the study of Hebrew, based on the measurement of diglossic variation. Finally, we wish through the data in the selected works, present our ideas and to point possible motivations for an erosion trend and / or neutralization of the surveyed settings.

Keywords: Erosion. Neutralization. gender bending. Hebrew Language. XXI Century. Selected works.

TRANSLITERAÇÃO

A relação entre unidades fonológicas, nesse caso entre hebraico e português, tem por base o princípio da equivalência. Este trabalho adotará a transliteração proposta por Kirschbaum *et al* (2009) que objetiva simplificar a forma de transcrição, tornando a grafia mais próxima da língua portuguesa. Desta forma, teremos os seguintes esquemas:

Consoantes

Hebraico	Representação	Hebraico	Representação
1. א	`	12. ל	l
2a. ב	b	13. מ, ם	m
2b. ם	<u>v</u>	14. נ, ן	n
3. ג , ך	g, gu	15. ס	s, ss
4. ד , ך	d	16. ע	"
5. ה	h	17a. פ	p
6. ו	v	17b. פ, ף	f
7. ז	z	18. צ, ץ	ts
8. ח	ç, <u>rr</u>	19. ק	q
9. ט	<u>t</u>	20. ר	r
10. י	y	21a. שׁ	sh
11a. כּ	k	21b. שׂ	<u>s</u> , <u>ss</u>
11b. כּ, ך	rr	22. תּ, ת	t

Vogais e ditongos

Hebraico	Representação	Hebraico	Representação
א, א, א	<i>A</i>	אי	<i>ai</i>
א, א, א, א	<i>E</i>	עי	<i>ei</i>
א, י	<i>I</i>	וי	<i>oi</i>
א, א, ו	<i>O</i>	וי	<i>ui</i>
א, ו	<i>U</i>		
ה	<u>a</u> ou <u>á</u> quando tônica		
ה, ה	<u>e</u> , <u>é</u> ou <u>ê</u> quando tônica		
ה	<u>o</u> , <u>ó</u> ou <u>ô</u> quando tônica		

LISTA DE SIGLAS E EXPRESSÕES

<i>a.C.</i>	- Antes de Cristo
<i>adj.</i>	- Adjetivo
<i>apud</i>	- Citado por
<i>d.C.</i>	- Depois de Cristo
<i>ed.</i>	- Edição
<i>et al</i>	- Usada em citações bibliográficas quando a obra possui muitos autores
<i>f.</i>	- Folha
<i>fem.</i>	- Feminino
<i>ibidem</i>	- Referir uma fonte repetida, na nota subsequente, da mesma obra
<i>In</i>	- Em
LGBT	- É o acrônimo para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros
<i>mas.</i>	- Masculino
<i>n.</i>	- número
NMS	- Novos Movimentos Sociais
ONU	- Organização das Nações Unidas
<i>op. cit.</i>	Obra já citada
<i>p.</i>	- Página
<i>pes.</i>	- Pessoa
<i>pl.</i>	- Plural
<i>pogroms</i>	- (em iídiche, פּאָגראָם, do russo погром) é um ataque violento maciço à pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos).
<i>pres.</i>	- Presente
<i>sg.</i>	- Singular
<i>sic</i>	- É assim
<i>sine qua non</i>	- Refere-se a uma ação cuja condição ou ingrediente é indispensável e essencial.
<i>subst.</i>	- Substantivo
<i>v.</i>	- Volume
<i>v.s.</i>	- Versus
<i>verb.</i>	- Verbo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	19
1 INTRODUÇÃO.....	20
2 SOCIEDADE ISRAELENSE: PERCURSOS E IMPLICAÇÕES.....	31
2.1 A INSTITUIÇÃO DO YISHUV.....	34
2.1.1 Ondas migratórias.....	37
2.2 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NO PERÍODO ENTRE GUERRAS.....	42
2.2.1 Guerra da Independência.....	45
2.2.2 Vivendo entres guerras.....	47
3 A CONJUNTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA CULTURA ISRAELENSE.....	50
4 SITUAÇÃO LINGUÍSTICA NA SOCIEDADE ISRAELENSE CONTEMPORANEA.....	58
4.1 O PERCURSO DA LÍNGUA ESCRITA: A LÍNGUA ISRAELENSE REVISITADA.....	59
4.1.1 Nova terra, léxico reinventado: a ação da <i>Ralutsiut</i>	66

4.2 O PERCURSO DA LÍNGUA ISRAELENSE: SEU DESENVOLVIMENTO E NORMATIZAÇÃO.....	73
4.3 REFLEXÕES E APONTAMENTOS.....	81
5 NEUTRALIZAÇÃO DA FLEXÃO DE GÊNERO NA LÍNGUA HEBRAICA.....	83
5.1 NEUTRALIZAÇÃO LINGUÍSTICA DE GÊNERO: NOÇÕES GERAIS.....	83
5.2 A EROSÃO DA MARCA DE GÊNERO NA LÍNGUA HEBRAICA.....	87
5.3 VERBOS E NUMERAIS NA LÍNGUA HEBRAICA.....	90
5.3.1 Considerações acerca da categoria de número.....	91
5.3.2 Configurações verbais no Hebraico Israelense.....	98
5.3.3 Relações morfossintáticas entre numerais cardinais e substantivos.....	103
6 ANÁLISE DAS OBRAS SELECIONADAS.....	106
6.1 OBRAS DE AB YEHOSSUA: REFLEXÃO E ANÁLISES.....	109
6.1.1 Considerações iniciais sobre livro ספרדי <i>Ressed sefaradi</i>	109
6.1.1.1 Análises específicas do livro ספרדי <i>Ressed sefaradi</i>	110
6.1.1.1.1 Erosão e/ou neutralização de gênero no tempo futuro.....	110

6.1.1.1.2 Erosão e/ou neutralização de gênero nos numerais cardinais.....	112
6.2 OBRAS DE AMÓS OZ: REFLEXÃO E ANÁLISES.....	118
6.2.1 Considerações iniciais sobre livro תמונות מחיי הכיפר <i>Temunot merrai hakifar</i>	118
6.2.1.1 Análises específicas do livro תמונות מחיי הכיפר <i>Temunot merrai hakifar</i>	120
6.2.1.1.1 Erosão e/ou neutralização de gênero no tempo futuro.....	120
6.2.1.1.2 Erosão e/ou neutralização de gênero nos numerais cardinais.....	121
6.3 OBRAS DE DAVID GROSSMAN: REFLEXÃO E ANÁLISES.....	125
6.3.1 Considerações iniciais sobre livro ספר הדקדוק הפנימי <i>Sefer hadiqduq hapnimi</i>	125
6.3.1.1 Análises específicas do livro ספר הדקדוק הפנימי <i>Sefer hadiqduq hapnimi</i>	128
6.3.1.1.1 Erosão e/ou neutralização de gênero no tempo futuro.....	128
6.3.1.1.2 Erosão e/ou neutralização de gênero nos numerais cardinais.....	129
6.4 OBRAS DE ETGAR KERET: REFLEXÃO E ANÁLISES.....	146
6.4.1 Considerações iniciais sobre livro פתאום דפיקה בדלת <i>Pitom defiká badelet</i>	146
6.4.1.1 Análises específicas do livro פתאום דפיקה בדלת <i>Pitom defiká badelet</i>	148

6.4.1.1.1 Erosão e/ou neutralização de gênero no tempo futuro.....	148
6.4.1.1.2 Erosão e/ou neutralização de gênero nos numerais cardinais.....	149
6.4.2 Considerações iniciais sobre livro אִיְהוּ 'Anihu.....	161
6.4.2.1 Análises específicas livro אִיְהוּ 'Anihu.....	162
6.4.2.1.1 Erosão e/ou neutralização de gênero no tempo futuro.....	162
6.4.2.1.2 Erosão e/ou neutralização de gênero nos numerais cardinais.....	162
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 173
 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	 182

APRESENTAÇÃO

A presente tese constitui-se resultado de uma pesquisa qualitativa, realizada durante o curso de doutorado em Língua Hebraica, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Objetivou-se investigar a incidência da *erosão e/ou neutralização da flexão de gênero da Língua Hebraica Israelense* e explicitar as peculiaridades de nosso objeto de estudo, contribuindo para o ensino/aprendizagem destes com enfoque na análise das relações morfossintáticas entre numerais cardinais e/ou pronomes com substantivos e configurações verbais do futuro em textos selecionados a partir do século XXI

O trabalho aqui apresentado surgiu, também, como resposta à demanda por parte da comunidade acadêmica discente, que solicita suportes às suas indagações sobre possíveis incongruências, além das particularidades da flexão gênero na Língua Hebraica. Cabe ressaltar que estas indagações refletem, por outro lado, uma realização pessoal na busca pelo conhecimento que nos enriquecerá em estudos posteriores dentro do campo linguístico do Hebraico e, possivelmente, das Línguas Semíticas.

Espera-se que, através das discussões e reflexões aqui expostas, a comunidade acadêmica possa realizar operações oportunas que a leve a estruturar o conjunto de informações em um todo coerente e significativo e, ainda, compreender melhor as novas alteridades de gênero que se fazem presentes na Língua Hebraica Israelense e que se mostram, frequentemente, incômodas, outras vezes, contraditórias e altamente reveladoras de tensões.

1 INTRODUÇÃO

A construção da identidade de um povo inclui a transmissão de valores, tradições, costumes e atitudes, aceitos por este e passados de geração para geração. Para que haja uma real consolidação desta constituição em uma sociedade plena, se faz necessário o estabelecimento de uma expressão linguística que a represente e a perpetue na história.

A língua não é apenas um veículo de algum conteúdo. É também um conteúdo em si, uma vez que simultaneamente indica lugares sociais e relações pessoais. Este instrumento social de comunicação é carregado de valores, além de marcar situações e temas (Fishman, 1995¹).

Em sua íntima relação com a sociedade/comunidade linguística, a língua revela-se de forma bastante diversa. Há diferentes níveis linguísticos dependendo das diferenças de interesses e ocupações de seus falantes, há diferenças sociais – delimitadas por níveis educacionais, econômicos e étnicos dos falantes – e há diferenças regionais. Os conjuntos destas variedades são denominados por Fishman (*op. cit.*) como “repertório linguístico”, que compõe um sistema relacionado com a comunidade linguística.

Entre os diversos exemplos culturais existentes, nosso estudo dará destaque ao caso da “cultura judaica” plasmada em solo palestino/israelense após dezenas de séculos de *diáspora*².

¹ FISHMAN, Joshua. **Sociología del lenguaje**. 4^a Ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

² Diáspora é um substantivo feminino com origem no termo grego διασπορά '*diasporá*', que significa dispersão de povos, por motivos políticos ou religiosos. Este conceito surgiu pela primeira vez graças à dispersão dos judeus no mundo antigo. Segundo Szklarz (2013), "A história judaica é marcada por sucessivas dispersões e diásporas dentro de diásporas", diz Luis S. Krausz, professor de Literatura Hebraica e Judaica na Universidade de São Paulo (USP). "Essa história começa com a destruição do Templo de Salomão pelo rei Nabucodonosor, no século 6 a.C., quando os judeus foram levados ao cativeiro na Babilônia. E continua até o século 20, com a dispersão e o genocídio dos judeus da Europa."

Segundo Barocas (2006³), o poeta e escritor Bialik (1873-1934) concebia a cultura judaica moderna como fruto derivado de vários elementos cruciais, entre os quais figurava a ideia do Hebraico como língua nacional. Segundo Langer (2000⁴), a Língua Hebraica está intrinsecamente ligada a uma cultura própria, de tal forma que restabeleceu as bases para o estabelecimento da sociedade israelense em um ambiente hostil, de ideologias conflitantes, mergulhado em conflitos contínuos, que é '*Erets Yisra'el*'⁵.

Barocas destaca que a identidade cultural é uma das peças do mosaico que é a construção que chamamos de identidade social. Esta apresenta uma diversidade de aspectos que determinam os traços característicos da etnicidade de cada grupo social. Dentre os aspectos mais comuns entre os membros do grupo e, talvez, de maior relevância está sempre uma identificação linguística, ou seja, a língua. A autora pontua que:

Tantas travessias produziram uma diversidade de grupos judaicos que cristalizaram costumes, idiomas e culinárias dos lugares onde viveram.

SZKLARZ, Eduardo. Diáspora: descubra como os judeus se espalharam pelo mundo. **Aventuras na História**. Editora Abril, 2013. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/diaspora-descubra-como-judeus-se-espalharam-pelo-mundo-743351.shtml>

³ BAROCAS, Ester: A Língua Hebraica? Vai bem, obrigada, pelo menos por enquanto... **Cadernos de língua e literatura hebraica**. n. 5. USP/ São Paulo, 2006.

⁴ LANGER, Eliana R. Ressurgimento da Língua Hebraica e suas implicações culturais. **Revista de Estudos Orientais**, n° 2 p. 63-76. Humanitas Publicações, 1998.

⁵ Terra de Israel (do Hebraico ארץ ישראל '*Erets Yisra'el*) é a região que, segundo o *Tanarr*, a Bíblia judaica, foi prometida por Deus aos descendentes de Abraão. O conceito de Terra de Israel ('*Erets Yisra'el*) não se confunde com o Estado de Israel (*Medinat Israel*), um Estado moderno cujo território está contido nos limites da região bíblica e histórica. No entanto, historicamente o conceito de '*Erets Yisra'el*' foi muitas vezes politizado. Segundo Del Sarto (2002), a narrativa sionista religiosa estabeleceu uma continuidade entre o passado bíblico e o presente, o que certamente contribuiu para o processo de legitimação de um estado judeu na Palestina. Mas, nas primeiras décadas de vida do Estado, predominou o conceito de *Medinat Israel*, mais sintonizado com a visão do sionismo trabalhista, então dominante. A partir da Guerra dos Seis Dias (1967), o conceito de '*Erets Yisra'el*' novamente será usado como componente ideológico na justificativa da conquista de territórios situados além das fronteiras do Estado de Israel, que passam a ser reivindicados como "terra bíblica". DEL SARTO, Raffaella A. **Israel's Contested Identity and the Mediterranean**. The Hebrew University of Jerusalem: Department of International Relations, may 2002, p. 06.

Quando a língua ocupa um papel de destaque na definição da identidade cultural ou étnica, estamos nos referindo à identidade etnolinguística. A identidade etnolinguística pode ser vista como um sentimento subjetivo de pertinência a um grupo etnolinguístico particular para o qual a língua falada pelo grupo é uma característica importante. Uma vez que a língua se torna um aspecto saliente da identidade de grupo, ela desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da identidade etnolinguística do indivíduo que engloba aspectos étnicos, culturais e linguísticos. A importância da língua na definição da identidade não é, contudo, um fenômeno estático, pois depende do contexto no qual a identidade se expressa. (BAROCAS, 2006, p. 5)

Considerando as palavras de Barocas de que a língua, um dos pilares da construção social, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da identidade etnolinguística do indivíduo, e a importância da atividade linguística na formação e cristalização da sociedade israelense, nosso estudo usará a Língua Hebraica Israelense como núcleo desta tese.

A presente pesquisa busca investigar a incidência ou não do fenômeno de erosão e/ou neutralização da flexão gênero em configurações verbais do futuro. Assim como nas relações morfosintáticas entre numerais cardinais e/ou pronomes com substantivos em textos selecionados, a partir do século XXI, ou seja, obras literárias israelenses contemporâneas, que reflitam estas nuances.

Nosso estudo se pautou em uma pesquisa tanto quantitativa quanto qualitativa (ênfase nesta última), baseando-se em um levantamento de vários registros linguísticos, de forma mais eclética do que exaustiva, buscando representar, na medida do possível, todas as camadas da Língua Hebraica.

Como pretendemos, através da variação diglósica, traçar um paralelo comparativo dessas ocorrências entre paradigmas oracionais da norma culta e modelos presentes em expressões coloquiais da Língua Hebraica, selecionamos alguns autores.

Para representarem um traço mais próximo à variante padrão/culta da linguagem estabelecida pela Academia de Língua Hebraica, elegemos os autores: A.B. Yehoshua, com o livro *חסד ספרדי* *Ressed sefaradi* de 2011; Amós Oz, com a obra *תמונות מחיי הכפר* *Temunot merraiei hakifar*, publicada em 2009, e David Grossman, autor do livro *ספר הדקדוק הפנימי* *Sefer hadiqduq hapenimi* de 1991⁶.

Como representante do falar coloquial israelense, escolhemos as obras *אניהו* *Anihu* (2002); *פתאום דפיקה בדלת* *Pitom defiká badelet*, lançada em 2010, ambas do autor Etgar Keret. Críticos literários, como Rozenchan (2004), asseveram que as obras de Keret têm como traço característico refletir a fala cotidiana da sociedade israelense.

Segundo Izre'el (2005), até recentemente, as variantes faladas da Língua Hebraica escrita não costumavam chamar atenção acadêmica, pois elas eram consideradas formas degradadas da escrita, compostas por configurações defeituosas indignas de descrição.

Lançando olhar para as pesquisas existentes do Hebraico Israelense, verificou-se que há um pequeno número de tratamentos linguísticos abrangendo sua sintaxe e, menos ainda, a construção gramatical do Hebraico Israelense Falado. Exemplos disto são obras de Waldman, 1989; Khan, 2003. Aos listados, deve-se acrescentar, especialmente, Schwarzwald, 2001.

Há trabalhos relacionados com outros temas como sistema verbal, sufixos pronominais entre outros (nestes se destacam as obras do Prof. Shlomo Izre'el, da Universidade de Tel Aviv, e de Bernad Spolsky, professor da Universidade de Bar-Illan), ou seja, estes se relacionam com os diversos temas pertinentes ao campo gramatical da Língua Hebraica. No entanto, em nossa pesquisa não encontramos algum se referindo de modo específico

⁶ A obra de Grossman, apesar de ter sido editada em 1991, foi mantida em nossa pesquisa, pois a edição em Língua Hebraica que adquirimos era de 2011. Como sua edição original era próxima a virada de século, em comum acordo com nossa orientadora resolveu-se manter a obra para análise e a partir dela ver se a possível tendência de neutralização e erosão já se fazia presente nove anos antes do início do século XXI.

à erosão e/ou neutralização da flexão de gênero (morfossintaxe) e suas implicações.

A flexão de gênero ocupa posição privilegiada na estrutura do Hebraico por servir de 'ferramenta' a muitas regras e convenções. Esta categoria flexional rege este sistema linguístico no âmbito do uso dos recursos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos facilitando a articulação entre as áreas e oferecendo múltiplos suportes para variadas interfaces. É com esse caráter que propomos esta pesquisa e julgamos de relevância o tema que iremos desenvolver.

Este estudo busca lançar luzes sobre a hipótese de que existe uma tendência de erosão da marca de gênero feminino na Língua Hebraica nas 2ª e 3ª pessoas plurais⁷ no tempo futuro (תקטולנה *tiqtolnah*), a qual é substituída pela forma masculina não marcada morfológicamente como um índice de neutralização de gênero. Assim como, a erosão e/ou neutralização de gênero nas relações morfossintáticas entre nomes (substantivos) e numerais cardinais, ou até mesmo com pronomes em relações de coesão referenciais.

No que se refere à erosão e/ou neutralização da marca de gênero nas configurações propostas, buscou-se verificar se sustentava a hipótese de que esse fenômeno na estrutura da Língua Hebraica é fruto das profundas transformações⁸ na sociedade israelense. Além disso, cabe salientar que estudos linguísticos classificam o Hebraico como uma língua de gênero gramatical que se caracteriza na distinção clara de dois gêneros, seja nos nomes e numerais ou, ainda, no sistema verbal (BEREZIN, 1995 *apud*

⁷ Ambas explicitam a mesma forma.

⁸ Pode-se afirmar que as transformações ocorridas na Língua Hebraica são frutos tanto do legado e contato intergeracional israelense quanto da multiplicidade de seu convívio linguístico oriundo das diversas "Aliot (ondas imigratórias) que ajudaram a repovoar o novo "Iar judaico" e posterior Estado de Israel, de suas relações políticas e comerciais externas, assim como a constante instabilidade no campo bélico com países vizinhos.

SILVA, 2009⁹). É sobre essas configurações paradoxais entre norma e uso que nos debruçaremos.

Pautados nos pressupostos, de Barocas (2006), de que “a importância da língua na definição da identidade não é um fenômeno estático, pois depende do contexto no qual a identidade se expressa”, nosso ponto de partida é entender a conjuntura sociolinguística que propiciou o desenvolvimento da sociedade israelense, assim como a língua que a representa.

O itinerário que escolhemos fazer para este estudo inclui, além da introdução, cinco capítulos, alguns apresentando reflexões teóricas, enquanto outros, realizações mais práticas. São eles: Sociedade israelense: percursos e implicações (capítulo 2); A conjuntura dos movimentos sociais e suas implicações na sociedade israelense (capítulo 3); Situação linguística na sociedade israelense contemporânea (capítulo 4); Neutralização da flexão de gênero na Língua Hebraica (capítulo 5); Análises das obras selecionadas (capítulo 6). A estes capítulos seguem-se as conclusões com considerações sobre o que encontramos em nosso estudo.

O capítulo 2 propõe uma breve investigação sobre a sociedade israelense, partindo de seu estabelecimento em *‘Erets Yisra’el*. Este capítulo terá um enfoque diacrônico, em razão da importância da instituição do *Yishuv* e das “*Aliot*, ondas imigratórias, para um novo grupo social em contrapartida à diáspora judaica. Ao focalizar o nascimento da sociedade israelense, pretende-se indicar o panorama social e geopolítico que propiciou o (re)nascimento da Língua Hebraica como instrumento de fala cotidiana. Este cenário, por sua vez, estabeleceu bases que ajudaram a moldar tanto a identidade da nova sociedade que despontava quanto sua representação linguística.

⁹ BEREZIN, Rifka. Dicionário Hebraico-português. São Paulo: Edusp, 1995 *apud* SILVA, C.S. **Questões de gênero no Hebraico: análise dos termos zarrar unekevá na Língua Hebraica**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2009.

Outras discussões, referentes à sociedade israelense, serão incluídas neste capítulo. Subjugada ao Mandato Britânico¹⁰, essa nova construção social judaica encontrou reveses nas áreas da geopolítica e de planificação linguística. Embates com britânicos e árabes geraram diversos conflitos e, com saída dos primeiros, a construção da identidade israelense, com destaque para a geração *tsabra*¹¹, foi forjada entre guerras que foram desencadeadas a partir da *Declaração Balfour*¹².

Como referenciais teóricos deste florescimento da sociedade israelense, adotamos as reflexões de Rozenchan (2004¹³), a obra sobre a sociedade israelense de Eisentadt (1977¹⁴), acrescido a esta os estudos de Alves (2004¹⁵), Barocas (2006) e Zohar (1998¹⁶). Para embasamentos

¹⁰ O Mandato Britânico da Palestina (1920-1948) foi estabelecimento de uma comissão legal para a administração da Palestina, cujo projeto foi formalmente confirmado pelo Conselho da Liga das Nações.

¹¹ *Tsabra* (em Hebraico צבר, pronuncia-se *tsabar*) é uma fruta que cresce nos cactos dos territórios de Israel e da Palestina, bem como em outras regiões do mundo. É dura e espinhosa em seu exterior. Por dentro, contudo, é macia, e tem sabor bem doce. É cultivada e consumida em Israel e outros países. Por ser áspera por fora e suave em seu interior, na linguagem e no imaginário popular de Israel, seu nome é dado aos judeus nascidos no país, que são descendentes, em sua maioria, de judeus vindos dos países da Diáspora a partir de fins do século XIX, e geraram uma cultura, um modo de vida e uma maneira de se relacionar com o mundo e a si mesmos, diferente da dos judeus vindos da Diáspora. Estes, ao se adaptarem à sociedade local, tendem a aspirar ser reconhecidos como sabras, com o passar dos anos. Revista Morashá - Artigos. www.morasha.com.br.

¹² A intenção de estabelecer um "lar nacional" para os judeus na Palestina foi baseada em parte nos laços religiosos e históricos com a região. A proposta teve o apoio do governo britânico na Declaração Balfour, de 1917. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1501200909.htm>

¹³ ROZENCHAN, Nancy. **Literatura Hebraica: vertentes do século XX**. São Paulo: Humanitas. 2004.

¹⁴ EISENSTADT, S. N. **Sociedade israelense**. Rio de Janeiro: Perspectiva. 1977.

¹⁵ ALVES, Ieda Maria. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In Isquerdo, Aparecida N.; Krieger, Maria da Graça (Org.). **As ciências do Léxico 2. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2004, p.77-87.

¹⁶ ZOHAR, Itamar Even: O Surgimento de uma cultura hebraica nativa na Patestina (1882-1948) In: **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**. n. 1. USP/ São Paulo, 1998).

sobre o período de conflitos e guerras, acrescentamos as ponderações de Bar-On (2006¹⁷), Balley (1990¹⁸), Bregmam (2002¹⁹) e Barzilai (1996²⁰).

O capítulo 3 busca conduzir o debate em torno dos movimentos sociais e suas implicações na Língua Hebraica Israelense. Este capítulo pretende estabelecer uma visão panorâmica dos movimentos sociais na modernidade, enfatizando, de modo particular, movimentos que ajudaram a moldar a cultura israelense, assim como os novos movimentos sociais (NMS) que ganharam maior expressão no cenário Pós-Segunda Guerra Mundial. Trata-se, pois, de um esforço de contextualizar a função destes movimentos sociais no viver israelense e suas implicações sociolinguísticas.

Aqui apoiamos nossas pesquisas na obra de Gohn (2011²¹) para entendermos as conjunturas do NMS. Particularizando a questão para o seio da sociedade israelense, evocamos como referenciais teóricos Rubinstein (2007²²), Metz (1990²³) para os clássicos movimentos sociais atuantes nessa conjuntura. Para atuação do movimento feminista e os grupos LGBTs, nossos estudos se pautam em Herzog (2009²⁴), Levon (2010²⁵) e Navarro

¹⁷ BAR-ON, Mordechai. **O Conflito Interminável: história militar israelense**. New York: University Press, 2006.

¹⁸ BAILEY, Sydney. **Quatro Guerras Árabe-israelenses e o processo de paz**. Londres: MacMillan Press, 1990.

¹⁹ BREGMAN, Ahron. **Guerras de Israel: uma história desde 1947**. London: Routledge, 2002.

²⁰ BARZILAI, Gad. **Guerras, conflitos internos e ordem política: uma democracia judaica no Oriente Médio**. New York: University Press, 1996.

²¹ GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. In: Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>

²² RUBINSTEIN, Amnon. **Return of the kibbutzim**. The Jerusalem Post. 10 julh. 2007. Disponível em: <http://www.jpost.com/Opinion/Op-Ed-Contributors/Return-of-the-kibbutzim>

²³ METZ, Helen Chapin. **Kibbutz e Moshav**. Capítulo 2. *Israel: Um Estudo do País*. ed. Federal, Divisão de Pesquisa da Biblioteca do Congresso. 1990.

²⁴ HERZOG, Hanna. **Feminism in Contemporary Israel**. Jewish Women: A Comprehensive Historical Encyclopedia. 1 March 2009. Jewish Women's Archive. (Viewed on November 4, 2014) <<http://jwa.org/encyclopedia/article/feminism-in-contemporary-israel>>.

²⁵ LEVON, Erez. **National Discord: Language, Sexuality and the Politics of Belonging in Israel**, 2010. Disponível In: <https://files.nyu.edu/eml246/public/abstract.pdf>

(2012²⁶). Estudos destes autores indicam algumas tendências de neutralização de gênero na Língua Hebraica evidenciadas nestes novos movimentos sociais.

O capítulo 4 realçará dois momentos chaves da sociedade israelense e seu desenvolvimento linguístico. O percurso da Língua Hebraica em *'Erets Yisra'el* ocupa lugar específico dentro do plano da colonização judaica e seu restabelecimento em solo israelense como uma sociedade autônoma.

Pretende-se revisitar as bases da Língua Hebraica Israelense através do percurso da língua escrita renascida através do esforço da *Ralutsiut*²⁷. Nessa perspectiva, serão mostrados o desenvolvimento e a normatização do falar israelense e que possíveis tendências podem ser aferidas na Língua Hebraica atual.

Para isso, seguimos de perto os estudos linguísticos sobre diglossia de Ferguson (1989²⁸), reflexões sobre o ressurgimento da Língua Hebraica nas obras de Langer (1998), Berezin (1995), Rabin (1970²⁹) entre outros. Para a relação entre o Hebraico e sociedade israelense e o desenvolvimento de ambos, evocamos as pesquisas de Guinsburg (1966³⁰), Cassirer (1977³¹)

²⁶ NAVARRO, Lourdes Garcia. **Israel Presents Itself As Haven For Gay Community**. 2012. Disponível em: <http://www.npr.org/2012/06/04/154279534/israel-presents-itself-as-haven-for-gay-community>

²⁷ **The pioneer movement of the halutzim in the region of Palestine**. Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/halutziut>

²⁸ FERGUSON, Ch. "Gramatical Agreement in Classical Arabic and in Modern Dialects". In: **Structuralist Studies in Arabic Linguistic**. BELNAP K.; HAERI, N. Netherlands, 1989, p. 81-92.

²⁹ RABIN, Chaim. **Ressurgimento da Língua Hebraica**. B'nai B'rith, 1970.

³⁰ GUINSBURG, Jacó. **Nova e Velha Pátria**. São Paulo: Perspectiva, 1966.

³¹ CASSIRER, Enerst. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

e Garcia (2010³²). Seguindo o percurso da Língua Hebraica, nos apoiamos em Izre'el (2003³³), Dekel (2010³⁴), Sturz (2010³⁵) e outros referenciais.

O capítulo 5 investigará os fundamentos da neutralização da flexão de gênero na Língua Hebraica. Noções gerais sobre o assunto serão objeto de discussão com objetivo de aporte teórico para as análises, assim como algumas considerações sobre o uso da categoria flexional de número. Nossos referenciais teóricos para a questão são as obras de Marlowe (2005³⁶), Curzan (2003³⁷), Peters (2004³⁸) e Corbett (2000³⁹).

Este capítulo propõe, ainda, verificar parâmetros de configurações verbais da Língua Hebraica e das relações morfossintáticas entre numerais cardinais e substantivos, sobre os quais se pretende perceber a presença ou não da erosão e/ou neutralização da flexão gênero. Nossas reflexões, neste caso, tiveram aporte dos estudos de Levon (2012⁴⁰), Zuckmann

³² GARCIA, Claudia Regina Gama. **Conflitos, medos e dores na literatura infanto-juvenil israelense**: análise de obras selecionadas entre as décadas de 70 e 90. 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

³³ IZRE'EL, Shlomo (2003). "The Emergence of Spoken Israeli Hebrew." In: Benjamin H. Hary (ed.). **Corpus Linguistics and Modern Hebrew: Towards the Compilation of The Corpus of Spoken Israeli Hebrew (CoSIH)**", Tel Aviv: Tel Aviv University, The Chaim Rosenberg School of Jewish Studies, 2003, pp. 85-104.

³⁴ DEKEL, Nurit. **A matter of time: tense, mood and aspect in spontaneous spoken Israeli Hebrew**. Universidad de Amsterdam: Lot, 2010.

³⁵ STURZ, James. **The Mysteries of Slang**. Forward. 1994. HighBeam Research. 28 Jul. 2010 <<http://www.highbeam.com>>.

³⁶ MARLOWE, Michael. The gender-neutral language controversy. In: GRUDEM, Wayne; POYTHRESS, Vern. **The TNIV and the Gender-Neutral Bible Controversy**. Canadá: B&H Academic, 2005.

³⁷ CURZAN, Anne. **Gender shifts in the history of English**. Cambridge University Press, 2003.

³⁸ PETERS, Pam. **The Cambridge Guide to English Usage**. Cambridge University Press, 2004.

³⁹ CORBETT, Greville G. **Number**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2000.

⁴⁰ LEVON, Erez. Gender, prescriptivism, and language change Morphological variation in Hebrew animate reference. In: **Language Variation and Change**, 24 (2012), 33–58. Cambridge University Press, 2012

(2008⁴¹), Izre'el (2002⁴²), Bliboim (1995⁴³), Kabeli (2012⁴⁴), Zadock (2012⁴⁵), Glinert (1989⁴⁶), Ornan (2003⁴⁷), Steiner (2010⁴⁸) entre outros.

O capítulo 6 examinará as obras selecionadas para nossa pesquisa. Este estudo visa sublinhar, pautado nos conceitos diglóticos, a incidência da erosão e/ou neutralização da flexão gênero. Os textos foram dispostos e divididos sob dois vieses temáticos:

1. Obras referenciais da *língua high* (norma culta), com os livros חסד ספרדי (2011) de 'A.B. Yehoshua, תמונות מחיי הכפר (2009) de "Amós" Oz, e ספר הדקדוק הפנימי (2011) de David Grossman.
2. Obras expressivas da *língua lower* (variante coloquial), neste foram selecionados dois livros de 'Etgar Keret פתאום דפיקה בדלת (2010) e אניהו (2002).

Início a análise com algumas considerações iniciais sobre cada obra em questão e, posteriormente, passamos às análises específicas pontuando reflexões sobre a erosão e/ou neutralização de gênero.

Por último, traremos reflexões e conclusões sobre os dados obtidos em nossas análises e suas implicações.

⁴¹ ZUCKEMANN, Ghil'ad. **Realistic Prescriptivism**: the Academy of the Hebrew Language, its Campaign of "Good Grammar" and *Lexpionage* and Native *Israeli* Speakers. Israel Studies in Language and Society. 2008.

⁴² IZRE'EL, Shlomo. **Studies in the Spoken Language and in Linguistic Variation in Israel**. TEL-AVIV UNIVERSITY 2002.

⁴³ בליבוים, רבקה. **תחביר +: תחביר פונקציונאלי למורים לעברית ולתלמידים מתקדמים**. ירושלים: אקדמון, 1995.

⁴⁴ קבלי, רחל. **לדעת לשון: תורת הצורות, אוצר מילים ומשמעים, תחביר ושחבור**. אבן יהודה: רכס, 2002.

⁴⁵ ZADOCK, Gila. **Similarity, variation, and change**: instability in hebrew weak verbs. Thesis doctor of philosophy. Tel Aviv University. December 2012.

⁴⁶ GLINERT, Lewis. **The Grammar of Modern Hebrew**. New York: Cambridge University Press, 1989.

⁴⁷ ORNAN, Uzzi. **The Final Word: Mechanism for Hebrew Word Generation (in Hebrew)**. Haifa University. 2003.

⁴⁸ STEINER, Richard C. Ancient Hebrew. In: CALLAHAM, Scott N. **Modality an the Biblical Hebrew Infinite Absolute**. Germany: Deutsche Morgenländische Gesellschaft, 2010.

2 SOCIEDADE ISRAELENSE: PERCURSOS E IMPLICAÇÕES

Ao pensarmos sobre o conceito do termo sociedade, partimos do pressuposto de uma convivência e atividade conjunta do homem. Todavia, a sociedade não é um mero conjunto de indivíduos vivendo juntos em um determinado lugar, é também a existência de uma organização social, de instituições e leis que regem a vida dos indivíduos e suas relações mútuas. Assim, *sociedade* é um sistema de símbolos, valores e normas, como também é um sistema de posições e papéis.

Cambiando entre as concepções de Durkheim, Marx e Weber entre outros pensadores, os *Ralutsim*⁴⁹ (pioneiros) lançam bases para a formação de uma nova sociedade, ainda que ligada ao judaísmo, não religiosa e, sim, israelense em sua essência. Que símbolos ou valores adotar? Vem a inquietante indagação. Assim, nasce a concepção *Tsabra* (hebreu novo) entre mudanças e continuidades na formação da coletividade israelense como uma sociedade moderna.

Fugindo de métodos ortodoxos, o novo hebreu cria seus próprios métodos de respostas aos novos e contínuos problemas que se punham a sua frente. Esses embates de sobrevivência individual e coletiva se refletiram na Literatura Hebraica Israelense e trouxe implicações linguísticas ao Hebraico renovado.

Tendo como referencial a proposição de que língua é manifestação particular e uma atividade dialógica de natureza sócio-cognitiva e histórica

⁴⁹ Encontramos a definição de *Raluts pl. Ralutsim*, no dicionário Merriam Webster, como "a Jew who immigrated to the region of Palestine especially as part of a movement in the years after World War I to work the land and create Jewish settlements". Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/halutz>.

Os *Ralutsim* foram os primeiros judeus e judias a voltarem para Israel, antes da fundação do estado de Israel, foram aqueles que prepararam a terra, vencendo pântanos, desertos e todos os obstáculos para que, posteriormente, fossem cultivadas as primeiras mudas e plantadas as primeiras árvores, estabelecendo movimentos sociais como o qibuts entre outros.

de uma sociedade (Marcushi, 2005⁵⁰), podemos afirmar que “a Literatura Hebraica serviu como arena de uma luta pela cristalização de uma identidade israelense tendo uma participação ativa e decisiva na criação da israelidade, o caráter de ser, em Israel” (ROZENCHAN, 2004, p. 11⁵¹).

Segundo Rozenchan (2004), uma identidade é fruto do estabelecimento de um círculo em que apenas os que se encontram dentro dele são associados à mesma identificação. Mas como forjar uma sociedade israelense em ambiente estranho e hostil, além da contínua tensão entre realidade social e cultural do *Yishuv*⁵², ou comunidade judaica na Palestina? Para Eisenstadt (1977⁵³), foi o encontro desses fatores que moldou as características desta sociedade:

A sociedade israelense é provavelmente mais complexa do que a de qualquer um dos países circunvizinhos, consistindo em grande parte de imigrantes, das mais variadas formações culturais, expostos às tensões do cadinho que é Israel. A tradição religiosa e as tendências modernizadoras, as dificuldades econômicas e as ideologias políticas conflitantes, numa guerra contínua – tudo isso deixou sua marca. (EISENSTADT, 1977, p. 5)

⁵⁰ MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros textuais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

⁵¹ ROZENCHAN, Nancy. **Literatura Hebraica: vertentes do século XX**. São Paulo: Humanitas. 2004.

⁵² Yishuv (em Hebraico: ישוב, literalmente "assentamento") ou Ha-Yishuv ("o assentamento", em Hebraico: הישוב, ou ainda, na expressão completa, הישוב היהודי בארץ ישראל, *Hayishuv Hayehudi b'Eretz Yisrael* (em português: "o assentamento judeu na Terra de Israel") é um termo hebraico que se refere aos assentamentos judeus existentes na Terra Santa antes da criação do Estado de Israel. Os residentes também são mencionados coletivamente como *Yishuv* ou *Ha-Yishuv*. O termo entrou em uso nos anos 1880, quando havia cerca de 25.000 judeus na Palestina (para os judeus, *Eretz Yisrael*), e continuou a ser usado depois de 1948. Distinguem-se o "velho *Yishuv*" - o conjunto dos judeus que viviam na Palestina sob o Império Otomano, antes de 1880, assim como os seus descendentes e, por extensão, os imigrantes religiosos que se juntaram a essas comunidades ortodoxas antes da criação do Estado de Israel - e o "novo *Yishuv*", que designa as populações judias que se estabeleceram na região a partir da *Aliá* de 1882, no contexto do projeto sionista. HALAMISH, Aviva. The Yishuv: The Jewish Community Mandatory Palestine In: Israel Studies An Antology, 2009. Disponível em: <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/isdf/text/halamish.html>

⁵³ EISENSTADT, S. N. **Sociedade israelense**. Rio de Janeiro: Perspectiva. 1977.

Diante disto, podemos afirmar que reconstruir a trajetória é uma tarefa instigante pelo próprio desafio que esta propõe. Além disso, esta tarefa nos obriga a um difícil movimento de pensamento, pois busca fixar e destacar, no fluxo contínuo e ininterrupto do tempo, pontos significativos do passado que se sobressai a outros. Neste caminhar retrospectivo e prospectivo na busca de uma identidade, é possível identificar a força permanente da Língua e da Literatura Hebraica na construção da sociedade israelense.

Fruto profícuo de diferentes estratos linguísticos produzidos nos diversos períodos históricos e literários, os quais contribuíram e, ainda o fazem, como engrenagens indispensáveis a um sistema sincrônico, o Hebraico Israelense nos permite postular e demonstrar que “as relações entre língua e sociedade, determinantes para a criação de novas unidades lexicais, não raro determinam também a estrutura de novas unidades lexicais” (ALVES, 2004, p. 86⁵⁴).

Dessa forma, entender os desdobramentos da sociedade israelense implica conhecer, ainda que de forma sucinta, a instituição do *Yishuv*, sua definição e seus movimentos migratórios. Este processo de construção de identidade israelense e seus possíveis desdobramentos até a contemporaneidade são permeados por disputas internas, assim como movimentos bélicos com povos árabes presentes nas adjacências.

⁵⁴ ALVES, Ieda Maria. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In Isquierdo, Aparecida N.; Krieger, Maria da Graça (Org.). **As ciências do Léxico 2. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2004, p.77-87.

2.1 A INSTITUIÇÃO DO YISHUV

Para uma melhor compressão da relação intrínseca entre língua e sociedade, nos debruçaremos a uma pequena análise, sem pretensão histórica, dos principais desenvolvimentos institucionais do *Yishuv* e da sociedade israelense. Segundo Eisenstadt (1977), o termo velho *Yishuv* é utilizado para identificar a sociedade judaica tradicional da Palestina, enquanto que a sociedade que se desenvolveu a partir do movimento dos *Ralutsim* recebeu o nome de *Novo Yishuv*.

Historicamente, o Velho *Yishuv* remota ao agrupamento judaico anterior às "Aliot de 1881"⁵⁵. O modelo social do Velho *Yishuv* é fruto do retorno à Palestina, desejada Terra Santa, que ocorre em meados do século XIII com a desintegração dos reinos francos. Os padrões do Velho *Yishuv* tinham como ideologia a formação de comunidade com identidade coletiva pautada em ideais religiosos.

Diferentemente dessa concepção, o *Novo Yishuv*, ou apenas *Yishuv* se caracteriza pelo espírito pioneiro e pela conotação política, sob a tutela do movimento sionista, e tem como foco principal 'colonizar' as terras da, então, Palestina visando à concretização da criação de um Estado Judeu.

O marco inicial para essa empreitada foi o movimento migratório da Primeira Aliá, quando mais de 25.000 judeus, em sua maioria, fugindo de perseguições e *pogroms*⁵⁶ na Rússia se estabelecem em 'Erets Yisra'el comprando terras, o que possibilitou a criação de inúmeros assentamentos

⁵⁵ O "novo *Yishuv*", que designa as populações judias que se estabeleceram na região a partir da Aliá de 1882, no contexto do projeto sionista.

⁵⁶ *Pogrom* (em iídiche, פּאָגראָם, do russo погром) é um ataque violento maciço a pessoas, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos). Historicamente, o termo tem sido usado para denominar atos em massa de violência, espontânea ou premeditada, contra judeus, protestantes, escravos e outras minorias étnicas da Europa.

Yesod Hama"alah, Rosh Pinna, Gedera, Rishon Le'tsion, Nes Tsiona e Rechovot. Vale ressaltar, que as orientações ideológicas dos primeiros pioneiros moldaram a formação dessa sociedade, seus símbolos, linguagem e constituição cultural.

Como se pode perceber, existe uma gama de influência de outras culturas na Língua Hebraica, tendo em vista, o fato de que tais ondas migratórias judias trouxeram consigo traços característicos de sistemas linguísticos e sociais das sociedades em que viviam. Eisenstadt é enfático quando ressalta a complexidade cultural de Israel, levando-se em consideração as grandes migrações e sua consequente exposição a tradições tão distintas. Eisenstadt (1977⁵⁷), nos alerta que:

O problema central e o mais constante da sociedade israelense tem sido principalmente o da habilidade em forjar uma sociedade moderna, dinâmica e uma ordem cultural que pudessem combinar o caráter de uma estrutura moderna, diferenciada, social e econômica com o desenvolvimento de uma nova identidade cultural enraizada simultaneamente na tradição judaica e na rebelião revolucionária contra alguns aspectos daquela tradição que epitomasse o movimento sionista; segundo, a possibilidade de executar tal visão em país relativamente subdesenvolvido em pequena escala e em ambiente estranho e em última análise hostil. (EISENSTADT, 1977, p. 6)

Não obstante, as ideologias do *Yishuv* estavam, também, relacionadas com o esforço da consolidação de uma nova nação (ideologia sionista); constantemente permeadas por diferentes ondas migratórias que culminavam em diferentes problemas devido a sua expansão e propunha uma diferenciação da própria estrutura social do *Yishuv*.

Essa congruência estabelecida nas distintas instituições e orientações ideológico-revolucionárias forjou o desenvolvimento social do *Yishuv* e do Estado de Israel como sociedade judaica moderna.

⁵⁷ EISENSTADT, S. N. **Sociedade israelense**. Rio de Janeiro: Perspectiva. 1977, p. 6

De sorte que, a partir da institucionalização do *Yishuv* é possível aferir significativas mudanças e uma estratificação social urbana no seu desenvolvimento enquanto nação; especificamente no campo cultural no que tange ao resgate de uma Língua Hebraica como uma marca identitária, tornando-se a língua nacional comum, a fim de se estabelecer enquanto sociedade moderna.

Para compreendermos este contexto, vale ressaltar que a história da Língua Hebraica reflete a história do povo hebreu. De modo que, Eisenstadt (1977⁵⁸) destaca que a renovação do Hebraico teve importantes repercussões na constituição cultural da comunidade:

O fato da língua religiosa “tradicional” tornar-se a língua nacional comum e instrumento para a conversação de uma comunidade moderna reduziu ao mínimo a possibilidade de que, dentro daquela comunidade, se desenvolvessem grandes brechas ou divisões simbólicas entre o “tradicionalista” e o “modernista”, bem como reduziu ao mínimo a dependência cultural de centros externos estrangeiros como fontes de modernidade”. (EISENSTADT, 1977, p. 8).

Por outro lado, o desenvolvimento dos vários aspectos da estrutura social do *Yishuv* e do Estado consistiu em um processo contínuo moldando e sendo moldado com a inferência das exigências externas e internas.

Como qualquer sociedade em formação, o desenvolvimento da estrutura social israelense enfrentou problemas específicos de formação, no entanto, mantinha-se firme pela manutenção do simples conservantismo estático. Embora, esse conservantismo tendia, muitas vezes, a se misturar com um conservantismo dinâmico, ainda que sob uma estreita identificação ideológica intensificada pela absorção de novos imigrantes.

Por conseguinte, uma das principais características do *Yishuv* e da estrutura social de Israel deu-se pelo fato de ter se desenvolvido no seu interior vários tipos de resposta, ao coexistirem continuamente lado a lado através de uma segregação estrutural e organizacional, de um lado a

⁵⁸ EISENSTADT, S. N. **Sociedade israelense**. Rio de Janeiro: Perspectiva. 1977, p.8

posição sionista dos pioneiros, e de outro, manifestada nas várias ondas de imigração ("*aliot*") para a Palestina.

Assim, embora o estabelecimento de uma comunidade moderna e economicamente adequada fosse fortemente acentuado, isso não era encarado em termos puramente econômicos, antes, colocado dentro de uma nova entidade nacional. Desta forma, o desenvolvimento da sociedade israelense, ainda que com a instituição de uma língua nacional comum, pode ser analisado do ponto de vista de uma comunidade imigrante.

2.1.1 Ondas imigratórias

A colonização em Israel foi determinada, de certa forma, pela tentativa dos pioneiros judeus em transplantar o cenário europeu para a nova terra, tendo por primazia a instauração de um renascimento nacional e social que desencadeasse em uma sociedade moderna e transformada.

Esse sistema imigratório enraíza-se em um processo lento e duradouro. Assim, o encontro desses congêneres provoca novas mudanças políticas e a consequente estratificação social. Eisenstadt (1977) considera que embora estivessem basicamente motivados pelas mesmas razões religiosas:

As comunidades tornaram-se mais heterogêneas e diversificadas e dividiam-se em comunidades europeias (ou ashquenazitas) e comunidades orientais (sefarditas) sendo a última mais homogênea do que a primeira. Cada Grupo imigrante ashquenazita organizava-se de acordo com sua cidade ou origem europeia, e seus pedidos de ajuda econômica dirigiam-se principalmente à sua cidade natal. (EISENSTADT, 1977, p. 38)

Muito embora, a expectativa pela criação do Estado moderno de Israel ser unanimidade dos diferentes grupos sociais; validado, ainda, pela busca da normatização do Hebraico.

É preciso ponderar que a Língua Hebraica em *'Erets Yisra'el* tenha se espalmado em direção própria sob a inferência da realidade que se construía: o desenvolvimento de uma sociedade com características peculiares de seu passado histórico e as contribuições que os imigrantes traziam consigo de suas vivências com o mundo leste-europeu.

De fato, as ondas migratórias contribuíram significativamente para o desenvolvimento institucional do *Yishuv*, plasmando a nova sociedade sionista. Alguns autores consideram o ano de 1822 como o início do movimento migratório judaico, também conhecido como primeira *aliá*, que levou milhões de judeus da Rússia para o Ocidente impulsionado pelo latente antissemitismo da Rússia.

O ano de 1882, ano da primeira *"aliá* (imigração para a Terra de Israel), foi fixado convencionalmente como ponto de partida para a nova colonização judaica na Palestina. A principal diferença entre a maioria dos movimentos de migração e o dos judeus para a Palestina está na atividade consciente e deliberada, conduzida pelos próprios imigrantes, de substituição de elementos da cultura que trouxeram consigo. A ideologia sionista forneceu a principal motivação para a migração para a Palestina. (BAROCAS, 2006, p.48)⁵⁹.

Nos períodos seguintes, aconteceram outras, *"aliot*, motivadas por diferentes fatores e ideologias que afetavam diretamente no que diz respeito à organização social e política das atividades do *Yishuv*, não obstante, propiciando a criação e reinterpretação de valores até então rudimentares.

⁵⁹ BAROCAS, Ester: A Língua Hebraica? Vai bem, obrigada, pelo menos por enquanto... **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**. n. 5. USP/ São Paulo, 2006.

Segundo Eisenstadt, a partir desse estreitamento social, muitos núcleos institucionais e organizacionais foram estabelecidos na busca da construção de uma sociedade moderna:

A segunda "*aliá* foi fundamentalmente composta de grupos sectários de jovens que tentavam forjar novos símbolos e encontrar novas soluções para problemas sociais e nacionais mais amplos e que consideravam suas próprias atividades práticas como expressões simbólicas de tais soluções. Suas próprias tentativas de instalar novas estruturas organizacionais e institucionais eram consideradas principalmente como experiências para expressar os problemas básicos da sociedade futura emergente. (EISENSTADT, 1977, p. 52)

Ainda nesse período, muitas batalhas ideológicas foram travadas, principalmente com relação ao que diz respeito à educação no que concerne a instrução, se a mesma deveria ser ministrada em Hebraico, bandeira levantada pelos hebraístas, ou em alemão como defendia a organização filantrópica judeu-alemã. Consoante, aos pressupostos de Eisenstadt, esse era um ideal não apenas para a comunidade local, mas pretendia alcançar toda a juventude judaica na diáspora:

As novas metas educacionais eram dirigidas não para transmissão de uma determinada herança cultural, mas para a criação de novos elementos culturais da cultura judaica (embora, mormente em forma não-religiosa) com o melhor da herança universal e moderna. (EISENSTADT, 1977, p. 54)

Muito embora, a segunda "*aliá* refletira para além da organização social concreta e ideológica, apesar da presença de muitos pioneiros, ela se apresentava de forma heterogênea e diversificada; se reorganizando, ainda, em novas comunas de colonização que aspiravam anseios políticos com relação à colonização e mais precisamente com a criação de uma nova comunidade judaica, propiciando a formação de novos grupos sociais,

Alguns membros fundiram-se com novos grupos imigrantes para fundar novas colônias, enquanto outros permaneceram relativamente autossuficientes no processo de estabelecimento. As aldeias que fundaram incluíam pequenos

e grandes *qibutsim*, bem como o novo tipo de coletivo, o *moshav*. (EISENSTADT, 1977, p. 63)

Não obstante, a economia do *Yishuv* continuou a crescer e a diversificar-se; e as imigrações continuaram durante o todo século XIX. Mas no início do século XX, tinha característica específica dos que fugiam, pois percebiam que as comunidades judaicas da Europa estavam em processo de desintegração.

Então, ao traçar Jerusalém ou 'Erets Yisra'el como refúgio social, chegavam imbuídos das novas ideologias que advindas da Europa que influenciou o processo de estabelecimento da sociedade israelense.

Até a década de 1920 as "*aliot* para a Palestina, no entanto, apresentavam pequena significação numérica; mudando expressivamente a partir da década de 30 com grande fluxo de refugiados da perseguição nazista.

Nesse período, a instituição dos *qibutsim*⁶⁰ apresentava-se como uma organização distinta, cuja ideologia estava voltada para uma filosofia de autossuficiência econômica atrelada a um idealismo socialista que visava igualdade de produção e consumo, com uma perspectiva ideológica orientada para o trabalho e a industrialização nacional.

Eisenstadt assegura que devido às divergências ideológicas, os diferentes grupos sociais em formação estabeleceram pontos de conflitos entre si, segundo o autor:

Durante esse período, os vários grupos e movimentos trabalhistas tiveram de competir por seu lugar na sociedade emergente, acentuando a crescente necessidade de inter-relações regularizadas entre os diferentes grupos e setores do *Yishuv* (Eisenstadt, 1977, p. 65).

⁶⁰ Um *qibuts* (hebraico: קיבוץ; pl.: *qibutsim*: קיבוצים, "reunião" ou "juntos") é uma forma de coletividade comunitária judaica. Essas comunidades coletivas voluntárias desempenharam papel essencial na criação do Estado judeu. Combinando o socialismo e o sionismo no sionismo trabalhista, os *qibutsim* são uma experiência única judaica e parte de um dos maiores movimentos sociais comunais na história.

Dessa forma, os principais grupos pioneiros são considerados como idealizadores e realizadores. Estes pretendiam influenciar o seu redor com uma ideologia que valorizava o trabalho e nascimento de uma nova cultura.

Diversos fatores histórico-políticos, ao longo dos anos interferiram e contribuíram para a construção do desenvolvimento institucional do *Yishuv*, mas é na quinta "aliá, verificada no início dos Anos 30, que se percebe uma acentuada mudança na motivação da imigração, impulsionada grandemente por fatores antissemitistas, trouxe consigo padrões profissionais burgueses⁶¹.

De acordo com Eisenstadt, grandes transformações político-sociais acontecem nesse período, sendo mola propulsora para o desenvolvimento de novos setores e empreendimentos econômicos e financeiros, o que de certa forma exigiria a regulamentação para as diferentes inter-relações econômicas:

Foi durante a quinta "aliá que se intensificaram os problemas políticos externos, a ponto de se chegar a um colapso gradual das relações entre judeus, árabe e o poder mandatário. A situação internacional piorou: a guerra abissínia, o período pré-Munique e o crescimento do nacionalismo árabe militante contribuíram para esse desfecho. Dentro da Palestina, a deterioração refletia-se nos tumultos que começaram no início de 1936 e que intensificaram o conflito entre árabes e judeus. (EISENSTADT, 1977, p. 67).

Concernente a isto, a um grande estreitamento no desenvolvimento da comunidade judaica que se estabelece dentro de uma estrutura do Mandato Britânico e da população árabe.

No entanto, não se integrando a este cenário, buscou sua independência na possibilidade da instituição do Estado de Israel, e pontualmente no estabelecimento do Hebraico como língua comum do

⁶¹ Os integrantes desta onda imigratória eram, em sua grande maioria, membros da burguesia judaica da Alemanha, profissionais liberais e membros da classe média. Esta onda imigratória trouxe um grande impulso desenvolvimentista a Israel, em especial ao avanço urbano em Jerusalém, Tel Aviv e outras cidades.

Yishuv. Visto que, uma vez instituída como língua comum, era possível estabelecer caminhos para a manutenção de suas tradições religiosas e estabelecer uma ligação identitária comum.

Podemos considerar que o surgimento do Hebraico renovado deve-se a uma congruência de diferenças sociais, culturais e linguísticas existentes dentro do contexto de diferentes grupos sociais participantes na instituição do *Yishuv*.

Ainda que tal renascimento tenha sido proposto pela primeira geração como uma meta ideológica e aceito pelas demais gerações como uma língua natural e tradicional; o "hebreu novo"⁶² se estabelece em um ambiente social de grandes influências linguísticas e sociais externas.

2.2 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NO PERÍODO ENTRE GUERRAS

A comunidade judaica da Palestina motivada ideologicamente pelo sionismo desenvolveu uma base política, econômica e cultural pautada no voluntariado, no qual as instituições sociais exerciam autoridade sem soberania; essa sociedade moderna se estabelece, principalmente, no período que antecede a segunda guerra mundial.

Contudo, o cenário bélico em âmbito mundial e um programa sistemático antissemita de perseguição aos judeus, colocados em prática na Alemanha sob o domínio de Adolf Hitler, encontra similitude em *'Erets Yisra'el*. Apesar de relativa segurança frente às intenções nazistas, a

⁶² Segundo Rozenchan (2004, p. 13-14), "Na medida em que a comunidade hebraica em *'Erets Yisra'el* foi se fortificando e o centro da atividade sionista, assim como a literatura, se transferiu para o país, cristalizou-se o ideal da "hebraicidade" que vai transformar o "novo *'erets-isralense*" no "hebreu novo"... judeu jovem, pioneiro... amante do trabalho, ligado à natureza, apaixonado pelo país, ativo, corajoso, forte e bravo; ereto, saudável... essa lista de qualidades mostra claramente que o "hebreu novo" é construído como oposição consciente aos modelos do "judeu do exílio".

situação dentro da sociedade sofria com o crescente nacionalismo árabe que intensificava o conflito entre judeus e árabes.

Não obstante, para os judeus "cada onda de perseguição e violência fortalecia sua crença no conceito de "reunião dos exilados" e inspirava indivíduos e grupos a retornar à sua pátria ancestral⁶³".

A quinta "aliá é a mais representativa em termos numéricos com relação à questão imigratória; período, este que perdurou de 1933 a 1945, e contribuiu decisivamente para fortalecer a ideologia sionista.

Além do mais, antes da guerra, os nazistas consideravam a deportação em massa de judeus alemães, e estabeleciam planos para deportar os judeus (e, posteriormente, de judeus de toda a Europa) para fora do continente europeu.

Neste sentido, a Palestina foi o único local onde qualquer plano de reassentamento nazista conseguiu produzir resultados significativos. Um acordo iniciado em 1933 entre a Federação Sionista da Alemanha (*Die Zionistische Vereinigung für Deutschland*) e o governo nazista, que leva o nome de *Ha'avara*, resultou na transferência de cerca de 60 mil judeus alemães da Alemanha para a Palestina, até a eclosão da Segunda Guerra mundial.

Para Zohar (1998⁶⁴), a comunidade que estabelecia apresentava uma natureza e estrutura altamente fluidas:

O afluxo periódico de grupos, relativamente grandes, de imigrantes, interrompeu ou perturbou continuamente a aparente estabilidade existente na comunidade no que se refere à sua estrutura, consistência demográfica, e características específicas. Cada novo fluxo "resultava numa reestruturação do sistema todo. " (ZOHAR,1998,13)

⁶³ **O POVO: Sociedade judaica.** EMBAIXADA DE ISRAEL EM PORTUGAL. Disponível em: <http://embassies.gov.il/Lisboa/AboutIsrael/People/Pages/POVO-Sociedade-judaica.aspx>

⁶⁴ ZOHAR, Itamar Even: O Surgimento de uma cultura hebraica nativa na Palestina (1882-1948) In: **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**. n. 1. USP/ São Paulo, 1998).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, os judeus que sobreviveram à ideologia antissemita regressam para a Palestina vislumbrando, ainda, com mais vigor a ideologia sionista. Assim, para Eisenstadt, com o término da guerra criou-se uma grande onda migratória propiciando o surgimento de novas colônias, o que de certa forma contribuiu para a criação o Estado de Israel:

No fim da Guerra, quando se tornou conhecida a extensão total do holocausto do judaísmo europeu, houve uma piora imediata do conflito entre o *Yishuv* e os ingleses. Iniciou-se uma luta intensa pela imigração, a qual, por fim, deu origem à série de eventos que culminaram no estabelecimento do Estado de Israel. (EISENSTADT, 1977, p. 68)

O movimento Sionista, fundado no final do século XIX, transformou o conceito em um modo de vida, e o Estado de Israel, o transformou em lei, concedendo cidadania a qualquer judeu que deseje se estabelecer no país. Por conseguinte, a multiplicidade de grupos sociais favorecia a diferenciações culturais e linguísticas entre as velhas comunidades judaicas da Palestina pré-sionista e das novas comunidades que imigravam de outros países.

Esse cenário possibilitou uma situação de diglossia linguística⁶⁵, o que dificultava elevação de uma característica identitária enquanto nação e o renascimento da língua judaica pura sem inferências externas, como atesta Barocas (2006.)

Ademais, o renascimento político e cultural nacional dos povos incluía o renascimento de suas línguas populares, além da elevação da língua à função da cultura de alto nível, inclusive sua ampliação para atender a modernidade. É importante, destacar que as línguas nacionais dos povos da Europa passaram, desde o final da Idade Média até os dias atuais, por processos de enriquecimentos, adaptação, flexibilização e estilização – numa elevação de nível de um lado e numa

⁶⁵ Eleição de uma forma padrão e literária em contraponto ao falar cotidiano israelense.

ramificação em dialetos populares por outro. (BAROCAS, 2006, p. 46)⁶⁶.

Desse modo, havia um grande esforço de assimilação e adaptação linguística, embasada pela busca da emancipação nacional. Para Barocas (2006) esse processo acontece de forma conflituosa e adaptativa:

Os judeus que aspiravam à emancipação se viram obrigados, por um lado a se entrosar no renascimento linguístico-cultural dos povos e, por outro, a interiorizar os valores deste renascimento na língua de sua tradição. As condições que foram se formando no exílio exerciam influência na escolha entre o caminho da assimilação pelos povos com os quais os judeus conviviam e o da imitação com os objetivos do renascimento próprio. (BAROCAS, 2006, p. 47)⁶⁷.

Embora, a língua materna dos imigrantes não fosse o Hebraico, as bases culturais e o estabelecimento desse em 1922 como uma das três línguas oficiais do país, ao lado do Inglês e do Árabe eram argumentos fortes para adoção da Língua Hebraica, bem como o desenvolvimento da Literatura produzida em Hebraico.

2.2.1 Guerra da Independência

Em 1948, é criado o Estado de Israel, dividindo a Palestina em duas partes: de um lado os árabes e de outro os judeus que habitavam a região. Entretanto, houve grande recusa árabe no reconhecimento de Israel, pela ONU, enquanto nação, desencadeando na declaração de guerra de alguns

⁶⁶ BAROCAS, Ester: A Língua Hebraica? Vai bem, obrigada, pelo menos por enquanto... **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**. n. 5. USP/ São Paulo, 2006).

⁶⁷ Ibidem.

dos países da Liga Árabe; que se transforma na primeira guerra entre árabes e israelenses, também conhecida como Guerra da Independência.

Para Eisenstadt, no entanto, com o estabelecimento do Estado, o que poderia ser considerado como a concretização da ideologia sionista, trouxe para além das realizações ideológicas, enfraquecimento nas relações entre os vários grupos dos *Yishuv*, acarretando no enfraquecimento de orientação coletiva,

O estabelecimento do Estado transformou aos poucos a natureza federativa dos diferentes grupos e setores no *Yishuv* em elementos de interesse e grupos de pressão. Todos esses desenvolvimentos também acentuaram necessariamente os problemas, as tensões e as contradições inerentes à institucionalização da ideologia quanto os patrocinadores da ideologia oficial – embora transformada – tornaram-se os governadores do Estado. (EISENSTADT, 1977, p. 101).

Destarte, Israel recebe apoio dos Estados Unidos e derrota seus adversários; o resulta na divisão territorial na qual Jerusalém foi dividida em duas partes: ocidental pertencente a Israel, e a oriental, a Jordânia. Ficando a Faixa de Gaza sob o comando do Egito. Esses acontecimentos acarretaram, ainda, o conflito com os árabes da Palestina; isto estabeleceu uma luta permanente pela recuperação territorial que ficou conhecida como *Questão Palestina*.

Dessa forma, a partir da instituição de Israel enquanto Estado, o Hebraico foi oficializado como língua nacional, tendo rápida aceitação no meio da comunidade israelense como afirma Barocas (2006):

Com o surgimento do Estado de Israel, em 1948, a Língua Hebraica recebeu o “status” de língua oficial do país (juntamente com a Língua Árabe). Na próxima década, um número grande de novos imigrantes chegaria e sua alta heterogeneidade linguística, contribuiria para a rápida aceitação do Hebraico pelos imigrantes que chegavam e seus filhos. [...] os judeus dos países dominantes ashequenazita e, também, participaram nas mudanças do Hebraico. Em algumas famílias, o Árabe foi sendo preservado como língua em casa ao lado do Hebraico; em outras foi o Árabe vernacular que continuou como a língua da primeira geração,

com um conhecimento passivo transmitido para a geração posterior. (BAROCAS, 2006, p. 53)

Assim, a oficialização da Língua Hebraica foi um acontecimento que se deu em um contexto cultural, que tinha, ainda, por premissa a fala do Hebraico como elemento primordial para a normalização do povo judeu. Este processo, de modernização da língua contribuiu decisivamente para a utilização do Hebraico renovado não apenas na fala, mas, também, na língua escrita, literatura e textos científicos.

2.2.2 Vivendo entres guerras

Segundo Bar-On (2006⁶⁸) Desde a sua criação em 1948, o Estado de Israel lutou sete guerras reconhecidas, duas intifadas palestinas, e uma série de conflitos armados no mais amplo conflito árabe-israelense. A disputa territorial pela palestina se estende conflituosamente.

Por exemplo, a Guerra dos Seis Dias, travada em 1967 marca um novo rumo para o nacionalismo israelense. Com a vitória, Israel ocupou a Cisjordânia, incluindo Jerusalém Oriental, e a Faixa de Gaza. Aqui se percebe contornos que ajudaram a formar e consolidar a identidade israelense que traz consigo reflexos literários:

⁶⁸ BAR-ON, Mordechai. **O Conflito Interminável: história militar israelense**. New York: University Press, 2006.

Para maiores informações veja também:

BAILEY, Sydney. **Quatro Guerras Árabe-israelenses e o processo de paz**. Londres: MacMillan Press, 1990.

BREGMAN, Ahron. **Guerras de Israel: uma história desde 1947**. London: Routledge, 2002.

BARZILAI, Gad. **Guerras, conflitos internos e ordem política: uma democracia judaica no Oriente Médio**. New York: University Press, 1996.

[...] A Guerra dos seis dias, em 1967, com sua carga de euforia e motividade, contribuiu para mostrar que havia um anseio para recuperar valores espirituais dos pais, uma busca de uma identidade pessoal a par dos esforços de voltar à memória coletiva – assunto este desenvolvido nas obras de Aharon Appelfeld. [...] A Geração do Estado ajudou, com a poesia e, mais tarde, com a prosa, o teatro e o cinema, a formar e consolidar a identidade israelense. (ROZENCHAN, 2004, p. 19-20)

Talvez um dos exemplos mais fortes de influência de acontecimentos históricos sobre a situação emocional e psicológica da sociedade israelense seja a Guerra do *Yom Kipur*, transcorrida em 1973.

Rozenchan (2004, p. 22), destaca que “sua marca se fez na escrita hebraica por uma literatura caracterizada pela decadência e desilusão”, características que irão se consolidar nos anos finais da década de 1970 e início de 1980.

A autora assume que a complexidade da sociedade israelense exposta às tensões do cadinho que é Israel cujas tendências modernizadoras, dificuldades econômicas e as ideologias políticas conflitantes, numa guerra contínua tem deixado sua marca:

Questões como existência ou não de um eixo comum; de valores estéticos; diversidades e variedades; a pertinência de gerações e grupos diferentes; se existe ainda uma ligação com o passado pré-israelense da Literatura Hebraica; qual o peso das relações entre correntes conservadoras e inovadoras nesta ficção; como se manifesta nisto a Língua Hebraica; se ainda existem limites nítidos e fixos entre a ficção dita canônica e a literatura não-canônica do lazer; qual significado do pendor por uma literatura confessional ou documentária; como o movimento feminista ou a religiosidade pressionaram esta escrita; se esta literatura ainda mantém a missão tradicional de “Observador da casa de Israel” e qual é o *status* público da literatura dos escritores no discurso israelense em geral: questões como estas continuam tão desafiadoras como sempre. (ROZENCHAN, 2004, p. 40)

Retomando Eisenstadt (1997), percebe-se que o problema central e o mais constante da sociedade israelense tem sido, principalmente, o da

habilidade em forjar uma sociedade moderna, dinâmica e uma ordem cultural em um mosaico sociolinguístico e, muitas das vezes, hostil.

Alinhada a esta premissa, Rozenchan (2004) acrescenta:

[...] temos hoje, em Israel, um conjunto de duplas de segmentos que às vezes se contrapõem: homem/mulher, ashquenazita/sefaradita, religioso/secular, Israel/diáspora, coletivismo/individualismo, israelenses nativos/sobreviventes do Holocausto/ imigrantes de diversos locais, como a Rússia [...] (ROZENCHAN, 2004).

Com efeito, forças, necessidades e tendências contrárias atuaram de forma recíproca, umas influenciando as outras, de acordo com uma dinâmica interna, levando a aparente estabilização da sociedade israelense e sua representação linguística. Contudo, os movimentos sociais, que ajudam na formação dos israelenses, assumiram novas tendências de ressignificação cultural e propõem ao Hebraico, e sua sociedade portadora, novos desafios.

3 A CONJUNTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA CULTURA ISRAELENSE

Os movimentos sociais têm sua existência ao longo da história da humanidade, mas se reestruturaram, gradativamente, ao passo que novas demandas foram sendo apresentadas e discutidas. Contando, desse modo, com novos atores sociais, ao mesmo tempo em que as reivindicações também se renovaram no percurso de sua própria história.

Na realidade histórica, os movimentos sempre existiram, e cremos que sempre existirão. Isso porque representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas não como força-tarefa de ordem numérica, mas como campo de atividades e experimentação social, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais. (GOHN, 2011, p. 336⁶⁹)

Uma das características básicas dos movimentos sociais, além de certa continuidade e permanência, é a tendência de formar grupos ativos que favoreçam a inclusão daqueles que se sentem, de alguma forma, excluídos. Projetando, assim, um sentimento de identidade e pertencimento social, sem deixar de contribuir para a organização e conscientização da sociedade.

Uma das premissas básicas a respeito dos movimentos sociais é: são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes. Entretanto, não se trata de um processo isolado, mas de caráter político-social. Por isso, para analisar esses saberes, deve-se buscar as redes de articulações que os movimentos estabelecem na prática cotidiana e indagar sobre a conjuntura política, econômica e sociocultural do país quando as articulações aparecem. Essas redes são essenciais para compreender os fatores que geram as aprendizagens e os valores da cultura política que vão sendo construídas no processo interativo. (GOHN, 2011, p. 334)

⁶⁹ GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. In: **Revista Brasileira de Educação** v. 16 n. 47 maio-ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>

Muitos foram os movimentos sociais que eclodiram durante o século XX e, quando nos deparamos com o contexto da cultura hebraica/israelense, nota-se que vários movimentos foram surgindo e se destacando, revitalizando esse cenário. Todavia, inicialmente, torna-se necessário manter o foco nos movimentos que se efetivaram na preparação para “*aliá* à Terra Santa.

Um dos movimentos que desempenham um papel significativo na construção do Estado de Israel, antecedendo-se até mesmo a legitimação desse fato, é conhecido como *qibuts*.

Em 1909, jovens pioneiros judeus, sobretudo da Europa Oriental, se organizaram a fim de que se constituísse uma comunidade rural singular (*qibuts*), pautada no auxílio mútuo, cuja finalidade centrava-se “não só para recuperar o solo de sua antiga pátria, mas também para forjar um novo modo de vida”, a do hebreu novo. (RUBINSTEIN, 2007, p. 1⁷⁰)

O *qibuts* é uma conquista social e econômica que cresceu a partir de uma sociedade pioneira, prosperou juntamente com uma economia em rápida expansão e distinguiu-se com o seu contributo para a criação e o desenvolvimento do Estado. (RUBINSTEIN, 2007, p. 6)

A experiência foi tão bem-sucedida que foi delineando novos formatos. Contudo, sempre se adaptando na busca pela sobrevivência e na tentativa de não perder a identidade comum, aumentando de 1 *qibuts* (em 1910) para cerca de 270 *qibutsim* no início do século XXI.

Ao longo dos anos, os *qibutsim* desenvolveram maneiras originais de comemorar festas tradicionais judaicas e feriados nacionais, bem como marcos pessoais, tais como casamentos, bar / bat mitzvahs e aniversários. Eventos sazonais e agrícolas, que foram comemorados nos tempos bíblicos, foram revitalizados através da música, da dança e das artes. (RUBINSTEIN, 2007, p. 5)

⁷⁰ RUBINSTEIN, Amnon. **Return of the kibutzim**. The Jerusalém Post. 10 julh. 2007. Disponível em: <http://www.jpost.com/Opinion/Op-Ed-Contributors/Return-of-the-kibbutzim>

De modo bastante próximo, outro movimento social que se faz notório na história Israelense, em especial nos assentamentos de colonos para o avanço de terras, é o Movimento *Moshav*⁷¹ sendo protagonista tanto nos assentamentos como na atuação como soldados.

Os moshavim são semelhantes aos *qibutsim* com ênfase em trabalho comunitário. Eles foram concebidos como parte do programa de construção do Estado sionista após a *Yishuv* ("colonização") no Mandato Britânico da Palestina, durante o início do século 20, mas ao contrário da coletividade dos *qibutsim*, fazendas em um *moshav* tendia a ser de propriedade individual, mas de tamanho fixo e igual. (METZ, 1990, p. 1⁷²)

O primeiro *moshav* foi instituído ainda nas primeiras décadas do século XX (em 1921) tendo, inicialmente, como centro da vida social a família. Em pouco mais de sessenta anos, já contava com uma média de 150.000 israelenses vivendo em 448 *moshavim*.

Após ser legitimado o Estado de Israel e, sobretudo, após a Guerra dos Seis Dias (1967), com novos territórios sendo anexados, alguns movimentos sociais como os *qibutsim* e os *moshavim* começaram a sentir uma maior repercussão dos conflitos internos, além das instabilidades financeiras.

Por outro lado, esse contexto social foi favorável para despertar uma maior atenção as suas reivindicações, transpondo, inclusive, as barreiras de fronteiras geográficas.

É inegável que outros movimentos sociais tiveram importante contribuição na história da sociedade israelense. Dentre os quais, destacamos o grupo *Poalei Tsion*, a *Gedud Ha'avodá*, os *Tserei Tsion*, o

⁷¹ Segundo indicações do professor Gabriel Steinberg, o moshav não era um movimento social. Foi o resultado concreto de um grupo de indivíduos guiados por forte ideologia, e que desejavam criar uma coletividade agrícola com algum traço individualista. O resultado desta ideologia os faz criar os moshavim, o esmo se aplica aos qibutsim.

⁷² METZ, Helen Chapin. **Kibbutz e Moshav. Capítulo 2. Israel: Um Estudo do País.** ed. Federal, Divisão de Pesquisa da Biblioteca do Congresso. 1990.

Mizraḥi entre outros, caracterizados por movimentos juvenis sionistas no final da Primeira Guerra Mundial.

Contudo, considerou-se relevante dar ênfase apenas àqueles que influenciaram a consolidação da identidade israelense e, ainda, refletem de forma significativa, nesse panorama sociocultural, até os dias atuais. (Ver CASHMAN, 2013⁷³)

Diante do cenário pós-Segunda Guerra Mundial, os novos movimentos sociais (NMS) foram aos poucos ganhando maior espaço, em diferentes partes do mundo, sobretudo, a partir da década de 1970, se constituindo de um importante dado histórico para análise do contexto social que marcou a transição do século XX para o século XXI.

Em “Movimentos Sociais na Contemporaneidade”, Maria da Glória Gohn defende que os movimentos “lutam pelo reconhecimento da diversidade cultural”, quando “questões como a diferença e a multiculturalidade têm sido incorporadas para a construção da própria identidade dos movimentos”. (GOHN, 2011, p. 336)

Esses NMS priorizam uma maior participação dos integrantes do movimento na tomada de decisão, fugindo do autoritarismo e da concentração de poder por parte das lideranças. Seus integrantes tornam-se importantes atores sociais, que se destacam no cenário político por suas ações conjuntas, chamando a atenção da sociedade para as imperfeições sociais existentes. (FOSCHIERA, 2004, p. 80⁷⁴)

Ao se pensar em Israel, como uma nação para abrigar os judeus e toda a sua cultura: ancestralidade, rituais religiosos, tradições, língua secular, e assim por diante, torna-se necessário um olhar mais criterioso,

⁷³ CASHMAN, Greer Fay. **Peres retorna às raízes nas negociações movimento moshav**. THE JERUSALEM POST, 2013. Disponível em: <http://www.jpost.com/National-News/Peres-returns-to-roots-in-Moshav-Movement-talks>

⁷⁴ FOSCHIERA, Atamis Antonio. **Da barranca do rio para a periferia dos centros urbanos: a trajetória do movimento dos atingidos por barragens face às políticas do setor elétrico no Brasil**. Presidente Prudente : UNESP, 2009.

que vai muito além de se debruçar frente aos propósitos decisórios de sua criação enquanto Estado, em 1948. Segundo Herzog (2009⁷⁵):

A primeira onda do feminismo em Israel tomou conta do país tão cedo quanto a pré-condição de Estado, no período do *Yishuv*. Ele manifestou-se nas vozes de mulheres que alegavam inclusão na esfera pública. Pautadas no discurso socialista, as mulheres de esquerda procuraram uma maneira de entrar no mundo masculino de igual para igual, principalmente nos campos de treinamento da *harrsharot* (pioneiro), nos "batalhões de trabalho" e nos *kibutsim*, e na atividade política dentro do partido dos trabalhadores e a *Histadrut* (Bernstein, 1987; Fogel-Bijaoui, 1992c; Izraeli, 1981). Ao mesmo tempo, as mulheres, em geral, procuraram preservar sua distinção como mulheres e ganhar igualdade civil, em reconhecimento da sua contribuição como mulheres e mães (Herzog, 1992). [...] Esta luta feminista atingiu o seu pico em 1919-1926 com a luta para obter o direito de voto para as instituições do *Yishuv*. (HERZOG, 2009)

Além da atuação da juventude judaica na construção identitária israelense, percebe-se, a partir de então, a contribuição de outros grupos sociais como, por exemplo, o movimento feminista, sobretudo, nas duas primeiras décadas do século XX.

Por conseguinte, apoiando-se nos pressupostos de Gohn (2011), nota-se que na década de 70, com a repercussão de seus antecedentes históricos, como a Guerra dos Seis Dias, e posterior Guerra do *Yom Kipur*, em 1973, surge uma nova demanda, reflexo das efervescentes reivindicações em âmbito mundial, que desencadeia em uma segunda onda do feminismo na sociedade israelense. Como assevera Herzog (2009):

A segunda onda do feminismo em Israel começou a evoluir, embora muito lentamente, por volta da época de 1973, Guerra do *Yom Kippur*, e mais enfaticamente em seu rastro. Só uma calamidade da magnitude da guerra poderia ter conseguido impulsionar a questão da desigualdade das mulheres na consciência de um grupo feminista que lançou

⁷⁵ Herzog, Hanna. Feminism in Contemporary Israel. In: **Jewish Women: A Comprehensive Historical Encyclopedia**. 1 March 2009. Jewish Women's Archive. (Viewed on November 4, 2014) <<http://jwa.org/encyclopedia/article/feminism-in-contemporary-israel>>.

um esforço ainda que incompleto para colocar a questão do estatuto das mulheres na agenda social e nacional de Israel. (HERZOG, 2009)

A autora destaca, ainda, que implicações linguísticas marcam este período turbulento. Percebe-se, a exemplo disso, o uso do acrônimo hebraico *Nilarrem Vamos lutar*, que o movimento feminista escolhe para designar sua representação, retirado do léxico militar.

Outro fator importante que fortaleceu as demandas feministas israelenses foi a nomeação de uma mulher em cargo político de maior representatividade nacional.

A nomeação de Golda Meir como primeira-ministra em 1969, juntamente com o boom econômico que se seguiu à guerra de 1967, permitiu que um grande número de mulheres entrasse no mercado de trabalho, além disso, ajudou a consolidar o mito dominante de igualdade na sociedade israelense. (HERZOG, 2009)

Hanna Herzog sintetiza mudanças paradigmáticas neste movimento e suas implicações no modo de viver israelense. Para a autora, as questões de gênero envolvem tanto a tomada de consciência, como o empoderamento da mulher frente às desigualdades sociais constituídas e impostas por uma sociedade, predominantemente machista, que se caracteriza como um elemento coercitivo.

Entretanto, como analisado nas discussões acerca da temática, o movimento feminista israelense traz indicativos de múltiplos desdobramentos:

Desde o final da década de 1970, mas com mais ênfase na última década do século XX, houve uma explosão de vozes: mulheres seculares e religiosas, mulheres *Mizraḥi*, mulheres palestinas que vivem em Israel, lésbicas, mães solteiras, mães de soldados, mulheres de preto, as mulheres em verde, as mulheres com opiniões políticas de direita e de esquerda, liberal, marxista, e as feministas radicais, assim como as mulheres que consideram o gênero como uma categoria social essencialista, e aquelas que o veem como constituído por

processo social e, portanto, capaz de reinterpretação e mudança. Todas essas vozes estão envolvidas no discurso político público, algumas bem expressivas, algumas em sussurros e outras, em silêncio ensurdecedor. (HERZOG, 2009)

De certo modo, paralelo ao movimento feminista, surge na década de 70 (1974), outro movimento social, que se evidencia por suas reivindicações pautadas nas questões homoafetivas, denominado como *Agudá* (Movimento LGBT israelense).

Neste sentido, as questões LGBTs merecem, também, atenção para análise quanto sua organização e influência na cultura judaica, numa sociedade que ainda tem profundas marcas tradicionalistas.

Após abolir o código penal contra o homossexualismo, em 1988, o Estado de Israel foi considerado um “lugar de refúgio” para grupos LGBTs (NAVARRO, 2012⁷⁶), ampliando as discussões para esse novo cenário, fatores estes que inferem em outras questões concernentes ao estudo sociolinguístico do Hebraico.

Levon (2010⁷⁷), em sua pesquisa acerca do fortalecimento da ideologia identitária no uso da variação prosódica do Hebraico, demonstra a importância desse fenômeno de transformação na Língua Israelense:

Os dados para minha pesquisa foram elaborados a partir de um estudo etnográfico em Tel-Aviv, Haifa e Jerusalém, onde passei 12 meses observando numerosas associações de ativistas israelenses gays e lésbicas de todos os aspectos políticos. As análises linguísticas se concentram em determinadas prosódicas características (por exemplo, vozes altas vs. vozes baixas, a monotonia vs. melodia) e baseiam-se em mais de 100 horas de entrevistas gravadas (em Hebraico Israelense), com os membros do grupo, expõem significativas diferenças na forma de como os membros dos vários grupos concebem e constroem a sua subjetividade sexual através da linguagem. Estas diferenças são mostradas

⁷⁶ NAVARRO, Lourdes Garcia. **Israel Presents Itself As Haven For Gay Community**. 2012. Disponível em: <http://www.npr.org/2012/06/04/154279534/israel-presents-itself-as-haven-for-gay-community>

⁷⁷ LEVON, Erez. **National Discord: Language, Sexuality and the Politics of Belonging in Israel**, 2010. Disponível In: <https://files.nyu.edu/eml246/public/abstract.pdf>

como correspondência das posições distintas dos grupos dentro da política israelense em geral. [...] Este dado é significativo quando considerado à luz da formulação dominante da identidade israelense e seu discurso associado de comportamento de gênero apropriado. (LEVON, 2010)

Explicita-se, diante desse contexto social e histórico, que o âmago da sociedade israelense está permeado por esses movimentos e, conseqüentemente, as transformações sociais que nela operam requerem para si, de certo modo, implicações de resignificação sociolinguística tanto no que tange à questão de gênero quanto na flexão de gênero da Língua Hebraica, objeto este, de nossa análise nos capítulos posteriores.

Segundo Barros (2006⁷⁸), não existe uma transformação social sem que haja, de alguma forma, uma criação e/ou correspondência linguística, ou seja, um impacto linguístico para tal transformação.

Considerando a língua como um dos pilares primordiais da cultura de uma sociedade, outro fator que passa a se constituir como elemento de análise quanto ao povo judeu é a 'hibridação' da Língua Hebraica.

Diante das inúmeras perseguições, dispersões, diáspora, entre outras questões, o Hebraico tem sofrido influências de outras culturas. Tanto por sua peregrinação ou, até mesmo, à coexistência de muitos traços culturais, incluindo implicações linguísticas, quer dentro do atual Estado Israelense, estabelecido e/ou reconhecido oficialmente há pouco mais de seis décadas, quer fora dos limites das fronteiras de *'Erets Yisra'el*.

⁷⁸ BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São paulo: Edusp, 1995.

4 SITUAÇÃO LINGUÍSTICA NA SOCIEDADE ISRAELENSE CONTEMPORÂNEA

Antes de abordarmos a questão do impacto do fenômeno da diglossia na Língua Hebraica Israelense, faz-se necessário aludir ao termo tal como foi concebido e definido por Charles Ferguson, responsável pelo uso, em primeira instância, além de sua popularização dentro dos estudos linguísticos.

Ferguson (1989⁷⁹) delineou as bases da diglossia linguística pautado na observação de que nas comunidades onde o fenômeno se manifesta, duas formas linguísticas coexistem. Sendo uma modalidade “elevada”, de prestígio, enquanto a outra “baixa”, não expressa nenhum *status* social.

Contudo, o autor salienta que ambas convivem lado a lado, porém em contextos diferentes, isto é, estão dispostas sempre em distribuição complementar. Dessa forma, a representação da versão “elevada” é o esteio dos discursos literários, por outro lado, a modalidade “baixa” serve de matriz para a língua coloquial.

Ferguson chama atenção para a distinção entre a diglossia e o bilinguismo, pois, na primeira, cerne da pesquisa do estudioso, as duas formas linguísticas apresentam grande proximidade, uma vez que o fenômeno diglótico tem como função demonstrar a prevalência de uma linguagem sobre a outra.

O autor deixa claro que o falante tem em si uma concepção muito bem definida das duas formas, assim o falante considera a forma *elevada* como “pura e correta”, enquanto todas outras variações linguísticas como elementos corruptores da língua. Diferentemente do movimento diglótico,

⁷⁹ FERGUSON, Ch. Gramatical Agreement in Classical Arabic and in Modern Dialects. In: **Structuralist Studies in Arabic Linguistic**. BELNAP K.; HAERI, N. Netherlands, 1989, p. 81-92.

o bilinguismo se caracteriza pela coexistência de duas línguas no mesmo intervalo político.

Entretanto, antes de examinarmos se o termo diglossia ainda é adequado para descrever a situação linguística existente na sociedade israelense, é imperativo revisitar a história da revitalização da Língua Hebraica Israelense que, afinal, faz parte da memória desse passado, esteio do presente.

Nesse ínterim, pretendemos dar breves mostras da ação da *ḥalutsiut* (Movimento desenvolvido pelos pioneiros/*ḥalutsim* em *‘Erets Yisra’el*), sua participação na renovação do léxico. Por último, nossas reflexões incidirão sobre o percurso da Língua Israelense, seu desenvolvimento e normatização.

4.1 O PERCURSO DA LÍNGUA ESCRITA: A LÍNGUA ISRAELENSE REVISITADA

O que caracteriza um povo? Com efeito, uma nação, um grupo étnico entre outros são caracterizados pelo seu legado de conhecimentos, o que traduzimos como cultura. Um dos pilares fundamentais para sua transmissão é a língua, seja na modalidade escrita assim como se faz presente na tradição oral. A respeito da importância da língua no circuito cultural, Azevedo disserta que:

Qualquer língua expressa a cultura da comunidade que se fala, transmitindo-a através das gerações e fazendo circular no seio dessa comunidade. Por desempenhar tão ampla função, a língua é considerada um autêntico alicerce da estrutura social: além de sua utilidade mais óbvia como instrumento cotidiano da interação humana, ela possibilita a construção de conhecimento e sua armazenagem em arquivos sonoros ou impressos para uso na ciência, na educação, na

literatura, no direito, na religião, no lazer, na administração pública, etc. (AZEVEDO, 2008, p. 11⁸⁰).

Como podemos perceber, a língua é um instrumento muito importante, pois além de funcionar como um meio de comunicação, ela se transforma em um patrimônio historicamente construído pelas sociedades que a falam e também em muitos casos a escrevem.

O estudo da língua pode focalizar uma existência no curso do tempo considerada em sua sincronia, por outro lado, sua formação e evolução através da história pode observá-la em sua diacronia.

Se para compreendermos os povos e, por conseguinte, seu desenvolvimento cultural, a língua que expressaram é um elemento crucial, ainda mais, o é o percurso traçado pela Língua Hebraica e o acervo cultural produzido pelo povo judeu. A origem desta remonta a Antiguidade, segundo Berezin:

Estabelecer quando o Hebraico [...] passou a configurar língua de Israel é algo impreciso. No entanto, tudo o que se sabe com alguma certeza é que, na aurora da história judaica documentada, o Hebraico cristalizou-se como língua vernácula dos israelitas e desta forma perdurou até a Revolta de Bar Korrba contra os romanos. (BEREZIN, 1995⁸¹).

Como podemos perceber, a Língua Hebraica aparentemente apresenta um período estanque que vai até o final do século 19, renascendo no Hebraico Israelense. Entretanto, nosso olhar diacrônico pode notar uma extensa produção literária, principalmente, na diáspora, como observa Berezin:

⁸⁰ AZEVEDO, José Carlos. **Escrevendo pela nova ortografia**. 2. ed. São Paulo: Publifolhas, 2008.

⁸¹ BERZIN, Rifka. Estratificação da Língua Hebraica. São Paulo: Edusp, 1995. In: SILVA, C.S. **Questões de gênero no Hebraico: análise dos termos zarrar unekevá na Língua Hebraica**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2009.

Apesar de aproximadamente dezessete séculos de exílio e não configurar como língua cotidiana, visto que a dispersão do povo judeu pelos diversos países criou a necessidade de falar diferentes idiomas, o Hebraico não perdeu sua vitalidade e força por causa da religião, outrossim, dá testemunho disso o florescimento de uma extensa produção literária hebraica na diáspora. (SILVA, 2009, p. 25)

O autor disserta, calcado nos estudos de Berezin (1995), que não é possível considerar o Hebraico Israelense como um resultado de uma evolução natural e orgânica da língua como usualmente ocorre, pois este é o produto de um processo histórico de estratificação linguística e estrutura gramatical:

Os diferentes estratos linguísticos produzidos nos diversos períodos e literários contribuíram para a organização de um sistema sincrônico em que coexistem, lado a lado, elementos linguísticos de todas as fases anteriores, indistintamente, sem haver nem mesmo a eliminação de formas arcaicas. (BEREZIN, 1995 *apud* SILVA, 2009, p. 25).

Para entendermos o que se quer dizer por estratificação linguística do Hebraico, podemos recorrer a autores como Berezin (1995⁸²), Ausubel (1967⁸³), Rabin (1970⁸⁴) entre outros. Langer (1998⁸⁵), por exemplo, divide o Hebraico Moderno em quatro camadas *linguísticas*, ou seja, em quatro *períodos-fonte* nos quais se baseou a reconstrução da língua (resumidamente):

1. Período Bíblico (2000 a.C.), que é a base da língua falada atualmente;
2. Período Mishnáico (século VII d.C.), com base no Talmude, Mishná e Midrash; aramaico, grego e *românico*;

⁸² BEREZIN, Rifka. **Dicionário Hebraico-português**. São Paulo: Edusp, 1995.

⁸³ AUSUBEL, Nathan. **Enciclopédia Judaica**. Rio de Janeiro: Korgan Editor, 1967.

⁸⁴ RABIN, Chaim. **Ressurgimento da Língua Hebraica**. B'nai B'rith, 1970.

⁸⁵ LANGER, Eliana R. Ressurgimento da Língua Hebraica e suas implicações culturais. **Revista de Estudos Orientais**, n° 2 p. 63-76. Humanitas Publicações, 1998.

3. Período Medieval (final do século XII d.C. até o século XIX), em que o Hebraico se encontra no exílio; poesia hebraica (Piyut);
4. Período Contemporâneo (últimos 200 anos), em que o Hebraico aparece com o movimento de volta ao lar judaico (após 1700); Literatura Hebraica, antes do retorno; purismo linguístico, que leva à retomada do Hebraico falado; iluminismo e ideias nacionalistas europeias, assim como seu uso no cotidiano israelense até os dias atuais).

Considera-se que o movimento da *Haskalá* (século XVIII), conhecido também como iluminismo judaico, juntamente com seu veio literário, o divisor de águas para o ressurgimento do Hebraico como língua falada. Não somente os *maskilim*, mas cada escritor, cada poeta, cada judeu da época foram os protagonistas deste processo de renascimento e revitalização linguística do Hebraico.

Pois, por mais que ignoremos este fato, cada um de nós é construtor da cultura e não apenas um simples espectador.

Afinal, uma das muitas definições diz que a cultura são normas de conduta, crenças, hábitos e valores de um povo, em um determinado local e em um determinado momento histórico. Como exemplo disso, temos a figura de Eliezer Ben-Yehuda que toma uma atitude radical, mas crucial e que se torna marco do nascimento de uma nova sociedade, a sociedade israelense, como observa Sivan (1970⁸⁶):

[...] Depois de terem beijado o solo da Terra Santa, Ben-Yehuda, tomando nas suas as mãos delicadas de sua esposa, disse-lhe que dali por diante só fariam em Hebraico. A chorosa Devorá lembrou-se que tudo o que sabia ela de Hebraico era o que ele lhe havia ensinado na viagem [...] Não mudou a opinião de seu marido e, desta maneira, foram eles a primeira família a falar Hebraico nos tempos modernos; este

⁸⁶ SIVAN, Reuven. Ben-Yehuda e a restauração do Hebraico falado. In: RABIN, Chaim. **Ressurgimento da Língua Hebraica**. Editora B'nai B'rith, 1970, p. 09-18.

ato marcou uma nova dimensão para o renascimento nacional da Língua Hebraica falada. (SIVAN, 1970, p. 11)

O autor assevera outro ato visionário de Ben-Yehuda no que tange ao uso Hebraico como língua falada:

Ben-Yehuda, entretanto, reservou o ideal nacional para um estágio mais avançado. Os judeus, era bem verdade, não poderiam sobreviver como nação sem retornar à Terra de seus ancestrais. Mas, por outro lado, não poderiam permanecer como uma entidade nacional distinta sem uma língua própria, a língua de seus antepassados, que deveriam empregar não apenas dentro das sinagogas e em jornais literários, mas também para fins de intercâmbio do dia a dia – “em todos os assuntos, a qualquer hora da noite...” (SIVAN, 1970, p. 13)

Esse momento prodigioso da história judaica conferiu a Língua Hebraica uma áurea particular. A reconstrução da Língua Hebraica, um empreendimento fundamentado em uma ideologia inspirada no nacionalismo europeu, foi baseada na linguagem bíblica, da *Mishná*, do Talmude e dos *Midrashim* entre outros; esta combinação de elementos estruturais de diversas fontes constitui o Hebraico de hoje.

Obviamente, assim como ocorre em qualquer outra língua, houve a criação de muitas palavras novas, tanto pela junção de termos já existentes ou mesmo pela livre criação conforme a necessidade de um vocábulo mais adequado, a partir de raízes hebraicas ou aramaicas.

Segundo Guinsburg (1966⁸⁷), o esforço pessoal de Ben-Yehuda e daqueles que vieram nas primeiras ondas imigratórias, mais do que nunca, estava empenhado na causa do “retorno” e da revitalização da Língua Hebraica:

Já no início deste processo temos um fato de sumo valor; graças aos esforços do lexicógrafo Ben-Yehuda e das primeiras ondas de imigração, “*aliot*, como das doutrinas de que estão imbuídas ou desencadeiam, o Hebraico livra-se da

⁸⁷ GUINSBURG, Jacó. **Nova e Velha Pátria**. São Paulo: Perspectiva, 1966.

poeira arqueológica, abandona a sinagoga e os pequenos grupos de *escol*, voltando paulatinamente a condição de comunicação cotidiano. Além disso, no mesmo ritmo ou, quiçá, a passo mais acelerado, inicia-se em *Erets Israel* a criação literária local. (GUINSBURG, 1966, p. 12)

Os meios usados por Ben-Yehuda para a renovação eram rigorosamente empíricos, baseavam-se em observações e não em especulações. O “pai da revitalização” da Língua Hebraica não se contentou com a descrição de fatos particulares, antes, destes sacou, imediatamente, inferências gerais de grande alcance:

Para Ben-Yehuda, os problemas da língua assumiam um caráter profundamente pessoal. Ele a empregava exclusivamente em casa e no círculo de seus amigos íntimos. Começou a ensiná-la na primeira escola de Hebraico de Jerusalém, cidade em que também atuava como assistente do editor de um jornal. Mas o jornal era muito conservador para as ideias de Ben-Yehuda que resolveu lançar um semanário próprio, cujo nome e formato teriam que mudar no decorrer dos anos por motivo da hostilidade das autoridades turcas e do antagonismo dos círculos religiosos mais extremos da própria cidade. (SIVAN, 1970, p. 14).

Segundo Cassirer (1977, p.⁸⁸), é impossível obter-se uma visão verdadeira do caráter e da função da linguagem enquanto nela pensarmos como simples coleção de palavras. Esta era a máxima que movia Ben-Yehuda que:

[...] ressentia da falta de palavras em Hebraico para exprimir coisas ou ações corriqueiras. Isto sucedia, sobretudo, na sua atividade literária e jornalística, no relatar acontecimentos políticos, no descrever a vida das comunidades rurais recém estabelecidas. Compreendeu que algo deveria ser feito para preencher esta lacuna. (SIVAN, 1970, p. 14).

Podemos perceber que surgem aqui novas engrenagens que irão moldar o estilo de vida do *Yishuv* e a cultura israelense. Se a língua é um

⁸⁸ CASSIRER, Enerst. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

dos principais pilares de uma cultura, com certeza “não há processo de desenvolvimento cultural sem uma devida correspondência expressão no plano linguístico” (BARROS, 2006⁸⁹). E é isto o que acontece aqui.

O espírito renovador de Ben-Yehuda recorre às obras produzidas nos diversos períodos de desenvolvimento da Literatura Hebraica, seja ela qual fosse.

Para ele, este material deveria ser esquadrihado em busca de termos que em sua forma original ou, até mesmo, ligeiramente modificados para atender aos requisitos de uma vida moderna. Além disso, para que todo o processo de revitalização do Hebraico não se perdesse, era salutar que estes termos deveriam ser divulgados e conduzidos ao conhecimento do pequeno grupo de pessoas que falavam Hebraico.

Cassirer (1977, p. 192) destaca que “a linguagem precisa ser considerada como uma coisa *energeia* e não como um *ergon*. Não é uma coisa já pronta e acabada, mas um processo contínuo”.

Pautado no mesmo espírito deste pensamento e da dificuldade de obter mais palavras do léxico a sua disposição, Ben-Yehuda percebe que “tornava-se necessário criarem palavras novas para expressar os novos conceitos ou aquelas ideias que jamais haviam encontrado uma expressão em Hebraico”. Deste grande esforço nasce o monumental dicionário *Thesaurus Totais Hebraizais*.

⁸⁹ BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

4.1.1 Nova terra, léxico reinventado: a ação da *Ralutsiut*

Guinsburg (1966, p. 12), a respeito da reconstrução da nova e velha pátria e do movimento de imigração para engendrar o intento, mostra que um vitalismo coletivo e desraigado frente às perseguições e *pogroms* espalhados pela Europa, além da síntese de velhas esperanças messiânicas e as novas aspirações nacionalistas, são mostras de que, na verdade, mais do que nunca, a Literatura Hebraica estava empenhada na causa do “retorno”, que passou, aliás, a status de sua principal razão de ser. O autor destaca que:

[...] Tanto mais que se trata, neste período, das gerações que se põem efetivamente a lançar os primeiros pontilhões, que nem sempre chegam à outra margem, entre a Diáspora e a Terra da Promissão. Tsion começa a descer das alturas celestes, a se converte em realidade. Realidade árdua, arenosa, insuportável, não fossem as promessas que acenam do alto do Sinai. Mas constituindo a vanguarda espiritual e ideológica do “retorno”, a *intelligentsia* participa por sua própria e crescente inadaptação e inquietude do processo concreto. Assim, o seu centro de gravidade desloca-se gradativamente para a Terra Santa, onde se instala a maioria dos autores hebreus a partir de 1918 (embora subsistam na América e na Polônia dois focos de criação literária em Hebraico) e, quando surge o Estado de Israel, a sua preponderância cultural e artística torna-se indiscutível.

Como podemos perceber, paralelamente ao empreendimento de Ben-Yehuda, escritores, poetas entre outros, estavam imbuídos pelo mesmo sentimento de pertencimento a um local representativo ao povo judeu.

Assim também, na busca de uma língua que expressasse não apenas palavras, antes celebrasse a nova comunidade, além disso, mostrasse energias novas e autênticas ao seu desejo de sobrevivência e ao chamado de seu ressurgimento.

Como compreender este período? Imigrações, perseguições na Europa, empenho de um pequeno grupo frente a uma realidade árdua, arenosa e insuportável (como visto anteriormente) em não apenas (re)construir uma comunidade, criar ou, até mesmo, resgatar valores culturais, dentre os quais figura, talvez, o elemento essencial de transmissão que é a língua?

Cassirer (1977, p.192) aponta que “uma língua não é simplesmente um agregado mecânico de termos”, antes, “as palavras e regras que constituem uma língua, só existem realmente no ato da linguagem conexa”. O que fazer então, se as conexões sócio-comunicativas ditam um ambiente plural, no qual uma *Babel* linguística se impera?

Frente às preocupações de revitalização da língua ancestral se colocam as dificuldades no uso e na recriação do hebraico, pois lado a lado coexistem línguas europeias trazidas com as “*alioth*”, a resistência do segmento religioso judaico, em especial a ortodoxia, que via como sacrilégio o uso “profano”, ou até mesmo cotidiano, da língua sagrada, a presenças de algumas comunidades árabes, além da administração turco-otomana.

É neste limiar linguístico que surge, sob a égide da colonização sionista, a figura de M. Smilanski⁹⁰ que diante da nova realidade busca expressar em suas narrativas a vida judia e árabe na Terra Santa.

Apesar de suas deficiências literárias, uma vez que está agora em um terreno movediço de revitalização linguística do Hebraico, a obra de Smilanski é reconhecida como “um testemunho precioso dos esforços e dos

⁹⁰ SMILANSKY, MOSHE (literary pseudonyms, *Heruti* ; *Hawaja Mussa* ; 1874–1953), Hebrew writer and agricultural pioneer in Erez Israel. Born in Telepino, a village in the province of Kiev, into a family of Jewish tenant farmers, he went to Erez Israel in 1890 and was one of the founders of Haderah. In 1893 he settled in Rehovot where he was the owner of orange groves and vineyards. An active Zionist, much of Smilansky's literary career, which he began in 1898, was devoted to publicistic writings. He contributed prolifically to the Jewish press in Russia (*Ha-zefirah*, *Ha-Meliz*, *Ha-zofeh*, *Lu'ah Ahi'asaf*, *Ha-Shilo'ah*, and *Ha-Olam*), and to Hebrew periodicals in Erez Israel and other countries, and was one of the co-founders of the literary journal *Ha-Omer*. Disponível em: <http://www.encyclopedia.com/article-1G2-2587518740/smilansky-moshe.html>

sentimentos que se desenvolveram nesta época, hoje, heroica para os israelenses” (GUINSBURG, 1977, p. 12).

Junto a ele, temos a presença de Y. H. Brenner⁹¹ que com um olhar oposto ao compatriota (ternura e compreensão humana), traça com seu olhar profundo, angustiado e referenciado em Dostoiévski a marca vivencial dos grandes problemas judeus e humanos da época.

O que vemos nestas obras e em outras do período da *Halutzit*⁹² é a busca de uma “integração” de toda uma geração de desarraigados que errou através de ideologias e de experiências, mas que está disposta a se reencontrar em uma paisagem social e humana da “terra reencontrada”.

Segundo Kirschbaum (2010⁹³), fruto do movimento e da ideologia empregada pelo sionismo, os novos imigrantes da Terra Santa traziam consigo a negação do modo de vida judaico na Europa. Postulando desse modo uma identidade negativa em que não se reconheciam como judeus de gueto, uma vez que abdicaram a mentalidade do *shtetl*⁹⁴.

Guinsburg (1977) dá mostras de que a influência deste momento foi crucial e marcante na “nova” alma israelense, pois os esforços sem medidas destes pioneiros buscaram erigir em solo palestino o último reduto do

⁹¹ Joseph Hayyim Brenner was one of a number of intellectuals amongst the immigrants of the Second Aliyah (1904-1914). He was arguably the most vehement in his demand for an openended secular Hebrew identity, which he articulated in numerous articles, plays and novels. Disponível em: <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/biography/brenner.html>

⁹² *Halutzit* era o movimento de influência ideológica da geração pioneira - o *Halutzim* - sobre a criação da sociedade, Estado e modo de vida do jovem Israel. A visão *Halutzica* do mundo era essencialmente coletiva. Enquanto sua ideologia falou da importância do indivíduo, isso basicamente colocava sua relação com o esforço coletivo da sociedade israelense. Pioneering Ideology: 'Halutzit' In: THE JEWISH AGENCY FOR ISRAEL. Disponível em: <http://www.jewishagency.org/israel/content/23590>

⁹³ KIRSCHBAUM, Saul. Amós Oz – uma literatura comprometida com a ética. In: Lewin, Helena. **Judaísmo e globalização: espaços e temporalidades**. 2010, p. 187-193.

⁹⁴ *Shtetl* (em iídiche: שטעטל, no singular; שטעטלעך, *shtetlech*, no plural) é a denominação iídiche para “cidadezinha”. Essa designação, que remonta o séc. XII, foi dada as povoações ou bairros de cidades com uma população predominantemente judaica, em especial, na Europa oriental.

judaísmo moderno. Para o autor, poderíamos denominar o grupo de escritores hebreus *halutzim*⁹⁵ como “pais” das letras israelenses.

Kirschbaum acrescenta que no período da colonização de Erets Israel, o intento de manter-se como um povo a parte acende nestes a formulação de outra identidade negativa que assevera de que também não poderiam eles ser árabes.

Mas, então, o que os pioneiros eram de fato? O autor destaca que essa dupla negativa de identidade encontrou expressão cultural naquilo que se chamou canaanismo, no qual seus militantes almejavam que os fundamentos do movimento forjassem a ideologia hebraica, surge, assim, o mito do “hebreu novo”.

Este movimento vinha ao encontro dos anseios de desbravadores tanto da terra árdua, arenosa, insuportável como descrita por Guisnburg anteriormente, assim como aqueles que tinham o intento de livrar a Língua Hebraica da “poeira arqueológica”, pois seus alicerces ideológicos encontravam encaixes perfeitos nessa geração. Segundo Kirschbaum (2010), estas eram as bases do canaanismo:

1. O uso cotidiano e obrigatório do idioma Hebraico.
2. A busca e retorno às fontes bíblicas e o abandono da tradição rabínica (que só voltará com Agnon).
3. A construção do mito do “Novo Homem Judeu”, transformando segundo sua visão de cultura, paisagem e produtividade.
4. Profundo laicismo, anticlericalismo e sentido histórico.
5. Desprezo e amargura em relação ao passado judeu.
6. Inflação do mito do “homem novo” e do “começar do zero”.

⁹⁵ *Halutzim* plural de *Halutz* (Hebraico : חלוץ), termo hebraico para um pioneiro . Refere-se, normalmente aos primeiros imigrantes judeus para a Palestina durante a primeira “*aliá*” e que participaram ativamente dos processos que culminaram na formação da sociedade israelense e na revitalização da Língua Hebraica.

Agora com algumas peças a mais no tabuleiro, Ben-Yehuda precisava avançar. Além de sua obra excepcional, como citado anteriormente, o grande lexicógrafo acaba por sua prática a gerar um movimento de neologistas, entre os linguistas e escritores, que de forma significativa, mas sempre fugindo de influências de línguas europeias, acabam por girar as engrenagens do processo de revitalização do Hebraico. Sivan observa:

De maneira significativa, a primeira palavra hebraica moderna, de autoria de Ben-Yehuda, foi *milón* (dicionário). Ele a sugeriu quando ainda vivia no estrangeiro. Numa carta a *Maggid Mishne*, um jornal hebraico publicado na Alemanha, o jovem estudante [...] rejeitou o termo *sefer-milim*, cópia, mal ajustada ao espírito hebraico do alemão *Wörterbuch*. Aliás, ele temia a influência do alemão na Língua Hebraica; palavras compostas, dizia ele, eram estranhas a esta língua. No caso em questão, ele sugeriu o uso do sufixo "on", que exprime a ideia de lugar ou de "coisa que encerra o conceito expresso pelo nome". Assim, de *mila* (palavra) mais "on" ele criou *milón*, que teve aceitação imediata. A transformação de expressões compostas de duas ou três palavras em simples tornou-se traço relevante de desenvolvimento do Hebraico Moderno [...]. (SIVAN, 1970, p. 16-17).

Frente às dificuldades que se colocavam ao empreendimento de revitalização da Língua Hebraica, a utilização do Árabe como fonte de auxílio linguístico, uma vez que faz parte do tronco semítico, foi uma ferramenta essencial para corroborar a criação de novos termos. A Língua Árabe serviu de fonte favorita de empréstimos para o novo vocabulário hebraico e para auxílio na explicação de termos bíblicos obscuros.

Como reflexo da nova imagem linguística que se impunha frente às múltiplas adversidades, a Literatura Hebraica contemporânea não só recolheu ecos de seu desenrolar, como figurou entre as vozes de seus principais promotores. Como se vê, os seus limites se ampliam no tempo e no espaço.

Agora no centro de sua temática inicial na velha e nova pátria surge o *galuts*, o pioneiro, o jovem que pelo trabalho pessoal e pelo espírito de abnegação redime a si e a coletividade.

Segundo Medan (1970, p. 22⁹⁶), “a contribuição das primeiras gerações à plasticidade e enriquecimento da língua foi considerável”. Entre seus expoentes encontram-se o poeta I. Karni, a ficção de Hameiri entre outros.

Apesar do florescimento de uma sociedade israelense e revigoramento dado ao Hebraico e à sua expressão literária, não podemos esquecer que existe uma força hegemônica e influente da artística russa.

Este norte artístico-literário vai gradualmente se desviando a outros campos férteis, em meados da década de 20, seja devido à presença britânica ou outras influências do ocidente, como demonstra Guinsburg (1966):

Por outro lado [...] marcha o seu gradual afastamento da hegemonia artística russa. No começo, o processo não chega a ser perceptível. A maioria dos autores hebreus, afora alguns centros europeus, procede das regiões eslavas e suas grandes influências ainda se localizam nesta área. Contudo, já em meados da década de 20 pode-se notar que entre a origem e o destino, ou por itinerários outros, muitos deles estagiam mais ou menos longamente no Ocidente. Além disso, o contato com os ingleses se faz inevitável, ao mesmo tempo que se estabelece, por razões de toda ordem, um laço cada vez mais forte com os Estados Unidos. Tais fatos, associados aos terríveis acontecimentos dos anos de 30, que trouxeram à Terra Santa homens como Max Brod, Arnold Zweig e tantos outros ligados à cultura ocidental, desviam a Literatura Hebraica de seu antigo norte artístico. Ela se derrussifica e se ocidentaliza, à medida que se concentra no Oriente, pelo menos no seu ritmo e nas suas formas. (GUINSBURG, 1966, p. 16)

Guinsburg (1966) dá provas de presenças de traços e influências de diversas culturas com suas respectivas línguas na aurora da sociedade israelense e, conseqüentemente, na Língua Hebraica.

Pode-se perceber que mais ingredientes são adicionados ao pluralismo linguístico que se impõe aos novos israelenses ao absorver novas

⁹⁶ MEDAN, Meir. A academia de Língua Hebraica. In: RABIN, Chaim. **Ressurgimento da Língua Hebraica**. Editora B’nai B’rith, 1970, p. 19-31.

técnicas e orientações para a modernização estética e do uso de métodos literários avançados.

Contudo, percebe nas observações do crítico literário que todo esse arcabouço cultural em vez de minar a nova sociedade israelense, traz consigo elementos que reforçam o seu caráter específico, pois a Literatura Hebraica mais do que nunca se debruça sobre si mesma e se põe a procura de caminhos próprios. O autor pontua:

Seja nas imagens mais unitárias e idealizadas do passado, seja nos cortes em que tenta fixar os choques das gerações, as recentes peregrinações de Israel ou toda gama de odisséias do eu, os seus relatos partem e, sobretudo, falam de um mundo histórico concreto, atual, o do judaísmo em transição. E não apenas para descrevê-lo, mas para tentar orientá-lo. Com efeito, a prosa, como toda Literatura Hebraica, continua nesses dois decênios a conservar viva a consciência de pertencer a um povo perseguido e oprimido, cujo resgate parece residir em Tsion, a única saída, a seus olhos, para o judeu como tal. (GUINSBURG, 1966, p. 16-17)

Esse pequeno resumo talvez dê uma ideia do caldeirão linguístico estabelecido na região nas primeiras décadas de colonização judaica e formação da sociedade israelense.

As ondas imigratórias trouxeram as bases para a restauração do *status quo* da Língua Hebraica como veículo vernáculo do povo judeu, agora transformado em uma nova sociedade, a sociedade israelense.

Contatos linguísticos ocorreram, assimilações e adaptações. Simultaneamente ao desenvolvimento desta nova sociedade na Terra Santa, expandiu-se o Hebraico moderno, ou melhor, um Hebraico que agora despontava como característica de uma nova sociedade.

4.2 O PERCURSO DA LÍNGUA ISRAELENSE: SEU DESENVOLVIMENTO E NORMATIZAÇÃO

Hoje, ninguém nega o fato de que o panorama linguístico, propiciado desde o nascimento da sociedade israelense, apresenta o contexto plural linguístico, no qual oficialmente se insere a Língua Inglesa (período mandatício), o Árabe e, por último, o Hebraico que buscava fincar suas raízes no Solo Santo, assim como atuar com autonomia no seio da nova sociedade israelense.

Não bastasse o *status quo* dado a essas três línguas, fora as outras que vinham junto com as "*alioth* que emergiam de todas as partes, a Língua Hebraica se vê diante de um ambiente de diglossia, como nos mostra Izre'el (2003⁹⁷):

The sociolinguistic data on the emergence of Hebrew as a spoken language may indicate the spread and nativization of the Hebrew language through education, suggesting that the acquisition of the language occurred first with the children and subsequently with their parents [...] This "inner language" was, of course, Hebrew; but it was a new Hebrew, structured during the first decades of the emergence of the spoken language. The generators of this Hebrew were the first group to have this newly emerged language as their mother tongue. (IZRE'EL, 2003, p. 2-3)⁹⁸

Se podemos aceitar esse exemplo como uma evidência de que as variantes das duas gerações tiveram a mesma fonte, admitir-se-á aqui a

⁹⁷ IZRE'EL, Shlomo (2003). "The Emergence of Spoken Israeli Hebrew." In: Benjamin H. Hary (ed.), **Corpus Linguistics and Modern Hebrew: Towards the Compilation of The Corpus of Spoken Israeli Hebrew (CoSIH)**, Tel Aviv: Tel Aviv University, The Chaim Rosenberg School of Jewish Studies, 2003, pp. 85-104.

⁹⁸ Os dados sociolinguísticos sobre o surgimento do Hebraico como língua falada pode indicar a difusão e nativização do idioma Hebraico através da educação, o que sugere que a aquisição da língua ocorreu primeiro com as crianças e, posteriormente, com seus pais [...] era um novo Hebraico, estruturado durante as primeiras décadas do surgimento da linguagem falada. Os geradores deste Hebraico foram o primeiro grupo a ter esta linguagem recém surgida como sua língua materna. (Tradução livre)

existência de uma *koiné*⁹⁹. Esta é diferente da língua literária forjada na revitalização do Hebraico, assim como também foge aos padrões de estratos linguísticos anteriores. Quanto ao Hebraico dos pais, Lipschütz (1923, *apud* Izre'el 2003) observa:

Our inner language is not Hebrew, but foreign-jargonic. This truth has to be said, although it is not pleasant. The inner form of the words is foreign, and the syntax is foreign. The foreign influence comes from remote languages, most of them Indo-European (Jüdish-Deutsch, Ladino, Judeo-Persian). (LIPSCHÜTZ 1923: 36 *apud* IZRE'EL 2003, p. 3)¹⁰⁰.

Os argumentos usados por Ferguson a respeito das configurações de diglossia parecem ser razoáveis aqui. O cenário do surgimento do Hebraico Israelense, onde judeus de todo o mundo e de línguas diferentes fizeram do Hebraico sua língua comum, não só por necessidade, mas também como uma construção idealista, tornou o Hebraico uma língua alta, de prestígio.

Como esta língua não tinha nenhum falante nativo nas vésperas de seu renascimento como uma língua falada, a criação de Hebraico moderno consistia basicamente de elementos do Hebraico Literário (IZRE'EL, 2003).

Segundo Dekel (2010¹⁰¹), a Língua Hebraica alcançou o grau de reconhecimento, em 1922, como uma das línguas oficiais da Palestina. Como citado anteriormente, além do Árabe, o Inglês fora introduzido

⁹⁹ Ahora bien, la *koiné* o el interdialecto se presenta como una modalidad de lengua; la relativa homogenización lingüística de una pluralidad de hablantes que, a raíz de un evento sociológico-político común, converge en un lugar determinado, constituye la *koiné*. El evento del encuentro prolongado de un número considerable de hablantes con diversas configuraciones dialectales, establece una modalidad de lengua en la región ocupada, diferenciable de la lengua literaria y de cada uno de los dialectos que convergen. La resultante interdialectal de ese episodio histórico da lugar, entonces, a la base lingüística de los dialectos que se diferenciarán en lo sucesivo, es decir, una determinación lingüística particular que evidenciará un momento de la historia de la lengua en cuestión. Disponível em: http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/45/TH_45_003_175_0.pdf

¹⁰⁰ A nossa linguagem interior não é o Hebraico, mas jargão estrangeiro. Esta verdade tem que ser dita, embora não seja agradável. A forma interna das palavras é estrangeira, e a sintaxe é estrangeira. A influência estrangeira vem de línguas remotas, a maioria delas indo-européia (Jüdish-Deutsch, Ladino, judaico-persa). (LIPSCHÜTZ 1923: 36 *apud* IZRE'EL 2003, p. 3). (Tradução livre)

¹⁰¹ DEKEL, Nurit. **A matter of time: tense, mood and aspect in spontaneous spoken Israeli Hebrew**. Universidad de Amsterdam: Lot, 2010.

juntamente com a dominação inglesa. Entretanto, com a saída desta do território ocupado e o estabelecimento do Estado de Israel, o Hebraico foi anunciado como língua oficial, juntamente com o Árabe, do país recém-criado.

Tendo em vista o trabalho dos *halutsim* na criação de uma rede de ensino, na qual a língua usada era o Hebraico, as novas gerações de *'Erets Yisra'el* começaram a usar a Língua Hebraica como língua principal.

Dekel (2010) descreve que este idioma revigorado adquire lentamente falantes nativos nas escolas que o transformaram em língua matriz. Com o forte fluxo imigratório e, conseqüente, crescimento populacional israelense, em especial, aos denominados *tsabras*¹⁰², desenvolve-se uma nova variedade da Língua Hebraica.

A autora destaca que esse movimento linguístico de não mais uma renovação do Hebraico, antes sua transformação em um ente linguístico com vigor próprio e desenvolvimento espontâneo gerou debates sobre como deveriam ser as características da nova linguagem que podem ser vistas como índices das configurações diglósicas:

Since Hebrew was the teaching language in schools, children started speaking Hebrew as their main language, and it slowly acquired native speakers, turning it into a mother tongue. Consequently, the number of Hebrew native speakers grew quickly, and a new variety of the language was developed.

¹⁰² Nas décadas de 1930 e 1940, na então Palestina, o termo *tsabra* passou a ser usado para indicar todos os nascidos ou criados nos kibutzim sionistas. Seu uso foi popularizado pelo jornalista Uri Kesari, no ensaio de 1931 "Somos as folhas do Tsabra". Um ano após a publicação do texto, a palavra já estava na boca de todos, adotada por inúmeras comunidades locais e na Diáspora. Com a criação do Estado de Israel, o termo passou a ser usado como um adjetivo pátrio "mais coloquial" para identificar todos os nascidos no Estado Judeu. É fácil entender por que "tsabra" é uma metáfora adequada para descrever os pioneiros das primeiras aliot. Idealistas, destemidos e determinados, prontos a enfrentar as maiores dificuldades em favor do sonho, eles eram protegidos por um exterior duro, resiliente e resistente, que lhes permitia sobreviver apesar das difíceis condições na então Palestina. Mas eram, no âmago, doces, sensíveis e criativos. E, assim como as plantas do sabra que crescem de maneira selvagem, são fortes e resistentes e vigorosas - assim eram os pioneiros de outrora e os "sabras" deste início de século XXI. Foi justamente na Terra de Israel que o "velho judeu" da Diáspora européia, despojado à força de suas raízes, escoraçado e fragilizado, transformou-se no "novo judeu", saudável, forte, preparado para se defender e, acima de tudo, profundamente arraigado na Terra, há milênios, prometida a seus ancestrais. **MORASHÁ**, Edição 51- dezembro de 2005.

This process was associated with debates regarding the characteristics of the language. Some scholars supported the direction of the language by normative approaches. It was finally decided to use the grammar of Biblical Hebrew as the basis of the new Hebrew variety, with some components based on Mishnaic Hebrew, such as syntactic structures and the verbal tense system, although the latter also included Biblical Hebrew structures [...] (DEKEL, 2010, p. 70)¹⁰³

A quem recorrer? Esta efervescência intelectual e renovadora, com efeito, não iria brotar em solo árido sem nenhum cuidado.

Como percebemos na fala de Dekel já citada, esse movimento ímpar de uma nova matriz da Língua Hebraica foi acompanhado por discussões e debates acerca do desenvolvimento que queriam e qual estrato linguístico, ou até mesmo quais, serviria de alicerce para essa nova linguagem.

Segundo Medan (1970), para esta finalidade, desde os primórdios dessa empreitada, criou-se em Jerusalém, o Comitê para a Língua Hebraica que posteriormente dá origem à Academia de Língua Hebraica:

Portanto, esperamos que sirvam estes breves parágrafos introdutórios para dar uma ideia das dificuldades cruciais que enfrentou um grupo de entusiastas entregues à tarefa de converter o Hebraico numa verdadeira língua moderna. Era uma tarefa que não podia ser realizada por indivíduos isoladamente, por mais numerosos e especializados que estes fossem em seus diversificados campos do saber. Só um grupo firmemente decidido e devidamente constituído poderia evitar que a confusão perdurasse e, para esta finalidade, criou-se em Jerusalém, em 1890, o *Vaad Halashon Há"ivrit* – o Comitê para Língua Hebraica. [...] Por volta de 1948, a Comunidade Judaica de *'Erets Yisra'el* – o *Yishuv* – já havia crescido em número e importância e atingido um novo "status" político: o de nação soberana, já chegara o momento propício para que se realizasse o sonho dos fundadores do Comitê para a Língua

¹⁰³ Já que o Hebraico era a língua de ensino nas escolas, as crianças começaram a falar Hebraico como sua língua principal, e lentamente adquiriu falantes nativos, transformando-o em uma língua materna. Consequentemente, o número de falantes nativos da Língua Hebraica cresceu rapidamente, e uma nova variedade da língua foi desenvolvida. Este processo foi associado a debates sobre as características da linguagem. Alguns estudiosos apoiaram a direção da linguagem por abordagens normativas. Finalmente decidiu-se usar a gramática do Hebraico Bíblico como base da nova variedade hebraica, com alguns componentes baseados em Hebraico Mishnáico, tais como estruturas sintáticas e do sistema de tempo verbal, embora este último também incluía estruturas Hebraico Bíblico[...]. (DEKEL, 2010, p. 70) (tradução livre)

Hebraica, ou seja: elevá-lo a condição de uma Academia legal e nacionalmente reconhecida. (MEDAN, 1970, p. 22)

Seja como for, as necessidades de ordem linguísticas se haviam acumulado não somente por causa do constante avanço da ciência e da tecnologia, como também devido à nova condição de Israel, agora Estado autônomo, e das novas áreas em que ingressavam os israelenses.

O Autor pontua necessidades linguísticas urgentes que atendessem às áreas do direito e da política, do exército, das marinhas mercante e de guerra, da aeronáutica, seja na área civil assim como na área militar.

Diante das necessidades colocadas, além de outras, e após exaustivo trabalho preparatório, a Academia de Língua Hebraica ganhou atribuições, do *Knesset* (parlamento israelense), de orientar a evolução da Língua Hebraica, com base na pesquisa de seus diferentes estágios e ramificações.

Dentre os problemas colocados para a apreciação desta Academia podemos citar: implicações sobre o sistema de transliteração, o modo de grafar o Hebraico, fixação de novas terminologias tanto de elementos que movem a vida civil quanto a militar, as regras de pontuação entre outros.

Medan (1970) dá mostras que o Hebraico Moderno é herdeiro de formas gramaticais que nem sempre se encontram em perfeita harmonia. Acrescido a isto, o autor indica que transformações linguísticas ocorrem no seio das diferentes comunidades que compõem o mosaico israelense: “[...] as diferentes comunidades têm os seus padrões próprios e tradicionais de pronúncia”.

Não bastassem estas variações diastráticas que caracterizavam os judeus *ṣaredim* em contrapartida com outros grupos judaicos como os *sefaradim*, judeus marroquinos entre outros; e o processo de diglossia (variações diafásicas) entre a língua *standard* e a variante coloquial, é percebido já nos anos 40 por Daniel Persky, desvios, ou afastamento das formas gramaticais já estabelecidas por influências estrangeiras. Seja pelo

uso da gíria ou linguagem infantil oriunda do gênero textual infanto-juvenil que 'bebia' em fontes externas.

Quanto ao gênero textual infanto-juvenil e seu desenvolvimento e importância para a revitalização da Língua Hebraica, Garcia (2010, p. 24¹⁰⁴) destaca:

Esse momento recebeu atenção de escritores, editoras, pedagogos e pais que tentavam encher as estantes quase vazias de livros, para este público, em Língua Hebraica. Assim, traduções de obras mundiais definidas como "obras infantis clássicas" passaram a ser tarefa de alta prioridade; do mesmo modo, obras escritas para adultos foram adaptadas para este público como forma de contribuição à geração mais jovem. [...] a história da literatura infanto-juvenil pode ser considerada a história da tentativa de construir um novo sistema literário e, ao mesmo tempo, de formar leitores e de escritores para esta literatura [...] e este florescimento foi acompanhado pela busca de um modelo mais adequado a sociedade israelense, recebendo influências principalmente da Rússia e da Alemanha. (GARCIA, 2010, p. 25)

Esse engajamento literário serviu como um componente vital na formação da sociedade israelense. E, com certeza, rendeu bons frutos dentre os quais podemos destacar uma geração *tsabra* com a presença de Abraham B. Yehoshua, Amós Oz, David Grossman, Etegar Keret entre outros.

Segundo Garcia (2010), "a Literatura Infanto-Juvenil Israelense passou por diversas transformações, antes de se tornar o que ela representa hoje". Contudo a autora salienta que a nova escrita israelense encontrou percalços quando não refletia o que era considerado "boa literatura":

[...] Seus escritores sofreram muitas sanções quando não se enquadravam no que os professores, pais, escritores e críticos literários consideravam como "boa literatura", rejeitando

¹⁰⁴ GARCIA, Claudia Regina Gama. **Conflitos, medos e dores na literatura infanto-juvenil israelense**: análise de obras selecionadas entre as décadas de 70 e 90. 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

textos que nada tinham a ver com as necessidades do sistema educacional e nacional. (GARCIA, 2010, p. 26)

Por outro lado, fruto do vasto desenvolvimento linguístico da Língua Hebraica, a gíria israelense tem sido sempre uma questão muito interessante. Entende-se por gíria, apoiado no "Oxford English Dictionary, como "linguagem de tipo eminentemente coloquial, considerada como abaixo do padrão da fala culta e que consiste ou de novas palavras ou de palavras correntes empregadas com algum sentido especial".

A aplicação da gíria tem seu campo fértil em determinados grupos sociais, tais como adolescente, soldados e estudantes, assim como, até certo ponto, o público em geral, sendo seu uso intencional, quando se quer evitar as formas padronizadas e aceitas.

Segundo Sappan (1970¹⁰⁵), até meados da década de 70, a Língua Hebraica era considerada pura, e a questão do fator de gíria incidir na "nova língua israelense" era simplesmente um tabu:

Além da repulsa natural que ainda domina em muitos setores, especialmente entre os puristas e pedantes, por aquilo que eles se comprazem em chamar de "linguagem de sarjeta", devemos ter em mente a relutância entre os estudiosos, desde os primeiros dias do renascimento da Língua Hebraica, em aceitar qualquer desvio das normas estabelecidas pelas fontes literárias clássicas. Tão forte é a oposição que mesmo aqueles que reconhecem que a gíria é um produto inevitável de qualquer língua viva, alegam que ainda não chegou a ocasião oportuna de se conceder à gíria hebraica um reconhecimento oficial. (SAPPAN, 1970, p. 44)

O autor argumenta que a gíria israelense na forma atual, e na sua maior parte, é estrangeira tanto na origem assim como em sua natureza.

Contudo, embora o renascimento do Hebraico como língua falada nos tempos modernos tenha gerado um importante desenvolvimento

¹⁰⁵ SAPPAN, Raphael. A gíria hebraica e os empréstimos de vocabulário. In: RABIN, Chaim. **Ressurgimento da Língua Hebraica**. Editora B'nai B'rith, 1970, p. 41-50.

linguístico, no qual se mostraram preocupados na utilização do Standard e do vocabulário, a outra parcela da gíria israelense, ou *slang israeli*, não teve que ser inventada, antes surge a partir do Hebraico escrito de séculos anteriores (STURZ, 1994¹⁰⁶).

Por exemplo, גבר *guever* (literalmente a palavra hebraica para o homem) é a condição *sine qua non* da masculinidade. Isso significa que um homem é difícil, talvez um pouco machista ou tem um ótimo porte físico.

Seguindo as necessidades impostas pelo dinamismo linguístico da Língua Israelense, qualquer principiante do estudo do Hebraico pode distinguir imediatamente os termos pertencente a *slang israeli* que adquiriram popularidade e circulação na Língua Hebraica. Sappan nos dá uma amostra disso:

[...] *tembel*, para louco ou simplório, *hatirrá* (literalmente, pedaço), para menina bonita, *herbon*, para desapontamento ou fracasso, *mapsut* (do Árabe), para contente ou satisfeito consigo mesmo, *pantsher* (sic, mas se trata, na verdade, do inglês *puncture*), para infortúnio inesperado, *lebalef*, para enganar, trapacear (derivado do inglês *to bluff*) e *"olami* (literalmente, mundial ou mundialmente famoso), para excelente ou superior. (SAPPAN, 1970, p. 44)

Segundo o autor, a grande importação de palavras estrangeiras para a gíria israelense tem sido causada por fatores, seja devido à carência de palavras ou expressões que possuíssem conotações populares ou íntimas, ou, até mesmo, pela relação mantida com outras línguas em uso ativo em Israel.

É importante ressaltar o fato de que a importância da gíria israelense vem crescendo continuamente, sobretudo, entre a geração mais jovem que é a sua principal fonte.

Além disso, cabe sinalizar que a gíria criada e falada pela geração mais jovem vem assumindo de maneira crescente um caráter de Hebraico

¹⁰⁶ STURZ, James. **The Mysteries of Slang**. Forward. 1994. HighBeam Research. 28 Jul. 2010 <<http://www.highbeam.com>>.

Nativo e, concomitantemente, as palavras estrangeiras tomadas de empréstimo, que abundavam na fala hebraica de seus pais e avós, vêm se tornando ininteligíveis para os jovens e dão uma ideia de tendência de hebraização da moderna *slang israeli*, sendo o exército israelense seu reduto:

Esta transformação nos “valores da gíria”- por assim dizer – é mais evidente na gíria do Exército Israelense, a qual cria expressões coloquiais cheias de vivacidade e de força. (SAPPAN, 1970, p.48)

Portanto, a *slang israeli* pode ser considerada como um reflexo fiel da situação linguística peculiar da sociedade israelense. Esta metamorfose, em grande parte, é fruto paralelo ao processo de vernacularização da Língua Hebraica no seio desta nova sociedade e sua consequente nativização.

4.3 – REFLEXÕES E APONTAMENTOS

Após tantos desvios inevitáveis, voltemos à questão da diglossia, a fim de questionar se de fato esse termo, tal como foi concebido por Ferguson, cabe ou não à situação atual da Língua Israelense.

Pelo exposto anteriormente, tudo dá mostras de índices de que há variações linguísticas como aspecto interessante do Hebraico que pode ser compreendido através das influências que recebeu desde sua revitalização como língua falada, durante o processo de nativização até os dias atuais.

As variações acontecem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação. Dessa forma, é compreensível que seus falantes façam rearranjos de acordo com suas necessidades comunicativas.

Os diferentes falares devem ser considerados como variações, movimento diglósico, e não como erros. Quando tratamos as variações como erro, incorremos no preconceito linguístico que associa, erroneamente, a língua ao *status*.

É importante ressaltar que o código escrito, ou seja, a Língua Hebraica sistematizada e convencionalizada na gramática, não deve sofrer grandes alterações, antes deve ser preservado. Já imaginou se cada um de nós decidisse escrever como falamos? Um novo idioma seria inventado, aboliríamos a gramática e todo o sistema linguístico determinado pelas regras cairia por terra.

As variações linguísticas acontecem porque a sociedade israelense é sociedade complexa, na qual estão inseridos diferentes grupos sociais. Alguns desses grupos tiveram acesso à educação formal, enquanto outros não tiveram muito contato com a norma culta da língua.

Podemos observar também que a língua varia de acordo com suas situações de uso, pois um mesmo grupo social pode se comunicar de maneira diferente, de acordo com a necessidade de adequação linguística.

5 NEUTRALIZAÇÃO DA FLEXÃO DE GÊNERO NA LÍNGUA HEBRAICA

Uma das características mais controversas recentes da Língua Hebraica tem sido a neutralização ou erosão da flexão de gênero no uso da linguagem. Alguns artigos e pelo menos dois livros lidam com esta questão nos últimos anos. Dessa forma, neste capítulo trarei informações que nos possibilitem um entendimento geral sobre este fenômeno linguístico e seus impactos na língua israelense.

Admitindo que tais divergências existem no Hebraico Israelense, quero descrever de forma sucinta reflexões sobre a classe verbal na Língua Hebraica e dentro desta apontar para o apagamento do gênero feminino nas 2^a e 3^a pessoas plurais do tempo futuro. Da mesma forma, sinalizar configurações inversas em que um paradigma neutro é trocado por outro marcado pelo gênero.

Por fim, traremos à discussão as relações morfossintáticas entre os numerais cardinais e/ou pronomes com os substantivos, na Língua Hebraica, sob a ótica do mecanismo da polarização, assim como a erosão do gênero seja nos primeiros ou, até mesmo, nos derradeiros.

5.1 NEUTRALIZAÇÃO LINGUÍSTICA DE GÊNERO: NOÇÕES GERAIS

Segundo Marlowe (2001¹⁰⁷), a neutralização de gênero é um estilo de escrita que segue regras propostas por reformadores da linguagem,

¹⁰⁷ MARLOWE, Michael. The gender-neutral language controversy. In: GRUDEM, Wayne; POYTHRESS, Vern. **The TNIV and the Gender-Neutral Bible Controversy**. Canadá: B&H Academic, 2005.

oriundos em sua maioria dos movimentos feministas, nas universidades durante os anos de 1970. O autor destaca que essa reforma logrou êxito e foi aceita como norma em muitas escolas acadêmicas a partir da década de 80 do século passado. Os impactos sociolinguísticos deste movimento e outros, como os LGBTs, mostram seus frutos no final da década de 1990 e, ainda, mostram vitalidade no atual século.

O disposto acima se aplica à neutralidade de gênero em Inglês e em algumas outras línguas sem gênero gramatical¹⁰⁸. No entanto, nas línguas com o gênero gramatical, a situação é inversa pelo fato de que os substantivos são, muitas vezes, inerentemente masculinos ou femininos, além do uso do masculino como termo geral não marcado. Este é o uso tradicional do gênero na maioria dos indo-europeus e línguas afro-asiáticas.

Língua afro-asiática, do ramo semítico, o Hebraico tem como uma de suas marcas a presença do gênero gramatical que permeia quase toda a gramática (SILVA, 2009, p. 45). Apesar disso, a sociedade israelense não se ocultou a essas transformações de neutralização de gênero.

Isso pode ser evidenciado através da força que os movimentos sociais, tais como feministas, LGBTs, assim como a presença feminina no Exército Israelense¹⁰⁹ que buscam promover um uso equilibrado da linguagem no tratamento das questões sociais de gênero. (LEVON, 2012¹¹⁰).

¹⁰⁸ O gênero gramatical é uma característica de uma língua que exige de cada substantivo ao estabelecer uma relação morfossintática com seus determinantes ou outras classes gramaticais, como verbos, o uso do feminino ou masculino como norma de concordância.

¹⁰⁹ Segundo Rabin (1973, p.110), o Exército de Defesa de Israel é um dos principais meios que contribuem para uma verdadeira amalgamação da comunidade israelense e uma severa prova para vitalidade da cultura hebraica. Sappan (1970, p.48), destaca que a força militar israelense contribui também no dinamismo da gíria israelense que é uma das marcas de vitalidade do Hebraico: "Essa transformação nos 'valores da gíria' – por assim dizer – é mais evidente na gíria do Exército israelense, a qual cria expressões coloquiais cheias de vivacidade e força".

¹¹⁰ LEVON, Erez. Gender, prescriptivism, and language change Morphological variation in Hebrew animate reference. **Language Variation and Change**, 24 (2012), 33–58. Cambridge University Press, 2012

Outro fator sociolinguístico de impactos significativos na nativização da sociedade israelense e, conseqüentemente, em seu referencial linguístico foi a convivência de aproximadamente três décadas sob domínio britânico.

O uso da Língua Inglesa como língua oficial sob tutela do Período Mandatário, a manutenção de seu status de língua de relações internacionais, meios acadêmicos e tecnológicos após o estabelecimento do Estado de Israel e desenvolvimento de uma sociedade israelense, pode ser, de igual modo, uma das causas de tendência da neutralidade de gênero no Hebraico.

Alguns autores pontuam essas mudanças como exemplos de imperialismo cultural, ou a exportação de ideias e padrões anglo-saxões.

Autores como Curzan (2003¹¹¹) e Peters (2004¹¹²), pontuam que a mudança de paradigma para uma linguagem neutra em línguas que possuem gêneros gramaticais, como o Francês, o Alemão e o Espanhol, é muito diferente da situação da Língua Inglesa. Isto decorre da, quase total, impossibilidade da construção de uma sentença de gênero neutro nessas línguas da mesma forma como pode ser visto em inglês.

Para estes a tendência de uma neutralização linguística é fruto da inserção massiva feminina em, praticamente, todas as áreas da sociedade moderna. Este movimento de igualdade de gênero social seja nas relações de trabalho, na política, ou até mesmo na educação entre outras, requer para si uma expressão linguística que os represente (Barros, 2006).

Os autores ressaltam que as modificações linguísticas de gênero neutro no Inglês podem ser vistas simplesmente como uma evolução natural. Esta língua naturalmente perdeu a maioria de seu gênero bem

¹¹¹ CURZAN, Anne. **Gender shifts in the history of English**. Cambridge University Press, 2003.

¹¹² PETERS, Pam. **The Cambridge Guide to English Usage**. Cambridge University Press, 2004.

antes do início do movimento feminista, o que faz o uso do gênero neutro na língua muito mais viável.

Voltando ao Hebraico, podemos afirmar que este possui um alto grau de gênero gramatical. Praticamente todos os substantivos (assim como a maioria dos verbos, numerais e pronomes da segunda e da terceira pessoa) são gramaticalmente masculinos ou femininos.

Levon (2010) destaca que leis foram aprovadas em Israel, as quais exigem que os anúncios de emprego devam ser escritos de uma forma que mostrem explicitamente que o trabalho é oferecido tanto para pessoas do gênero masculino quanto para o feminino.

Resultado de campanhas por defensores de igualdade de gênero social no emprego ou modificação em direção de uma linguagem neutra, as propagandas israelenses adotaram o separador "/" para indicação de ambos os gêneros. Como exemplo, temos a seguinte configuração: מורים/ות *morim/ot* ("professores/as" plural, masculino e feminino).

Outro fator interessante, decorrente do movimento de neutralização linguística do gênero na Língua Hebraica, é o largo uso de nomes próprios unissex. Esta escolha, na sociedade israelense, segue uma trilha diferente dos nomes hebraicos tradicionais claramente designados pela categoria de gênero. São exemplos deste binarismo linguístico nomes como Abraão, Isaac, Jacob, Sara e Lia.

Não está claro o que motiva esta tendência. Uma das hipóteses seja a maior liberdade que a nova sociedade israelense tem em relação às gerações passadas na escolha de nomes para seus filhos. Além disso, esta nova escolha pode ser pautada mais no significado de suas conotações históricas ou em seu gênero de afiliação. Independente da motivação, o fato é que muitos israelenses estão escolhendo nomes hebraicos modernos unissex para seus filhos.

Alguns exemplos populares são *Adi* (joia, ornamentação), *Gal* (significa onda, água corrente, monte), *Aviyá* (Deus é meu pai) e *Daniel* (que é um nome unissex apenas no Hebraico Israelense), entre outros.

Na mesma direção de neutralização linguística do gênero, certas formas verbais femininas plurais se tornaram arcaicas no Moderno Hebraico Israelense, de modo que as velhas formas plurais masculinas são agora usadas tanto para masculino quanto para o feminino.

As implicações dessa neutralização são diversas. O falante ao seguir esta tendência de neutralização de gênero na Língua Hebraica precisa estar atento, pois o gênero de um substantivo quando estabelece relações morfossintáticas no discurso afeta também a formação morfológica de outras palavras. Especialmente, a classe dos adjetivos, pronomes e verbos que trazem em si desinências marcadas pelo gênero gramatical.

5.2 A EROSÃO DA MARCA DE GÊNERO NA LÍNGUA HEBRAICA

Até que ponto a morfologia das palavras e a sintaxe da Língua Hebraica Israelense mantêm conexão? Dados documentais da língua, desde o Hebraico Bíblico até a sua revitalização em *'Erets Israel* como língua cotidiana, nos permitem conhecer a gramática clássica, as normativas de sua restauração linguística através da Academia de Língua Hebraica, e entender sua estratificação linguística.

A pergunta, portanto, deve ser feita: palavras que eram relacionadas entre si na Língua Hebraica, desde seus primórdios e que foram usadas como base de seu renascimento, continuam possuindo conexões semelhantes dentro da gramática e/ou na fala do Hebraico Israelense?

A Língua Hebraica mudou muito desde sua nativização em solo israelense e tornou-se o principal meio de comunicação em todos os domínios da vida pública e privada em Israel. As questões linguísticas, na sociedade israelense, são tão sensíveis que, frequentemente, políticos se envolvem quando o assunto é a manutenção do “bom falar israelense”, como demonstra Zuckemann (2008¹¹³):

Linguistic issues are so sensitive in Israel that politicians are often involved. For example, in an article in *Ha'aretz* (June 21, 2004), politician Yossi Sarid attacked the (most widespread) “common language of *éser shekel*” as inarticulate and monstrous, and urged citizens to take up arms, fight it and protect “Hebrew”. However, most Israelis say *éser shékel* ‘ten shekels’ rather than *asar-á shkal-ím*, the latter literally meaning ‘ten (feminine) shekels (masculine plural)’, and thus having a “polarity-of-gender agreement” - with a feminine numeral and a masculine plural noun. (Zuckemann, Ghil'ad, 2008)¹¹⁴

Esta divergência, no quadro de características morfossintáticas, produzida pelo falante israelense, dá mostras da vitalidade da Língua Israelense.

Proposta de nossa pesquisa, a erosão da marca de gênero nas relações morfossintáticas entre nomes e numerais dá uma pequena amostra no exemplo citado. Note que a “transgressão” feita à Língua Hebraica afeta diretamente a sociedade que lhe dá suporte ao ponto de ocorrer incursões políticas na questão.

¹¹³ Zuckemann, Ghil'ad. **Realistic Prescriptivism**: the Academy of the Hebrew Language, its Campaign of “Good Grammar” and *Lexpionage* and Native *Israeli* Speakers. Israel Studies in Language and Society. 2008.

¹¹⁴ As questões linguísticas são tão sensíveis em Israel de que os políticos são frequentemente envolvidos. Por exemplo, em um artigo no Haaretz (21 de junho de 2004), o político Yossi Sarid atacou a (mais difundida) linguagem comum de “*esser shekel*” como algo inarticulado e monstruoso, e exortou os cidadãos a pegar em armas, combatê-la e proteger o Hebraico. No entanto, a maioria dos israelenses dizem *esser shekel* (dez shekels) em vez de “*assará shekal -IM*”, esta última, literalmente, significa *dez shekels*, e, assim, ter uma “concordância de polarização de gênero” - com um numeral feminino e um substantivo masculino plural. (Zuckemann, Ghil'ad, 2008) Tradução livre

De maneira análoga, no plano linguístico, não temos uma mera adição de configuração morfossintática, porém uma completa reestruturação do acervo gramatical proposto pelo prescritivismo da Academia de Língua Hebraica. Esta reestruturação afeta não somente com inovações no uso dos numerais cardinais, mas como também atinge regras gerais dos substantivos na relação morfossintática estabelecida.

Zuckemann aponta para o apagamento da marca plural do substantivo, assim como para o reforço, ou até mesmo uma reconfiguração, das nuances polarização de gênero. Tal descrição do Hebraico Contemporâneo sobre os numerais corrobora as normas estabelecidas, como vimos em nossa dissertação de mestrado:

Na Língua Hebraica, é importante não esquecer que outro modo de marcar o gênero de substantivos é o uso de numerais cardinais [...] A distinção de gênero através dos numerais, entretanto, não é tão óbvia, como descreve Baerman (2007), uma vez que os numerais cardinais hebraicos sofrem de reversões morfológicas, chamadas por outros estudiosos, como Meinhof (1912) e Speiser (1938), de Polarização. [...] A disparidade, em questão, é característica apenas, como descrevem Joüon & Muraoka (2000), dos numerais cardinais de três a dez que formam um grupo homogêneo de substantivos coletivos. Além disso, uma peculiaridade mais notável dos numerais 3-10, evidenciado no tronco semítico, é que o coletivo feminino é usado com substantivos masculinos e o coletivo masculino com substantivos feminino. (SILVA, C. S., 2009, p. 64).

A presença de uma implicatura política em questões linguísticas demonstra o vigor da fala israelense. Segundo Zuckemann (2008), “políticos, educadores e muitos leigos estão tentando impor a gramática hebraica no discurso israelense”. Contudo, estes ignoram o fato de que a fala israelense tem vitalidade e a sua própria gramática, que é muito diferente do Hebraico Normativo ou, até mesmo o Clássico. (ROSEN, 1952¹¹⁵).

¹¹⁵ ROSEN, HB (1952). **Remarques descriptivo sur le parler Hébreu-Israélien moderne**, Comptes-Rendus du Groupe d'Etudes Linguistique Chamito-semitiques 6.

Há outros estudiosos que aventam a existência de uma modalidade falada fortemente influenciada pela Língua Árabe ou até mesmo por substratos de línguas europeias (IZRE'EL, 2002¹¹⁶). Encontrar respostas plausíveis para toda essa gama de transformações não é tarefa fácil.

5.3 VERBOS E NUMERAIS NA LÍNGUA HEBRAICA

Vamos tomar como ponto de partida para as nossas discussões algumas reflexões sobre o mecanismo da flexão, característica intrínseca tanto da classe dos nomes (substantivos) como da classe verbal.

Segundo Rocha (1998, p.194¹¹⁷), a flexão se baseia nos seguintes princípios:

1. Regularidade – Os morfemas flexionais apresentam-se de maneira regular e sistemática.
2. Concordância – Os morfemas flexionais são exigidos pela natureza da frase.
3. Não-opcionalidade – Os morfemas flexionais não dependem da vontade do falante para serem usados.

O autor salienta, pautado nos estudos de Câmara Jr. (1970¹¹⁸), que os morfemas lexicais apresentam-se de maneira regular e sistemática. Estes operam nas configurações de gênero, número e o grau dos nomes,

¹¹⁶ IZRE'EL, Shlomo. **Studies in the Spoken Language and in Linguistic Variation in Israel**. TEL-AVIV UNIVERSITY 2002.

¹¹⁷ ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Flexão e derivação no português**. Belo Horizonte: NAPq/UFMG, 1998.

¹¹⁸ CÂMARA JR. J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

assim como o tempo e o modo. Sendo os dois últimos encontrados apenas na classe verbal.

A Língua Hebraica tem como característica das Línguas Semíticas a ampliação¹¹⁹ do uso da flexão de gênero às classes verbais. Bergsträsser (1983, p.7¹²⁰) destaca que "verb [...] are differentiated two genders, masculine and feminine, and these [...] not merely in the third person but in the second as well". O uso da flexão de gênero no Hebraico reforça a tese de Anderson (1985, p. 199) de que "in some languages, the verb may agree with gender or noun class of relevant noun phrases, instead or for in addition to their person/number categories".

5.3.1 Considerações acerca da categoria de número

Antes de abordarmos a questão das relações morfossintáticas na Língua Hebraica no que concerne a neutralização de gênero, seja nos numerais, substantivos ou verbos, se faz necessário uma referência da categoria de número dentro dos estudos linguísticos e do próprio Hebraico. Cobertt (2000, p. 01¹²¹) assinala que o número é a mais subestimada das categorias gramaticais:

Number is the most underestimated of the grammatical categories. It is deceptively simple, and is much more interesting and varied than most linguists realize. (CORBETT, 2000, p. 01)¹²²

¹¹⁹ Normalmente a flexão de gênero se restringe à classe nominal e aos seus determinantes.

¹²⁰ BERGSTRÄSSER, Gotthelf. **Introduction to Semitic Languages: Text Specimens and Grammatical Sketches**. Idiana: Eisenbrauns, 1983.

¹²¹ CORBETT, Greville G. **Number**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2000.

¹²² Número é o mais subestimado das categorias gramaticais. É extremamente simples, e é muito mais interessante e variada do que a maioria dos lingüistas perceber.

Corbett parte do pressuposto de que os estudos sobre o tema tomam em consideração uma série limitada de idiomas. O autor, apoiado em Jespersen (1924) e Lyons (1968), destaca que, em grande parte, os levantamentos linguísticos partem de hipóteses falsas que mascaram o quão interessante a categoria realmente é:

This was recognized by Jespersen: 'Number might appear to be one of the simplest natural categories, as simple as "two and two are four". Yet on closer inspection it presents a great many difficulties, both logical and linguistic' (Jespersen 1924, p. 188). Lyons too pointed out its interest: 'The analysis of the category of the number in particular languages may be a very complex matter'¹²³ (Lyons 1968, p. 283). (*Ibidem*)

Talvez a principal hipótese sobre a flexão de número resida na concepção de que "number is just na opposition of singular versus plural". Mas como explicar os ricos sistemas linguísticos que expressam configurações que fogem a essa afirmação. O autor pontua:

There are indeed languages with this basic opposition. But there are also many languages with richer systems, with a dual for two real world entities, some with a Trial for three, others with a paucal for small number. There are more exotic possibilities too, with the richest systems having five number values, as in Sursurunga. Moreover, some of the trickiest problems with number become much clearer when we look at the evidence from larger systems, that is those with more than the basic singular-plural distinction.¹²⁴ (*Ibidem*)

¹²³ Isto foi reconhecido por Jespersen: 'Número pode parecer ser uma das mais simples categorias naturais, tão simples como "dois mais dois são quatro". No entanto, em uma análise mais aprofundada apresenta muitas dificuldades, tanto lógica e linguística (Jespersen 1924, p. 188). Lyons também ressaltou seu interesse: "A análise da categoria do número em determinadas línguas pode ser uma questão muito complexa"

¹²⁴ Há de fato línguas com esta oposição básica. Mas há também muitas línguas com sistemas mais ricos, com um duplo para duas entidades do mundo real, alguns com um teste por três, outros com um paucal para pequeno número. Existem possibilidades mais exóticas também, com os sistemas mais ricos tendo cinco valores numéricos, como em Sursurunga. Além disso, alguns dos mais difíceis problemas com número tornar-se muito mais claro quando olhamos para a evidência dos sistemas maiores, isto é, aqueles com mais de a distinção singular-plural básica.

O Hebraico tem a categoria de número, uma vez que encontramos correspondência como:

שקל <= שקלים

ילד <= ילדים

תכתוב <= תכתבו

Como podemos perceber há uma diferença no significado entre שקל *shekel* (moeda israelense, *sg.*) e שקלים *shekalim* (moeda israelense, *pl.*) (obviamente concernente ao número deles) que corresponde a uma alteração da forma, ou seja, alteração morfológica.

A mesma diferença de significado que encontramos pode ser verificada em ילד *yeled* (menino)/ ילדים *yeladim* (meninos) e תכתוב *tirrtov* (escreva, 2ª pes. *sg.*)/ תכתבו *tirrtevu* (escrevam, 2ª pes. *pl.*). O primeiro membro de cada par representa as configurações de número singular enquanto o segundo é plural. Dessa forma, quando dizemos que a Língua Hebraica tem singular e plural, estamos nos referindo a correspondência entre o significado e a forma.

Retomando os estudos de Corbett (2000), percebemos que em muitos referenciais teóricos, o número é um recurso que pode ser comparado às categorias de gênero, caso e pessoa. Este possui 'valores':

This feature is said to have certain 'values' (for number, these include singular and plural, and we have already come across others too). These values of the number feature have meanings and forms associated with them. The main part of the meaning of the singular is that it refers to one real world entity, while the plural refers to more than one distinct real world entity.¹²⁵ (CORBETT, 2000, p. 4)

¹²⁵ Este recurso é dito ter certos "valores" (para o número, estes incluem singular e plural, e já se deparar com os outros também). Estes valores da característica número têm os significados e as formas associadas com eles. A principal parte do significado do singular é que ele se refere a uma entidade do mundo real, enquanto o plural refere-se a mais de uma entidade do mundo real distinta.

A expressão formal do plural na Língua Hebraica é, geralmente, realizada pela adição de sufixos, como שקלים, ילדים e תכתבו, enquanto o singular é caracterizado pela ausência total de uma marca. Assim como acontece com a marca de gênero, a categoria de plural pode ser encontrada nos nomes, verbos, pronomes¹²⁶, sufixos pronominais entre outros. Para Cobertt, o plural pode ser realizado de várias formas em uma dada língua. É isso que se operacionaliza no Hebraico:

- 1) Há uma forma plural בים- *im* (para determinar o plural do gênero masculino) e ות- *ot* (que designa a pluralidade do feminino). Estas podem ser encontradas em nomes (substantivos e adjetivos), alguns numerais e verbos apenas no presente. Observe nos exemplos abaixo retirados da obra de A.B. Yehoshua:

a) Substantivos e adjetivos

מישהו שכח אותו, ואני משתמשת בו בימים קרים.
 Adj. Subst.
 mas. pl. mas.pl.

Mishehu shrraḡ 'oto, va'ani mishtameshet bo beyamim qarim

Alguém se esqueceu dele, e eu vou usá-lo em dias frios.

b) Verbos

שאנחנו, שרוצים לא להיות מעורבים בסכסוך שביניכם...
 verb.
 mas.pl.
 pres.

She'anarṇnu, sherotsim lo' lihiot me"uravim besarrsorr shebeineirrem

É que nos, não queremos ser envolvido no conflito (que há) entre vocês

¹²⁶ "As formas pronominais perseguem estritamente o princípio da composicionalidade, descrito pela semântica formal, e elegem formas verbais que satisfaçam as necessidades morfossintáticas como concordância do sintagma verbal em número e gênero". (SILVA, 2009, p. 63).

"O interessante é notar que a Língua Hebraica se caracteriza por um jogo de elementos sufixais que, como destaca McCarter (2004, p. 342), 'são inflexionados em número, pessoa e gênero'. (SILVA, 2009, p. 68)

c) Numerais

בשנות השישים שלטו בעולם תורות חילוניות תקיפות,
verb.
mas.pl.

Beshanot hashishim shaltu ba"olam torot riloniot taqifot,

Na década de sessenta dominou o mundo dos ataques doutrinas seculares

Nos três exemplos selecionados temos a presença da indicação morfológica, na Língua Hebraica, de termos masculinos plurais.

Note que no exemplo **a)**, as relações morfossintáticas de concordância entre **ימים** *yamim* (dias) com **קרים** *qarim* (frios) estabelece parâmetros em que a forma adjetiva do segundo precisa corresponder com as características de gênero masculino para uma perfeita concordância nominal¹²⁷.

No exemplo **b)**, temos a presença da forma verbal, no tempo presente, **רוצים** *rotsim* (queremos) que, de igual forma, exibe a característica morfossintática de gênero masculino. Veja que o verbo retoma de forma co-referencial o pronome **אנחנו** *'anarrnu* (nós) de primeira pessoa plural. Como este pronome é desprovido de indicação quanto à categoria de gênero, a indicação de que o verbo deve vir no masculino e não no feminino pode ser recuperado no contexto mais amplo da narrativa de A.B. Yehoshua.

Por último, no exemplo **c)**, damos enfoque aos numerais. O termo apresentado **שישים** *shishim* (sessenta) faz parte de um grupo seletivo que traz consigo estas configurações plurais. Apesar de, aparentemente, expressar uma forma masculina, os numerais que exibem a forma plural **-ים** *-im* não carregam as noções de masculino, por outro lado dão índices de uma forma

¹²⁷ O termo **ימים** *yamim* é forma plural de **יום** (termo inerente masculino), enquanto **קרים** *qarim* pode variar sua forma plural tanto para o masculino quanto para o feminino por pertencer a classe dos adjetivos.

de neutralização de gênero, pois servem de apoio tanto para nomes masculinos quanto feminino. Neste terceiro exemplo, temos a oportunidade de observar a presença de palavras que trazem em si a terminação **ות** - *ot* designativa de gênero feminino no plural como **תורות** *torot* (doutrinas).

Observe na tabela abaixo como se comporta o verbo na Língua Hebraica no que se refere à flexão de gênero:

בנין construção		שם הפועל infinitivo	שורש raiz
פעל		לגמור	גמר
		תירגום Tradução	
		terminar, acabar	
צווי imperativo	עתיד Futuro	עבר Passado	הווה Presente
גמור	אגמור	גמרתי	גומר / גומרת
גמרי	תגמור / תגמרי	גמרת / גמרת	גומר / גומרת
גמרו	יגמור / יגמרו	גמר	גומר / גומרת
גמורנה	נגמור	גמרנו	גומרים / גומרות
	תגמרו / תגמורנה	גמרתם / גמרתן	גומרים / גומרות
	יגמרו / יגמורנה	גמרו	גומרים / גומרות

Como podemos perceber, as noções de gênero atingem todos os tempos verbais. A polarização de gênero no tempo presente não faz distinção entre as pessoas do discurso que estejam no mesmo número (singular ~ plural). No passado¹²⁸ e futuro¹²⁹ alguns paradigmas trazem em

¹²⁸ O passado apresenta sufixos específicos que determinam não somente a pessoa do discurso, como as categorias de gênero e de número. Nestes, תי- *ti* (1ª pessoa) e ת- *ta/t* (2ª pessoa) marcam as configurações de singular, enquanto נו- *nu* (1ª pessoa), תם- *tem* (2ª pessoa masculina) ות- *ten* (2ª pessoa feminina), ו- *u* (3ª pessoa) são elencados para a flexão plural. Note que a 3ª pessoa singular não é marcado morfológicamente.

¹²⁹ Diferentemente do tempo passado, a categoria de número no futuro do Hebraico é expressa através de elementos prefixais. Para 1ª pessoa singular, usamos א- *a*, enquanto para a 2ª pessoa singular utiliza ת- *t*. Já a 3ª pessoa singular usa ו- *u* (para o masculino) e ת- *t* (para o feminino). O plural é realizado pelo acréscimo do נ- *n* para 1ª

si configurações que podem ser vistos como índices de neutralização ocorrida em tempos anteriores ao Hebraico Israelense.

- 2) Os sufixos pronominais usam como terminação de singular, de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, respectivamente, as formas י- *i*, ך- *rra/rr* e ם- *o*. Em contrapartida, no plural, lança mão do ן- *nu* para 1ª pessoa, ך- *rrem* e ך- *rren* como marcas de 2ª pessoa, e ם- *m* e ן- *n* para a 3ª pessoa.

O Hebraico apresenta nuances que atrelam as configurações de gênero às especificidades da categoria de número, como é o caso dos plurais irregulares. Nestes, o referencial masculino de pluralidade é tomado como marca sufixal de termos femininos e, por outro lado, a expressão formal plural feminina é atrelado à palavras masculinas.

Como é o caso dos exemplos retirados da obra de Etgar Keret:

ובאחד הפעמים...

Uve'errad hapa'amim...

"e em uma das vezes..."

ארבע שנים הוא כבר אצלך...

'arba' shanim hu' kivar 'etslerr

"quatro anos ele esteve junto a ti..."

Nestes, os termos פעמים *pa'amim* (vezes) e שנים *shanim* (anos) que são inerentemente femininos apresentam formas plurais com terminações masculinas sem prejuízo de suas configurações de gênero.

peessoa, do ת- *t* para 2ª pessoa, e ם- *y* para a 3ª pessoa. O que diferencia as formas análogas de número é o acréscimo das terminações de gênero.

Dado uma breve reflexão da categoria de número em geral e suas nuances no Hebraico, vamos analisar as configurações verbais desta língua e seus possíveis desdobramentos na sociedade israelense.

5.3.2 Configurações verbais do Hebraico Israelense

A Língua Hebraica apresenta uma estrutura específica de conjugação chamada de *binyanim*, como nos mostra Zadock (2012, p. 6¹³⁰):

Hebrew verbs are conjugated according to specific configurations (structures), traditionally named *binyanim* (sg. *binyan*). Structurally, the binyan is essentially the combination of the prosodic structures (also referred to as templates in McCarthy, 1981, McCarthy, 1985) with the vocalic patterns, and affixes (if any). These templates have been shown to be derived from general constraints, such as the minimal word constraints requiring words to be disyllabic and alignment constraints, targeting language specific elements, such as the vocalic pattern and affixes¹³¹ (Bat-El, 2003, Bat-El, 2011).

Glinert (1989, p. 458), resume a dinâmica deste sistema na relação de alguns padrões vocálicos ou prefixos adicionados à seleção de consoantes (a 'raiz' ou *shoresh*). Para o autor o padrão vocálico e a raiz não ocorrem independentemente, mas somente em combinação.

¹³⁰ ZADOCK, Gila. **Similarity, variation, and change**: instability in hebrew weak verbs. Thesis doctor of philosophy. Tel Aviv University. December 2012

¹³¹ Verbos hebraicos são conjugados de acordo com configurações específicas (estruturas), tradicionalmente chamados binyanim (sg. binyan). Estruturalmente, o binyan é essencialmente a combinação das estruturas prosódicos (também referidos como modelos em McCarthy, 1981, McCarthy, 1985) com os padrões vocálicos, e afixos (se qualquer). Estes modelos foram mostrados para ser derivado de constrangimentos gerais, tais como os constrangimentos mínimo de palavras requerendo palavras a ser restrições dissilábicos e de alinhamento, tendo como alvo elementos específicos da língua, tal como o padrão de vogal e afixos.

Os estudos de Glinert apontam para o uso de sete *binyanim*. Contudo, pesquisas mais recentes, como de Zadock (2012) mostram uma simplificação no sistema verbal israelense, ao dizer que “Modern Hebrew has five binyanim, typically referred to by their 3rd person sg. past stem configuration”. Estas construções verbais apresentam formas básicas como: passado, presente (historicamente também chamado de particípio), futuro, imperativo e formas infinitivas.

Glinert (1989, p. 468¹³²), na seção das regras gerais de flexão verbal, afirma que os tempos verbais do Hebraico são formados por prefixos (marca de tempo ou pessoa, às vezes gênero no futuro) e sufixos que trazem em si a distinção de gênero e número. Acrescenta-se no sufixo a noção de pessoa para a flexão verbal de tempo passado:

The past tense has Just suffixes for person, gender and number. The present tense has suffixes for gender and number, and a prefix to mark present in binyanim. The future tense has prefixes for person and 3rd person gender; and suffixes for gender and number. The imperative has suffixes for gender and number, identical to future suffixes.¹³³ (GLINERT, 1989, p. 468-469)

Even-Shoshan (1992¹³⁴) pontua:

צורה זו לנוכחות ולנסתרות בעתיד לנוכחות בצווי נהוגות בעקר בספרות המקרא ואינו קיימות בלשון חכמים. בספרות החדשה ובלשון ימינו רווחות גם צורות אלה. (אבן-שושן, 1992, עמ. 3)

¹³² GLINERT, Lewis. **The Grammar of Modern Hebrew**. New York: Cambridge University Press, 1989.

¹³³ O pretérito apresenta sufixos desinenciais de pessoa, gênero e número. O tempo presente tem sufixos de gênero e número, e um prefixo típico serve para marcar presentes nos *binyanim* (construções verbais). O tempo futuro tem prefixos para pessoa e terceiro gênero pessoa; além de apresentar sufixos de gênero e número. O imperativo tem sufixos de gênero e número, idêntico aos sufixos de futuro.

¹³⁴ אבן-שושן, אברהם. **המלון העברי המרוכז**. ירושלים: קרית-ספר, 1999.

Ornan (2003¹³⁵) destaca que o futuro traz consigo peculiaridades como formas idênticas para a 2ª pessoa masculino singular e a 3ª pessoa feminina singular. Além disso, há a incidência de formas femininas para a 2ª e 3ª pessoa plural. Segundo o autor, estas ainda estão em uso (na maioria das vezes em contextos formais) e são vistas como formas “cultas”. Contudo, apesar dessa indicação, no discurso cotidiano, a maioria dos israelenses elege a forma masculina para designar tanto o gênero masculino quanto o feminino.

Esse paradigma, restrito hoje à língua escrita (em especial em contexto formal e opcional) coexiste, apesar da sua substituição pela forma verbal de terceira pessoa do plural masculina tanto para 2ª pessoa plural quanto para a 3ª pessoa plural.

Essa opcionalidade no uso das formas pode ser vista em materiais didáticos ou obras de referência da Língua Hebraica. Obras como de Kabeli (2002¹³⁶) e Solomonick (2001¹³⁷) ainda mantém o uso das marcas formais de gênero no ensino do tempo futuro. Por outro lado, obras sobre os verbos hebraicos como de Tishler (2003¹³⁸) e Vayal & Prasti (1996¹³⁹) avançam na neutralização da terminação feminina e usam apenas o paradigma masculino para a 2ª e 3ª pessoa plural.

Livros didáticos de ensino de Hebraico como *Ivrit Min hatrralah herradash* (2002¹⁴⁰), ou até mesmo obras editadas pelo eTeacher Hebrew: Online Language Academy (2010¹⁴¹) seguem a mesma direção dos dois

¹³⁵ ORNAN, Uzzi (2003). **The Final Word: Mechanism for Hebrew Word Generation (in Hebrew)**. Haifa University.

¹³⁶ קבלי, רחל. **לדעת לשון: תורת הצורות, אוצר מילים ומשמעים, תחביר ושחבור**. אבן יהודה: רכס, 2002.

¹³⁷ סולומניק, אברהם. **משכילון 2: דקדוד עברי לדוברי אנגלית**. ירושלים: שפת העם, 2001.

¹³⁸ טישלר, גוני. **פועל יוצא: הפועל לרמת הביניים**. ירושלים: אקדמון, 2003.

¹³⁹ וייל, תמר, פרסטי, חוה. **הפועל ללומדי עברית. ירושלים: אקדמון, 1996**.

¹⁴⁰ חייט, שלומית, ישראל, שרה, קובלינר, הילה. **עברית מין ההתחלה החדש**. ירושלים: אקדמון, 2000.

¹⁴¹ WILDER, Michat. **eTeacherHebrew: Online Language Academy**. Ramat Gan: eTeacher LTD., 2010.

últimos. No geral, o que se percebe nas obras é uma tendência ao apagamento total do feminino nestas configurações.

Como se vê, apesar dos tempos verbais apresentarem marcas para estabelecerem os princípios flexionais constituídos, há no Hebraico Israelense, indícios de uma crescente simplificação dos paradigmas flexionais. Segundo Dekel (2010), "In Israeli Hebrew speech many of the traditional verbal forms are absent or used differently than in traditional Hebrew". Ora, com um movimento de empobrecimento ou enfraquecimento dos paradigmas verbais, nada mais natural do que esperar decisões¹⁴² prescritivas da Academia de Língua Hebraica:

Since the end of the biblical period, masculine forms have been used to refer to women in the future and imperative tenses (in the Hebrew of today there is hardly any use of specifically feminine forms like *toxalna* [will eat. 2nd Fem. Pl.] or *exolna* [eat. Imp. 2nd Fem. Pl]). In current spoken usage, many speakers also do not insist on saying *hen* [they. Fem.], *aten* [you Fem. Pl.], *katavtan* [wrote 2nd Fem. Pl.], etc. ...This seems to be the direction our language is going, and the Academy does not see its role as one of trying to force this change to stop (Academy of the Hebrew Language)¹⁴³

Como podemos perceber na declaração, a Academia de Língua Hebraica estabelece um padrão sincrônico de variação (a neutralização da distinção de gênero nos pronomes plurais e nas formas verbais de 2^a pessoa plural) e uma mudança documentada dentro do Hebraico Clássico, ou seja, bíblico.

A fala da Academia "a direção que a nossa língua está indo..." explicita que este padrão é o reflexo de um processo contínuo de mudança. Em

¹⁴² **Academy Decisions:** Grammar, chapter 3 – for The Academy of the Hebrew Language's decisions on the conjugation of less common verb patterns.

¹⁴³ Desde o final do período bíblico, formas masculinas têm sido usadas para se referir a mulheres no futuro e tempos imperativos (em Hebraico de hoje quase não há uso de formas especificamente femininos como *toralna* [vai comer. 2 fem. pl.] ou *erolna* [comer. Imp. 2 fem. pl.]). No uso falado atual, muitos falantes também não insistem em dizer *hen* [eles. fem.], *aten* [você fem. pl.], *katavtan* [escreveu 2 fem. pl.], Etc... Esta parece ser a direção na qual a nossa língua está indo, e que a Academia não vê seu papel como um dos que estão tentando forçar para parar essa mudança. (Academia da Língua Hebraica)

outras palavras, pode-se perceber aqui a neutralização de gênero como um produto da mudança linguística.

Nota-se ainda que não há imposição de normatividade imposta pela Academia de Língua Hebraica, antes uma observação que ratifica suas atribuições de “orientar a evolução da Língua Hebraica, com base na pesquisa de seus diferentes estágios e ramificações” (MEDAN, 1970, p.26)

Outra questão importante a pontuar é o uso do prefixo de 3ª pessoa masculina singular como substitutivo da forma neutra que marca a 1ª pessoa singular. Zadock (2012), em sua tese de doutoramento em filosofia pela Universidade de Tel Aviv, traça dados que revelam a possibilidade de extinção do prefixo de 1ª pessoa singular no futuro:

This tendency will continue until the 1st pr. future prefix becomes extinct. The process slows down as the number of tokens of the prefix to which the speakers are exposed diminishes. Of course, the rise in the use of the 3rd pr. prefix for 1st pr. marking raises the frequency of the 3rd pr. prefix (*yi-*) in the language. This is important because no distinction is made between *yi-* for 1st pr. and *yi-* for 3rd pr. This distinction must be made by the preceding pronoun (*ani yigdál* ‘I will grow’ vs. *hu yigdál* ‘he will grow’). Moreover, it should be noted that it is the 1st pr. prefix that is being replaced as the 3rd pr. prefix remains intact. This is determined by frequency; however, since type frequency is not relevant here, token frequency selects the surviving prefix. It is the prefix with the higher token frequency that survives.¹⁴⁴

¹⁴⁴ Esta tendência vai continuar até o 1º pr. Prefixo futuro se torna extinto. O processo diminui quando o número de padrões de prefixo ao qual os falantes estão expostos diminui. Evidentemente, o aumento na utilização do prefixo de 3ª pes. para 1ª pes., aumenta a frequência do 3ª pes. prefixo (*Yi-*) na língua. Isto é importante porque não é feita distinção entre *Yi-* para a 1ª pes. e *Yi-* para o 3ª pes. Esta distinção deve ser feita pelo pronome anterior (*ani yigdál* ‘vou crescer’ versus *hu yigdál* ‘ele vai crescer’). Além disso, deve notar-se que é o prefixo de 1ª pes. que está sendo substituído, como a 3ª pes. o prefixo permanece intacta. Isto é determinado pela frequência; no entanto, uma vez que a frequência de tipo não é relevante aqui, a frequência de paradigma seleciona o prefixo sobrevivente. É o prefixo com a frequência de sinal mais elevada que sobrevive.

5.3.3 Relações morfossintáticas entre os numerais cardinais e os substantivos

The concept of number is the most basic and fundamental in the world of science

Segundo Drake (1974¹⁴⁵), numerais são palavras que se referem aos nomes em termos numéricos, atribuindo-lhes quantidade ou situando-os em determinada sequência. De forma geral a noção de cardinalidade tem por finalidade indicar o número ou quantidade determinada e absoluta dos elementos constituintes de um conjunto.

Tomando como partida para nossas discussões a fala de Drake, apresentaremos uma descrição coerente dos numerais, em especial os cardinais, na Língua Hebraica e, com isso, estabelecer suas relações morfossintáticas com os substantivos.

Silva (2009, p.63), tendo como referenciais Barr (1975), Joüon & Muraoka, McCarter (2004) entre outros, destaca que os numerais cardinais hebraicos atuam como determinantes na distinção de gênero dos nomes:

Na Língua Hebraica, é importante não esquecer que outro modo de marcar o gênero dos substantivos é o uso dos numerais cardinais [...] Esta teoria de podermos delinear o gênero através dos numerais se percebe pelo fato de que, segundo muitos gramáticos e linguistas, sua origem está pautada na classe dos nomes, pois "os nomes dos numerais hebraicos têm sua origem nos substantivos e nos adjetivos [...] possuindo uma característica mista, parte substantival e parte adjetival [...]". (SILVA, 2009, p. 63-64)

¹⁴⁵ DRAKE, Frank R. **Set theory: Na introduction to large cardinals**. Amsterdam: North-Holland, 1974.

Bliboim (1995, p. 63¹⁴⁶) ratifica o uso da categoria de gênero presente nos numerais da Língua Hebraica, mas assevera dificuldades por suas configurações:

בעברית קיימים מספרים ממין זכר וממין נקבה, דבר המהווה קושי ניכר אצל תלמידים שבשפת האם שלהם אין הבחנה זאת קיימת. קושי נוסף גורמת העובדה שדווקא מספרים ממין זכר מסתיימים בקמץ+הא, בדומה לשמות ממין נקבה. (בליבוים, 1995, עמ' 63)¹⁴⁷

Steiner (2010¹⁴⁸) confirma que a designação cardinal para um é na sua essência um adjetivo, enquanto os outros acima deste são quantificadores:

The Word for 1 is an adjective; it occasionally appears in the plural, e.g., Gen. 11:1 *vayehi kol ha'arets safar 'errat vedevvarim 'arradim* 'one language and one_{pl.} (set of) words'. Numerals above 1 are nouns, as are the quantifiers *kol* 'all' (lit. 'totality'). Like those quantifiers, they normally precede the counted [...]. (STEINER, 2010, p. 154)

Kabeli (2012, p. 148) reforça o que foi dito por Bliboim (1995) anteriormente sobre o processo de reversão morfológica na formação dos numerais cardinais hebraicos.

A autora pontua que, na Língua Hebraica, se faz necessário estabelecer configurações de concordância entre os numerais e os substantivos, mesmo que estes apresentem uma polarização de gênero. Contudo, os estudos de Kabeli dão mostras de que mudanças estão ocorrendo nestas configurações, em especial na língua fala:

¹⁴⁶ בלילויים, רבקה. תחביר +: תחביר פונקציונאלי למורים לעברית ולתחמידים מתקדמים. ירושלים: אקדמון, 1995.

¹⁴⁷ Na Língua Hebraica existem números de gênero masculino e gênero feminino, isto é algo considerável para aqueles que em sua língua nativa não há distinção de gênero. Outra dificuldade resulta justamente do fato e que o gênero masculino nos numerais é formado pelo acréscimo de kamatz + a letra hê', algo semelhante a formação do feminino em geral. (tradução adaptada)

¹⁴⁸ STEINER, Richard C. Ancient Hebrew. In: CALLAHAM, Scott N. **Modality an the Biblical Hebrew Infinite Absolute**. Germany: Deutsche Morgenländische Gesellschaft, 2010.

את שם המספר אנחנו מתאימים לשם העצם שאילו הוא נלווה. אנחנו רגילים שסיומת **קמץ+ה** מציינת נקבה. בשם המספר סיומת **קמץ+ה** מופיעה במספרים לזכר. למשל **שלשה תלמידים, שמונה שחקנים, ששה מורים**. ברוב במקרים אנו שומעים בלשון הדיבור **שלוש תלמידים, שש מורים**. כש שם העצם ממין נקבה, יהיו המספרים ללא סיומת **קמץ+ה**. למשל **שלוש תלמידות, שש מורות**. שמות העצם הבאים אחרי המספרים 2-10 יבואו תמיד ברבים. למשל **חמשה שקלים, שני מטרים**. בלשון בדיבור אנו שומעים **חמש שקל, שני מטר**, ולפעמים **שתי מטר**. (קבלי, 2012, 148)¹⁴⁹

¹⁴⁹ Os numerais é (junto com o pronome, artigo e adjetivo) um elemento de determinação da classe nominal, isto é, devemos estabelecer relações de concordância do numeral com o substantivo a qual acompanha. Estamos acostumados com a terminação kamatz+he' para indicar o feminino. No numeral cardinal a terminação kamatz+he' aparece no masculino. Por exemplo, *shloshah talmidim* (três alunos), *shmonah sarrkanim* (oito jogadores), *shishah morim* (seis professores). Na maioria das vezes, na língua coloquial ouvimos: *shalosh talmidim* (três alunos), *shesh morim* (seis professores). Quando há substantivo feminino, haverá números cardinais sem a terminação de feminino. Por exemplo, *shalosh talmidot* (três alunas), *shesh morot* (seis professoras). Os substantivos virão após números 2-10 e sempre virão no plural. Por exemplo, *rramishah shkalim* (cinco ciclos), *shnei metrim* (dois metros). Na língua falada ouvimos: *rramesh shekel* (cinco ciclos), *shnei metrim* (dois pés), e às vezes *shtei metrim* (dois pés). Tradução livre

6 ANÁLISE DAS OBRAS SELECIONADAS

Segundo Garcia (2010), “a literatura não é necessariamente um reflexo do processo social, mas a essência, ou seja, a suma e o resumo de toda a história”. A autora assevera, pautada nos conceitos de mimeses e verossimilhança, que o texto literário é um texto híbrido no qual se fundem a realidade e a fantasia.

Como é notório, ao plasmar elementos não literários, impressões, paixões, ideias, fatos, acontecimentos que são matéria-prima do ato criador, cada autor o faz à sua maneira (CANDIDO, 2006, p. 35¹⁵⁰). Do mesmo modo, um texto ficcional, geralmente, carrega em si as especificidades da época em que foi concebido ou, ainda mesmo, daquela que representa.

Como pontuamos desde o início, nossa meta é beber na fonte literária israelense, em especial, em obras produzidas no século XXI. Dekel (2010) destaca que o Hebraico Israelense, assim como ocorre em outras línguas, também se caracteriza por diferentes registros e formas de comunicação:

Israeli Hebrew, like other languages, also has subtypes characterized by different registers and ways of communication. Subtypes are influenced by ideas about norms and standards. Examples of such subtypes are: **Normative Hebrew**: Normative Hebrew is a form of looking at the language as based on strict rules of grammar, which are defined by the historical layers of the language. [...] **Literary Hebrew**: the Hebrew of literature, written until the late eighties to the early nineties of the twentieth century. This is a written form of Hebrew, usually perceived as a high language, which is different from the spoken variety, as well as from more recent literary works. [...] **Literary Israeli Hebrew**: the Hebrew of literature, written from the mid-nineties of the twentieth century onwards. This type of Hebrew includes newer structures and vocabulary, and differs from one author to another. It always appears in a written

¹⁵⁰ CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

form. [...] **School teachers' Hebrew**: This type of Israeli Hebrew is used by school teachers in Israel. It is characterized by a tendency to normativity, a higher register of speech and a different intonation than the standard speech. It is produced mostly via the spoken channel. [...] **The Hebrew used in the media**: This type of Hebrew is written in journals and newspapers and is also spoken on radio and television. This type can have both written and spoken forms; the former, as mentioned above, would appear in journals and newspapers, while the latter would be used on radio and television programs, sometimes as speech read out from paper, sometimes as pre-planned, semi spontaneous speech. [...] **Courtroom Hebrew**: This type of Hebrew is characterized by juridical contents, and can appear both in spoken and in written forms. Trials are held using the spoken variety of this type of Hebrew, whereas in court protocols and verdicts the written variety is used. (DEKEL, 2010, p. 73-76)¹⁵¹

Com o objetivo de verificar tendências no objeto de nossa pesquisa, a partir das experiências e da imaginação dos autores A. B. Yehoshua, Amós Oz, David Grossman e Etgar Keret, analisaremos obras selecionadas para verificar a incidência ou não da erosão ou neutralização da marca de gênero nos numerais cardinais.

¹⁵¹ O Hebraico Israelense, como outras línguas, também tem subtipos caracterizados por diferentes registros e formas de comunicação. Os subtipos são influenciados por idéias sobre normas e padrões. Exemplos desses subtipos são: **Hebraico normativo**: é uma forma de olhar para a linguagem como baseado em regras rígidas de gramática, que são definidas pelas camadas históricas da língua. [...] **Hebraico literário**: o Hebraico da literatura, escrita até o final dos anos oitenta para o início dos anos noventa do século XX. Este é uma forma escrita, geralmente, percebida como uma linguagem de alto, que é diferente da variedade falada, bem como a partir de obras literárias mais recentes. [...] **Hebraico israelense literário**: o Hebraico da literatura, escrito a partir de meados dos anos noventa do século XX em diante. Este tipo de Hebraico inclui estruturas mais recentes e vocabulário, e difere de um autor para outro. Ela sempre aparece na forma escrita. [...] **Hebraico acadêmico**: Este tipo de Hebraico Israelense é usado por professores do ensino em Israel. É caracterizada por uma tendência para normatividade, um registo mais elevado de expressão e uma afinação diferente do que o padrão de fala. É produzida principalmente através do canal falado. [...] **Hebraico usado na mídia**: Este tipo de Hebraico é escrito em revistas e jornais e também é falado no rádio e na televisão. Este tipo pode ter ambas as formas escrita e falada; o primeiro, como mencionado acima, iria aparecer em revistas e jornais, enquanto o último seria usado em programas de rádio e televisão, às vezes como discurso lido a partir de papel, por vezes, como pré-planejado, o discurso semiespontâneo. [...] **Hebraico jurídico**: Este tipo de Hebraico é caracterizado por conteúdos jurídicos, e pode aparecer tanto na falada e em formas escritas. Julgamentos são realizados utilizando a variedade falada deste tipo de Hebraico, enquanto que em protocolos judiciais e sentenças a variedade escrita é usado. (Tradução livre)

Para nossas análises usaremos o paradigma abaixo que indicará a configuração de gênero prevista, o gênero inerente da palavra e a transformação que está ocorrendo nas relações sintagmáticas. Os elementos na base podem apresentar variações pelo fato de que tanto verbo quanto o numeral cardinal e/ou os pronomes podem aparecer antepostos.

6.1 OBRAS SELECIONADAS DE A.B. YEHOSHUA: REFLEXÕES E ANÁLISES

6.1.1 Considerações iniciais sobre o livro ספרדי רססד *Ressed sefaradi*

Segundo Pinsky (2013¹⁵²), a escrita de A.B. Yehoshua tem a imaginação narrativa em sua própria essência. Para ele, ספרדי רססד *Ressed sefaradi* (A retrospectiva) é uma história elaborada de uma maneira orgânica e prática. Mintz (2013¹⁵³) destaca que o autor A.B. Yehoshua é considerado um patrimônio nacional, além disso, cada romance deste escritor provoca um intenso debate público que é, geralmente, reservado às questões de segurança nacional.

Publicado em Hebraico, em 2011, a obra de Yehoshua recebeu apoio do eminente estudioso literário Dan Miron contra as críticas recebidas de Avraham Balaban no jornal *Ha'aretz*¹⁵⁴. Organizado em 09 capítulos, ספרדי רססד *Ressed sefaradi* chama a atenção para as questões de identidade e história sefaradita dos judeus.

Macintyre (2013¹⁵⁵) pontua que o título do livro em Hebraico tem duplo sentido. Para este, o livro traz consigo uma leitura extremamente

¹⁵² PINSKY, Robert. **Screening History: 'The Retrospective,' by A. B. Yehoshua**. The New York Times Company. March 31, 2013, on page BR13 of the Sunday Book Review with the headline: Screening History. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/03/31/books/review/the-retrospective-by-a-b-yehoshua.html?pagewanted=all>

¹⁵³ MINTZ, Alan. **Reviews: Spanish Charity**. (2013). Jewish Review of Books. Disponível em: <http://jewishreviewofbooks.com/articles/403/spanish-charity/>

¹⁵⁴ BALABAN, Avraham. **Hebrew Fiction / Sleight of hand. With "Spanish Charity," AB Yehoshua has written a fictionalized retrospective of his own work, in which made-up movies stand in for actual stories he has written**. Feb. 17, 2011. Haaretz Daily Newspaper. Disponível em: <http://www.haaretz.com/life/books/hebrew-fiction-sleight-of-hand-1.344008>

¹⁵⁵ MACINTYRE, Donald. **Review: The Retrospective, By AB Yehoshua (Confessions in the land of the Inquisition)**. Saturday 16 March 2013. The Independent. Disponível

prazerosa e mostra que, em seus setenta anos, A.B. Yehoshua ainda está produzindo um de seus melhores trabalhos:

In a translator's note, Stuart Schoffman explains the double meaning of the book's Hebrew title, *Hesed Sefaradi*. "Hesed" denotes "compassion, kindness, love and charity" while "Sefaradi" means "Spanish", as well as referring to the descendants of Jews expelled from Spain in 1492, and "more broadly", those from Arab countries. Moses, a Jew visiting the land of the Inquisition, brings Ruth, a child of Israeli immigrants from North Africa. "Sephardic", in all its meanings, haunts the book. But it is also a compelling meditation on art, memory, love, guilt. A hugely pleasurable read, it shows that in his seventies, AB Yehoshua is still producing some of his best work. (MACINTYRE, 2013)¹⁵⁶

6.1.1.1 Análises específicas do livro 'הסד ספרדי *Ressed sefaradi*

6.1.1.1.1 Erosão e/ou neutralização de gênero no tempo futuro

Como sabemos, a escrita de A.B. Yehoshua entre os autores selecionados é vista como *língua high*, isto é, que segue de perto as normas cultas da Língua Hebraica segundo os padrões da diglossia israelense.

em: <http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/reviews/review-the-retrospective-by-ab-yehoshua-8537399.html>

¹⁵⁶ Em uma nota o tradutor Stuart Schoffman explica o duplo sentido do título hebraico do livro *Hesed Sefaradi*. "Hesed" significa "compaixão, bondade, amor e caridade", enquanto "Sefaradi" significa "espanhol", bem como se referindo aos descendentes de judeus expulsos da Espanha em 1492, e "de forma mais ampla", aqueles de países árabes. Moisés, um judeu ao visitar a terra da Inquisição, traz Ruth, filha de imigrantes israelenses do norte da África. O "Sefaradismo", em todos os seus sentidos, assombra o livro. Mas é também uma meditação convincente sobre a arte, a memória, o amor, a culpa. Uma leitura extremamente prazerosa, isso mostra que em seus setenta anos, AB Yehoshua ainda produz um de seus melhores trabalhos. (MACINTYRE, 2013). Tradução livre

Após análise da obra literária em questão do autor, podemos assinalar que não encontramos incidência do uso dos verbos em 2ª e 3ª pessoas femininas, no tempo futuro, que mantivessem em si a terminação **נה** – como prevista pela norma culta da Língua Hebraica. Contudo, encontramos uma ocorrência que usa a 3ª forma masculina como uma configuração neutra no que se refere à flexão de gênero. Isto pode ser verificado no exemplo abaixo:

Shetaim yaspiqu beherlat, "oná lo Mozes bebitarron [...]

Dois seriam suficiente, Moisés responde com segurança [...]

Observe no paradigma de análise que o indicador transformação **נטרול** *nitrul* (neutralização) dá mostras da presença de uma tendência de neutralização de gênero. Neste caso, as relações co-referenciais estabelecidas entre o verbo **יסיקו** *yaspiqu* (seriam suficientes), que apresenta desinências morfológicas de masculino, e seu determinante feminino, o numeral cardinal **שתיים** *shetaim* (dois), contrariam as expectativas previstas nas regras de concordância da Língua Hebraica. Estas configurações são indícios de uma possível neutralização de gênero.

¹⁵⁷ יהושע, אברהם ב. חסד ספרדי. ישראל: הספריה החדשה, 2011, עמ. 340.

No registro mais culto do Hebraico é prevista a configuração abaixo:

שתיים תספיקנה בהחלט, עונה לו מוזס בביטחון [...] ¹⁵⁸
נ.ה. נ.ה.

Shetaim taspeqna beherrlat, "oná lo Mozes bebitarron [...]

Duas seriam suficiente, Moisés responde com segurança [...]

Note que o termo indicativo para uma possível neutralização de gênero não se faz presente no exemplo acima, pois a relação entre o verbo e seu termo determinante está equalizada pelo gênero feminino.

Nas pesquisas e reflexões surgiram apontamentos de que, possivelmente, o uso das formas femininas em questão nos verbos seja algo característico de situações de alta formalidade linguística da sociedade israelense. Sendo assim, acreditamos que seu uso seria restrito a certos personagens ou discursos, o que não foi evidenciado na obra de Yehoshua analisada.

6.1.1.1.2 Erosão e/ou neutralização de gênero nos numerais cardinais

Em nossa busca encontramos 648 frases que indicavam a presença de numerais cardinais. Estas em suas configurações estabeleciam uma relação

¹⁵⁸ יהושע, אברהם ב. חסד ספרדי. ישראל: הספריה החדשה, 2011, עמ. 340.

de concordância em gênero com substantivos e, às vezes, com formas verbais, como é previsto em Hebraico. Dentre as ocorrências sobressaíram os numerais 1, 2 e 3. Quanto ao gênero, predominaram formas femininas que se apresentaram 5% a mais do que as formas masculinas.

Apesar de obtermos uma boa quantidade de ocorrências, estas demonstram, inicialmente, a manutenção das configurações estabelecidas para os numerais na Língua Hebraica, inclusive a polarização de gênero. Dessa forma, selecionamos apenas alguns dos exemplos.

Vejamos:

Uve"od shenei seraṭim kassupi sei"ar [...]

E, enquanto os dois servidores grisalhos [...]

Neste primeiro exemplo, temos um dado de configuração básica. Observamos, em nossa pesquisa, que os numerais um (אחד ~ אחת) e dois (שניים ~ שתיים), em geral, não causam distorções no que tange ao gênero. Dessa forma, as relações morfossintáticas estabelecidas entre os sintagmas cumprem os papéis previstos e resultam na concordância de gênero entre as partes.

Note que שני *shnei* (dois, *mas.*) apresenta as configurações morfológicas da flexão masculina de gênero, as mesmas podem ser encontradas em שרתים *sraṭim* (servidores) que traz a terminação plural, geralmente, aplicada a termos masculinos como vimos em Bliboim (1995).

Observamos, contudo que o mesmo não ocorre com os numerais cardinais de 3 a 10 (e suas variações). Nestes há uma divergência na forma. Mas, isso já era esperado, pois, como vimos em nosso estudo de mestrado, esse fenômeno de reversão morfológica é conhecido como polarização de gênero.

No sistema polarizado dos numerais cardinais hebraicos, os numerais masculinos assumem a forma estabelecida para o feminino, enquanto este se apresenta como um termo não marcado. Para mais detalhes veja Silva (2009), Waltke & O'Connor (2006), Joüon & Muraoka

¹⁵⁹ Ibidem, p. 09.

(2000), Hetzron (2007) entre outros. Assim, vejamos alguns exemplos de polarização de gênero retirados da obra de A.B. Yehoshua:

Shebizrrutá notsaru shishá seratim 'omnam [...]

Que graças a ela foram feitos seis filmes no entanto[...]

Neste exemplo, o substantivo סרטים *seratim* (filmes) apresenta a forma prescrita para nomes masculinos no plural, determinado pela terminação ם- *im*, enquanto o numeral שישה *shishá* (seis) tem como característica a terminação feminina ה- *-ah*.

Como estas relações morfossintáticas são características do sistema de polarização de gênero na Língua Hebraica, coube aqui manter a classificação de gênero masculino, apesar da forma feminina.

Outra coisa a darmos destaque é o indicador de transformação dentro das configurações morfossintáticas. O termo נטרול *nitrul* (neutralização) usado como referência na indicação de uma tendência de neutralização da flexão de gênero não aparece, antes é substituído pelo indicador קיטוב *qituv* (polarização), termo que sinaliza a existência do fenômeno da polarização de gênero.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 18

Selecionamos o próximo exemplo por suas distintas características apresentadas. De fato, mais uma vez estamos em frente a uma relação morfossintática polarizada.

O que nos chama mais atenção não é apenas o desprovemento de marca para o feminino, como é previsto nos casos de reversão morfológica, mas a inserção de um substantivo feminino que apresenta uma forma plural masculina.

Para explicarmos isso, nos respaldamos em Glinert (2000, p. 455), o qual destaca que “some thirty feminine nouns take –im, including about half of the feminine nouns lacking a feminine suffix [...]”.

Vehine ka'avor shalosh 'o 'arba shanim higuia lakita

E eis (que) depois de três ou quatro anos (ele) veio para a aula [...]

Apesar de aparentemente no plano da forma existir uma neutralização, salientamos que isso não ocorre em virtude do processo de polarização de gênero que inverte a morfologia dos numerais cardinais na Língua Hebraica.

Acrescido a isso, a presença de uma forma oriunda de plurais irregulares acentua a impressão de que שנים *shanim* (anos, pl. fem.) se

¹⁶¹ Ibidem, p. 32

comporta como um termo masculino, quando na prática se trata da presença de um termo feminino que exhibe configurações plurais irregulares.

O mesmo pode ser verificado no próximo exemplo, com a diferença de que agora estamos trabalhando com configuração de gênero masculino e, como no caso anterior, seus plurais irregulares (GLINERT, 2000, p. 454).

Me'afsharim lamossad leha'amid l'o raq sheloshá 'ulamot-haqraná bigdelim shonim [...]

Permittem que a instituição tenha não só três salas de projeção de diferentes tamanhos [...]

Neste último exemplo, tanto o numeral cardinal **שלושה** *sheloshá* (três, masc.) elencado para as relações morfossintáticas quanto o substantivo **אולמות-הקרנה** *'ulamot-haqraná* (salas de projeção) a ser determinado pelo primeiro apresentam, do ponto de vista mórfico, desinências de flexão de gênero feminino contrariando sua classificação lexical que os definem como termos essencialmente masculinos.

¹⁶² Ibidem, p. 39

6.2 OBRAS SELECIONAS DE AMÓS OZ: REFLEXÕES E ANÁLISES

6.2.1 Considerações iniciais sobre o livro תמונות מחיי הכפר *Temunot merraiei hakfar*

Com a idade de 72 anos, Amós Oz é nove anos mais velho do que o Estado de Israel. Segundo Hickling (2011¹⁶³),

O livro *De amor e trevas*, 2004, traça de forma memorável um paralelo entre o crescimento de Oz e seu país, Israel. Nesta obra, o desenvolvimento da nação e da sociedade israelense é visto como a expansão da consciência de um jovem rapaz cuja ambição declarada é 'crescer para se tornar um livro'.

Winkler (2012¹⁶⁴) acrescenta que Oz é uma das vozes literárias primárias de Israel que escreve sobre o desespero entre as pessoas e sua terra cheia de instabilidade política, militar entre outras.

Estruturado em oito contos, o livro תמונות מחיי הכפר *Temunot merraiei hakfar* (Cenas da vida na aldeia), capta as lutas cotidianas dos habitantes de uma aldeia israelense fictícia, Tel Ilan. Segundo Barbosa (2009), as narrativas são curtas e podem ser lidas de forma independente, embora na sequência, a leitura se enriqueça muito mais. Além disso, há uma sobreposição das histórias, com personagens de uma entrando em outra

¹⁶³ HICKLING, Alfred. **Amos Oz's stories come to a bleak conclusion**. Friday 5 August 2011. The Guardian: Short stories. Disponível em: <http://www.theguardian.com/books/2011/aug/05/amos-oz-scenes-village-life-review>

¹⁶⁴ WINKLER, Joe. **One of Israel's primary literary voices has written a small, but powerful book**. January 3, 2012. Jewcy Media LLC: Arts & Culture. Disponível em: <http://jewcy.com/jewish-arts-and-culture/reviewed-scenes-from-a-village-life-by-amos-oz>

formando, assim, um encadeamento muito interessante. A autora sinaliza que:

Os conflitos entre israelenses e palestinos ganham espaço neste texto, mas não com a sisudez de costume. Estamos diante de um senil à beira da caduquice e um garoto esperto, que busca asilo na casa porque pretende escrever um livro sobre as diferenças entre a vida numa vila israelense e numa vila palestina. Entre os dois, trava-se um debate magnífico sobre a origem da tristeza humana: "Nossa infelicidade é por nossa causa e também por causa de vocês. Mas a infelicidade de vocês vem da alma", diz o jovem Adel.

Nestes oito contos, personagens aparecem, sem aviso prévio, com ações ameaçadoras sem resolução, enquanto outros desaparecem. Perdas permeiam essas histórias, mas uma perda sem explicação ou redenção. Segundo Winkler, Oz escreve a partir de uma geração que está a morrer, uma geração que acha cada vez mais difícil de se conectar à próxima geração ou a si mesma.

A autora destaca que o autor israelense finaliza a obra de forma magistral mergulhando nas águas do realismo mágico e alegórico, no estilo de Kafka e de Garcia Márquez:

The last story of the collection serves as a brilliant coda to the more grounded stories beforehand. Here, Oz dips into the pool of magical realism and allegory, in the style of Kafka and Garcia Marquez. Oz, from the perspective of a government man sent to tend to a less civilized people, describes a devolution, a reverse genesis, where the lands spits out its inhabitants. The man waits every day for replacements, only to find the people growing less humane each morning. The story inverts the classical Israeli narrative in which the early pioneers miraculously converted swamplands into gorgeous, thriving environments, because here, "Iron tools rust overnight, mildew eats at the walls, straw and hay turn black with moisture as though burnt in fire, mosquitoes swarm everywhere, our homes are full of flying and crawling insects. The very soil bubbles." Like any good Kafka fable, the experience of the story, one of destabilization, transcends any attempts at analysis. Winkler (2012)¹⁶⁵

¹⁶⁵ A última história da coleção serve como uma coda brilhante para as histórias anteriores mais fundamentada. Aqui, Oz mergulha na piscina do realismo mágico e alegoria, no estilo de Kafka e Garcia Márquez. Oz, a partir da perspectiva de um homem político busca cuidar

6.2.1.1 Análises específicas do livro תמונות מחיי הכפר *Temunot merraiei hakfar*

6.2.1.1.1 Erosão e/ou neutralização de gênero no tempo futuro

Neste livro de Oz, assim como na obra de AB Yehoshua, não houve ocorrências do uso dos verbos em 2^a e 3^a pessoas femininas, no tempo futuro, que mantivessem em si a terminação נה – *-na*. Também não foram encontradas ocorrências da 3^a forma masculina plural que indiquem uma tendência de uma neutralização de gênero.

A obra literária de Amós Oz segue de perto a escrita de AB Yehoshua, sendo também considerada como uma variação linguística *high*, visto que preconiza a modalidade padrão do Hebraico Israelense.

Diante da ausência tanto da forma feminina em questão quanto da masculina que a substitui, passemos, então, a análise do uso dos numerais cardinais e as relações morfossintáticas estabelecidas por estes com os termos aos quais determinam.

de um povo menos civilizado, descreve uma devolução, uma gênese reversa, onde as terras cospem seus habitantes. O homem espera todos os dias para as substituições, apenas para encontrar as pessoas a crescer menos humano a cada manhã. A história inverte a narrativa israelense clássica na qual os pioneiros milagrosamente convertem terra árida em ambientes lindos, prosperando, mas aqui “ferramentas enferrujam durante a noite, mofo come para as paredes, palha e feno ficam preta com a umidade como se queimado no fogo, mosquitos aparecem em todos os lugares, nossas casas estão cheias de insetos voadores e rastejantes. As bolhas de solo muito”. Como qualquer boa fábula de Kafka, a experiência da história, um de desestabilização, transcende qualquer tentativa de análise. Winkler (2012) Tradução Livre

6.2.1.1.2 Erosão e/ou neutralização de gênero nos numerais cardinais

Na obra de Amós Oz *תמונות מחיי הכפר Temunot merraiei hakfar* (Cenas da vida na aldeia) encontramos 546 frases, nas quais o uso dos numerais cardinais pode ser aferido. Seguindo a tendência observada na análise anterior, aqui também houve a predominância dos numerais 1, 2 e 3, assim como prevaleceu a forma feminina que apareceu 7% a mais do que o gênero masculino.

Mais uma vez ocorreu a manutenção das configurações estabelecidas para os numerais na Língua Hebraica, inclusive a polarização de gênero. Não foram encontrados vestígios de erosão de gênero nos numerais cardinais ou, ainda, alguma neutralização da flexão. Vejamos alguns exemplos captados na obra em questão.

Shekol ha'iniyan lo' yiqarr yoter me'asher "eser daqot? [...]

(que) isso tudo não vai demorar mais de dez minutos ? [...]

Esse primeiro exemplo da obra Amós Oz serve mais uma vez como modelo de reversão morfológica ou polarização de gênero. Note a presença do sinalizador **קיטוב** *qituv* (polarização) ratificado pela presença de uma forma feminina morfológicamente não-marcada (característica atribuída na morfologia a termos masculinos) que estabelece relações morfossintáticas com o substantivo feminino **דקות** *dakot* (minutos).

Isso demonstra que a polarização de gênero nos numerais cardinais na Língua Hebraica apresenta uma tendência de manutenção de suas configurações, apesar do movimento de neutralização de gênero. Talvez isso se deva ao fato de que a escrita de Oz, assim como de AB Yehoshua, seja classificada pela diglossia como uma forma *Standard*.

¹⁶⁶ עוז, עמוס. **תמונות מחיי הכפר**. ישראל: כתר ספרים, 2009, עמ. 13.

No exemplo a seguir, o numeral אחד *errad* (um), ao determinar o termo anterior כפתור *kaftor* (botão), expressa características morfossintáticas de um adjetivo. Nesta configuração está em evidência a concordância das flexões de número e de gênero. Ambos são tipicamente termos masculinos que exibem uma forma morfológica não-marcada.

Uvetorr karr rarras kaftor 'errad berrutanto, [...]

Da abertura de um botão de sua camisa, [...]

Colocamos mais dois exemplos, para mostrar que as mesmas configurações encontradas na obra de A.B. Yehoshua podem ser vistas na obra de Oz. Mais uma vez, se apresenta as configurações de polarização de gênero e suas relações com os substantivos, inclusive com plurais irregulares.

No primeiro, as relações morfossintáticas usam o numeral cardinal שלוש *shalosh* (três) no paradigma feminino, que na Língua Hebraica é caracterizado por um termo não-marcado. Para este, é elencado um termo feminino שנים *shanim* (anos) que apresenta uma forma plural irregular¹⁶⁸, como exemplos que já observamos anteriormente.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 21

¹⁶⁸ Como vimos anteriormente, esta forma é, normalmente, atribuída a termos masculinos quando exibem a sua forma de número plural.

Lefnei shalosh shanim nas"á leNa'amá [...]

Há três anos (ela) viajou até para Naamá [...]

Conforme podemos observar, não temos aqui a presença indicativa de uma tendência de neutralização da flexão de gênero. Em vez da presença de **נטרול** *nitrul* (neutralização), as configurações morfossintáticas estabelecidas requerem para si o termo **קטוב** *qituv* (polarização) que sinaliza a presença das reversões morfológicas.

O próximo exemplo segue de perto as mesmas reversões morfológicas características da polarização de gênero. O que difere este do anterior é o fato de agora se trabalhar com as configurações do gênero masculino.

Vekarr hem shorrvim sheloshtam [...]

E assim eles os três deitam [...]

¹⁶⁹ Ibidem, p. 14

¹⁷⁰ Ibidem, p. 39

6.3 OBRAS SELECIONADAS DE DAVID GROSSMANN

6.3.1 Considerações iniciais sobre o livro ספר הדקדוק הפנימי *Sefer hadiqduq hapenimi*

Um dos ícones da geração que sucede a profícua Geração do Estado¹⁷¹, David Grossmann, jornalista e escritor israelita, nascido em Jerusalém no ano de 1954, se destaca em sua escrita ao traçar uma linha tênue entre os estilos de antecessores. Conhecido como opositor ferrenho do Primeiro Ministro Israelense Binyamin Netanyahu, segundo Colombo (2015¹⁷²), Grossmann traz como elementos centrais de sua literatura: a política e a guerra.

O autor, de diversos livros como *Ver: Amor* entre outros, nos brinda com a obra *O Livro da Gramática Interior*. Esta não foge à regra no estilo literário de Grossmann, antes tem seu viés ambientado em um período anterior à Guerra dos Seis Dias (1967), quando Israel entrou em conflito com uma frente de países árabes. O autor em entrevista à Folha de São Paulo pontua: “meus livros sempre trataram do contexto de confrontos na região, mas depois da morte de Uri¹⁷³, creio que ficaram mais duros”.

Herdeiro de uma geração que ajudou a consolidar a identidade israelense seja na política, seja na concepção de fronteiras territoriais, ou ainda na amalgamação do sistema linguístico do Hebraico israelense, o

¹⁷¹ Nesta brotaram vários veios literários como Appelfeld, Oz, Yehoshua entre muitos outros.

¹⁷² COLOMBO, Sylvia. **David Grossman narra o que é crescer na guerra**. Folha de São Paulo. 07/03/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/03/1599225-david-grossman-narra-o-que-e-crescer-na-guerra.shtml>

¹⁷³ Grossman perdeu um filho em outra guerra travada por seu país, em 2006, desta vez com o Hizbollah, no sul do Líbano.

autor conta que escrever em Hebraico, como instrumento literário, sempre foi um desafio. Grossman reconhece o árduo trabalho de revitalização, levada a cabo por Eliézer Ben Yehudah, ao afirmar que o Hebraico “é um idioma que ficou adormecido por muito tempo. Uma língua não falada, vinda da Bíblia, que não tinha palavras para descrever uma girafa, um helicóptero, uma expressão sexual”.

O autor dá mostras do crescimento orgânico da Língua Hebraica, a qual não pode mais se dissociar de seus falantes nativos. A relação imposta entre eles é de uma simbiose cambiante propensa a influências, tanto internas quanto externas, que, muitas vezes, deixa rastros na literatura. Segundo, o autor:

Foi seu uso cotidiano e a incorporação dele na literatura que o modernizaram. A beleza do Hebraico é que ele está sendo construído. Nós, escritores, somos os pedreiros. E também o Exército, pois é preciso admitir que a guerra também acrescenta coisas novas ao vocabulário.

Publicado em 1991, a obra é vista pelos críticos como um *Bildungsroman*, isto é, a obra de David Grossmann, ambientada em um pano de fundo de angústia de um país jovem e vulnerável, sempre sob a mira de vizinhos hostis, estigmatizado pelos traumas da *Shoá*.

O Livro da Gramática Interior mostra de forma pormenorizada o processo de desenvolvimento físico, moral, psicológico, estético, social ou político até sua maturidade do jovem Aharon Kleinfeld, protagonista. Da mesma forma, sinaliza o desenvolvimento do Estado de Israel que vive o embate entre a ideologia sionista (fonte de estruturação para a formação do Estado em suas primeiras décadas) e a realidade dos imigrantes que não querem ou não podem se desvencilhar de seus passados, de seus idiomas ou de suas memórias.

Segundo Krausz (2015¹⁷⁴), “o embate entre estes dois universos, a grande questão da sociedade neste período, insinua-se na vida interior dos personagens para ocupar um lugar fulcral na narrativa de Grossman”. Krausz diz que “ao retomar, em nova chave, o gênero do romance de formação, Grossman representa e discute o destino de um jovem sensível e perceptivo ante as imperfeições do mundo”.

Outro destaque à obra é a presença de indícios da influência externa de um idioma (Inglês), praticamente, neutralizado em questões de gêneros gramaticais que traz impactos ao sistema de um Hebraico que acabara de sustentar-se em próprias pernas:

Nas aulas de Inglês do colégio, ele fica fascinado pelo ‘present continuous’, tempo verbal que não tem correspondente na Língua Hebraica. É um presente que se estende indefinidamente, e que, por eclipsar as perspectivas de passado e de futuro, que estão por trás das maquinações dos adultos, torna-se, para ele, um tempo verbal particularmente desejável, um escudo que o defende do mundo”. (KRAUSZ, 2015)

Passemos às ocorrências de neutralização ou erosão da categoria de gênero na obra de Grossman.

¹⁷⁴ KRAUSZ, Luís S. **Herói de livro de David Grossman contempla a sociedade israelense dos anos 1960**. Estadão: Cultura / Literatura. 18 abril 2015. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura.heroi-de-livro-de-david-grossman-contempla-a-sociedade-israelense-dos-anos-1960.1672017>

6.3.1.1 Análises específicas do livro ספר הדקדוק הפנימי *Sefer hadiqduq hapenimi*

6.3.1.1.1 Erosão e/ou neutralização de gênero no tempo futuro

A obra literária em questão não apresentou ocorrências do uso dos verbos em 2ª e 3ª pessoas femininas plurais, no tempo futuro, que mantivessem em si a terminação **נה** –na. Apesar das normas¹⁷⁵ preverem o uso desta como um dos padrões verbais, tem se verificado que sua presença na fala e na literatura demonstra um caráter mais pontual, especialmente para destaque de erudição de algum personagem ou identificação de um período específico.

O uso tanto de **נה** –na quanto de **ו** –u como terminação de futuro, assim com a preferência por uma delas, mostra o florescimento do Hebraico Moderno e seu movimento linguístico em busca de uma identidade israelense.

Como vimos a escrita de Grossman segue de perto o registro padrão da Língua Hebraica, assim como Amós Oz e A.B. Yehoshua. Aqui também não há incidência de algum registro das formas verbais em questão corroborando a ideia de que apesar de adotadas no estabelecimento do Hebraico Moderno, as mesmas sinalizam uma tendência de desuso ou questões pontuais.

¹⁷⁵ Além da terminação **נה** –na, a revitalização da Língua Hebraica como instrumento de comunicação cotidiana apresenta a forma **ו** –u como uma terminação verbal que atende tanto as configurações masculinas quanto as femininas de 2ª e 3ª pessoas plurais no tempo futuro.

Em contrapartida, no que se refere às questões de gênero nos numerais cardinais, diversas ocorrências foram encontradas, dentre as quais, algumas merecem nossa atenção.

6.3.1.1.2 Erosão e/ou neutralização de gênero nos numerais cardinais

Ao analisarmos a obra ספר הדקדוק הפנימי *Sefer hadiqduq hapenimi* (O Livro da gramática interna), de Grossman, encontramos um total de 1063 construções frasais que externavam a presença dos numerais cardinais, sendo um total de 494 formas masculinas e 569 referenciadas no gênero feminino.

As configurações de gênero estabelecidas por estes numerais ora se deram com substantivos, ora com verbos e também com pronomes demonstrativos que atuavam como elementos coesivos anafóricos. Todas essas conexões são previstas pelas normas gramaticais da Língua Hebraica.

Diferentemente das outras obras analisadas, a obra de David Grossman surpreendeu pela ampla diversidade no uso dos numerais cardinais. Mais uma vez, as formas femininas sobressaíram às formas masculinas.

O avanço em três casas decimais das ocorrências femininas, entre numerais e pronomes, pode ser um dos indícios de uma preferência desta como uma forma neutra.

Várias podem ser as motivações para tal, como a apresentação gráfica desta como uma forma não marcada (fator normalmente atribuído aos termos masculinos, inclusive quando tratamos da categoria de gênero nos substantivos, adjetivos, verbos entre outros na Língua Hebraica), ou até mesmo o fator da economia linguística, um dos princípios basilares das línguas naturais.

Foi observada na maioria das ocorrências, a princípio, uma manutenção das configurações estabelecidas para os numerais na Língua

Hebraica, inclusive a polarização de gênero. Contudo, como dissemos anteriormente, a presença de certas conexões imbricadas da categoria de gênero chamou-nos a atenção. Dessa forma, selecionamos apenas os exemplos cujas relações fugiam aos padrões estabelecidos pelas normas gramaticais do Hebraico.

Os dois primeiros exemplos elencados por nós trazem consigo configurações plurais típicas da Língua Hebraica e de línguas semíticas: o dual. Segundo Bliboim (1995¹⁷⁶), a marca múltipla de dual é desprovida da categoria de gênero, seguindo uma tendência diferente das terminações ים /ym/ e ות /'ot/ que, segundo a maioria dos gramáticos do Hebraico, servem como marcas plurais de masculino e feminino, respectivamente.

Seguindo as observações da autora e outros estudiosos da área, podemos afirmar que a forma יים /aym/ é forma neutra quanto às configurações de gênero e que sempre estabelecerá relações de concordância. Contudo, sua forma e caráter não incidem na natureza do gênero atribuído a palavra-base, a qual mantém seu *status quo*.

Se observarmos o contexto em que está inserido, o vocábulo שנה (ano) não sofre alterações quanto suas características de feminino, ao mesmo procedimento segue o comportamento morfossintático de שבוע (semana) que apesar de apresentar uma terminação semelhante, mantém sua essência de termo masculino.

Vejamos:

¹⁷⁶ בליבוים, רבקה. תחביר +: תחביר פונקציונאלי למורים לעברית ולתלמידים מתקמים. ירושלים: אקדמון, 1995.

¹⁷⁷ שנתיים הוא לובש אותם [...]

נ.ר

Shnatayim hu' lovesh 'otam [...]

Já as usou durante dois anos [...]

¹⁷⁸ לראות את השיירה של השוטרים שיורדים אחרי שבועיים מן המובלעת של הר-הצופים [...]

ז.ר

Lir'ot 'et hashaiar' shel hashotrim sheyordim 'arrarei shvuaim min hamuvlaa't shel Har-hatsofim [...]

Ver o comboio de policiais que descem depois de duas semanas do enclave do Monte Scopus [...]

¹⁷⁷ גרוסמן, דויד. ספר הדקדוק הפמיני. ישראל: הספריה החדשה. 2011, עמוד 24.

Grossman, David. **O livro da gramática interior**. Rio de Janeiro: Companhia das letras. 2015, p. 35 (trad. Paulo Geiger)

¹⁷⁸ גרוסמן, דויד. ספר הדקדוק הפמיני. ישראל: הספריה החדשה. 2011, עמוד 228.

Grossman, David. **O livro da gramática interior**. Rio de Janeiro: Companhia das letras. 2015, p. 35 (trad. Paulo Geiger)

Outro fator importante de se salientar é que apesar de ser uma terminação de indicação múltipla, o dual¹⁷⁹ traz sempre consigo a noção do numeral cardinal 'dois' na Língua Hebraica, contudo o faz sempre de forma neutra quanto às configurações binárias de gênero estabelecidas.

Outra forma de neutralização encontrada em nossas análises foi o uso do processo da coesão referencial¹⁸⁰.

Nos exemplos a seguir a substituição se dá quando um termo tipicamente feminino é retomado ou precedido por uma pró-forma, o pronome demonstrativo **זֶה** zé (este, esse, isto, isso).

Entretanto, na contramão das relações referenciais, o elemento gramatical eleito para representação da categoria em questão, neste caso o nome, não traz consigo características de baixa densidade sêmica, isto é, não traz as marcas do que substitui como era esperado.

Estas incongruências se percebem pelo fato de que o pronome demonstrativo **זֶה** zé (este, esse, isto, isso) tem suas características calcadas nas configurações de masculino, fator corroborado pela existência de uma

¹⁷⁹ Segundo Gesenius (1909), o dual é mais uma indicação de número que se originou em tempos remotos. No Hebraico, no entanto, é utilizado quase que exclusivamente para designar objetos que aparecem naturalmente em pares ou coisas que estão, pelo menos, formando um par. Segundo o autor, o dual nunca é encontrado em adjetivos, verbos ou pronomes. No substantivo, o dual é indicado por ambos os gêneros pela terminação **יִם**-ayym que é anexada à base. Gesenius salienta o cuidado devemos ter para não tratarmos como dual nomes de cidades ou outras supostas formas. O autor pontua, por exemplo que **שָׁמַיִם** shamayym (céus) e **מַיִם** mayym (água) não são formas duais, antes são frutos derivativos de velhas formas plurais presentes nas línguas semíticas.

¹⁸⁰ Segundo Koch (1996, p. 30), chama-se de coesão referencial "aquela em que um componente da superfície textual faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual". Com isso a autora chama este de elemento de *referência* ou *referente textual*, enquanto aquele, forma remissiva ou referencial. Segundo a autora, este mecanismo coesivo permite relações referenciais situacionais (extratextuais) assim como textuais. A coesão permite uma referência textual quando se trata de elementos que estão explícitos ao texto, enquanto a primeira (situacional) necessita da ajuda de outros elementos fora do texto que são atraídos com a manifestação de inferências. Para Freitas (2014, p. 10), os termos anafóricos ou referenciais e a relação co-referencial que há entre eles servem para manter a continuidade de significação, assegurando a progressão textual por meio de expressões nominais e a atualização dessas mesmas expressões. Segundo a autora, "a continuidade referencial só acontece quando elementos introduzidos no texto são retomados por meio da escolha do processo linguístico apropriado de referência, seja ele a pronominalização, a definitivização, etc".

forma feminina que o contrapõe, ora **זאת** *zo't* ora **זו** *zo* (esta, essa, isto, isso). Ambas as formas atuam como forma binária nas questões de gênero do Hebraico.

Apesar destas regras precisas de coesão referencial da Língua Hebraica, percebemos alguns indícios, na obra de David Grossman, do uso da forma masculina **זה** *zé* (esse, este, isso) como um indicativo de neutralização de gênero, uma vez que a mesma forma usada para estabelecer relações referenciais a termos femininos.

Observe no próximo exemplo a forma pronominal masculina **זה** *zé* (esse, este, isso) atuando como termo indicativo da cópula¹⁸¹ em padrões oracionais predicativos. Esta forma, junto a outras, na Língua Hebraica tem a função de indicar esta relação entre o sujeito e o seu predicativo, uma vez que o verbo de ligação *ser/estar להיות* *lihiot* não expressa formas verbais conjugadas no tempo presente. Vejamos:

Zé hi' rotsá she'atá tiehié harri tov verishon berrol hadevarim: 'ima' zé 'ima' [...]

É que ela quer que você seja o melhor, o primeiro em tudo. Mãe é mãe.
[...]

¹⁸¹ In linguistics, a copula (plural: copulas or copulae) is a word used to link the subject of a sentence with a predicate (a subject complement), such as the word *is* in the sentence "The sky is blue." The word copula derives from the Latin noun for a "link" or "tie" that connects two different things. A copula is often a verb or a verb-like word, though this is not universally the case.

¹⁸² גרוסמן, דויד. ספר הדקדוק הפמיני. ישראל: הספריה החדשה. 2011, עמוד 24.

Grossman, David. O livro da gramática interior. Rio de Janeiro: Companhia das letras. 2015, p. 35 (trad. Paulo Geiger)

No exemplo anterior, percebemos que a forma pronominal masculina **זֶה** zé (este, esse, isto, isso), em destaque, desempenha uma função anafórica pois retoma um termo anterior. Entretanto, a escolha do pronome dentro das configurações de coesão referencial deveria levar em consideração o termo feminino a que se refere, o substantivo feminino **אִמָּא** 'ima' mãe.

Não é o que ocorre, em vez de vermos uma relação de concordância nominal seja em número ou gênero, como se espera no Hebraico, temos a escolha do pronome demonstrativo masculino **זֶה** zé (este, esse, isto, isso) no lugar de uma forma feminina existente **זֹאת** zo't ou **זוּ** zo (esta, essa, isto, isso).

A obra de Grossman, em questão, lança luzes sobre falares específicos (população jovem e *Olim radashim*¹⁸³) e isso nos permite perceber as variações impostas ao Hebraico Moderno. É bom lembrar que a obra fala de um Estado jovem e do desenvolvimento da sociedade israelense em meio a conflitos.

Uma das hipóteses para a presença de configurações como esta, é o uso de **זֶה** zé (este, esse, isto, isso) frente às configurações de gênero, na Língua Hebraica. Este atinge tanto a classe nominal e seus determinantes quanto a classe verbal como uma das formas de neutralização.

Passemos ao próximo exemplo:

¹⁸³ Novos imigrantes. "Aliyá é um conceito cultural judaica importante e um elemento fundamental do Sionismo. Ele está pautado na Lei do Retorno de Israel, que concede qualquer judeu (considerada como tal por halarrá e/ou a lei secular israelense) e elegíveis não-judeus (uma criança e um neto de um judeu, o cônjuge de um judeu, o cônjuge de um filho de um judeu e o cônjuge de um neto de um judeu), o direito legal à imigração assistida em Israel, bem como a cidadania israelense. Alguém que "faz "aliyá é chamado um "olé (masc. singular) ou "olá (fem. singular). O plural para ambos é "olim.

Zo sha"á ramishit ulifnei 'arraroná ve'arrarei zé reshbon habayta

É a quinta aula, e a penúltima. Depois desta (aula), matemática e casa [...]

Aqui mais uma vez a forma masculina זה zé (este, esse, isto, isso) tende a ditar uma espécie de neutralização de gênero. Repare que o período oracional se inicia por uma das formas femininas do pronome demonstrativo זו zo (esta) que, por sua vez, estabelece uma relação de concordância com o termo שעה sha"á (hora) ao qual determina. As configurações estruturais de feminino são corroboradas pela presença do termo anafórico אחרונה arraronah (última) que faz referência à שעה sha"á (hora).

Contudo, ao estabelecer mais uma sequência anafórica é exibido uma quebra nesta no que tange aos padrões estabelecidos pela categoria de gênero na Língua Hebraica: temos a presença de um termo masculino זה zé (este, esse, isto, isso) fazendo referência à cadeia sintática calcada no gênero feminino indicando uma tendência da neutralização de gênero.

No próximo exemplo, a neutralização atua diretamente com os numerais cardinais. Note que mais uma vez há aqui a questão da coesão referencial. A forma pronominal demonstrativa masculina זה zé (este, esse, isto, isso) atua novamente retomando um termo anterior feminino, דקות

¹⁸⁴ גרוסמן, דויד. ספר הדקדוק הפמיני. ישראל: הספריה החדשה. 2011, עמוד 34.

dakot (minutos), ao mesmo tempo em que reforça a indicação da existência da cópula¹⁸⁵, uma vez que esta não exibe um registro formal no tempo presente do verbo להיות *lihiot* (ser/estar).

Estudiosos como Bliboim (1990), Glinert (2009) entre outros, a ausência do verbo להיות *lihiot* (ser/estar) no tempo presente não inviabiliza o uso da cópula na Língua Hebraica. Como não há um registro formal do verbo para esta indicação, o Hebraico utiliza-se dos pronomes pessoais e/ou pronomes demonstrativos de 3ª pessoa para sinalizar a presença da cópula.

Vejamos:

"*eserim-ve'arba*" *daqot zé kvar 'arrareirarits harratsi* [...]

Vinte e quatro minutos já é depois do sulco (intervalo) do meio [...]

Observe que há uma quebra na remissão do elemento base em questão. O elemento de referência textual **דקות** *dakot* (minutos) é feminino. O numeral cardinal **עשרים וארבע** "*esrim-ve'arba*" (vinte e quatro, feminino),

¹⁸⁵ Verbo de ligação (ou cópula) é um tipo de verbo que une o predicativo do sujeito ao sujeito. É uma palavra gramatical, relacional como os conectivos (conjunção e preposição); por isso também se chama de verbo relacional. A função do verbo de ligação é, portanto, ligar um estado, qualidade, condição ou classificação do sujeito. O verbo de ligação não é uma partícula que pode ser retirada sem que haja mudança no sentido.

¹⁸⁶ גרוסמן, דויד. ספר הדקדוק הפנימי. ישראל: הספריה החדשה. 2011, עמוד 34.

Grossman, David. **O livro da gramática interior**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 2015, p. 51 (trad. Paulo Geiger)

cuja forma é polarizada, funciona como determinante do termo **דקות** *dakot* (minutos) com o qual concorda em gênero e número igual.

Sendo assim, a forma remissiva ou referencial **זה** *zé* (este, esse, isto, isso) não estabelece relações de concordância em gênero ao termo que retoma, enquanto por outro lado, possivelmente, apresenta a consolidação de **זה** *zé* (este, esse, isto, isso) como uma das novas formas de neutralidade do Hebraico Israelense. O mesmo ocorre no exemplo a seguir, porém com mais complexidade.

Analisemos:

Shalosh shniá "ad shehake'ev pag me"aniyen: baboqer zé haiá ramesh [...]

Três segundos se passaram até a dor. Interessante: de manhã foram cinco [...]

O termo central agora é **שניה** *shniá* (segundos)¹⁸⁸. As relações sintáticas estabelecidas mostram situações tanto de erosão quanto de neutralização de gênero. Primeiro, ao ser determinado pelo numeral

¹⁸⁷ גרוסמן, דויד. **ספר הדקדוק הפנימי**. ישראל: הספריה החדשה. 2011, עמוד 286.

Grossman, David. **O livro da gramática interior**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 2015, p. 468 (trad. Paulo Geiger)

¹⁸⁸ שניה – נקבה: 1. פרק זמן שאורכו החלק ה-60 של דקה אחת. "שלושים שניות הייתם פה". 2. החלק ה-60 של דקת קשת, שהיא החלק ה-60 של מעלה המודדת זווית. שנייה היא 1-3600 מצעלה אחת. 3. (שניה) בקשה להמתין רגע קצר, רגע. 4. פרק זמן קצר מאוד, רגע קצר. <http://milog.co.il/%D7%A9%D7%A0%D7%99%D7%94>

cardinal שלוש *shalosh* (três), um termo feminino, polarizado, o referente textual שניה *shniá* (segundos) deveria apresentar uma forma plural.

Como já visto em nosso estudo, a manutenção da forma primária singular frente aos numerais cardinais, no Hebraico, só é permitida quando se trabalha acima da casa decimal (do numeral cardinal 10 para cima).

No entanto, Grossman traz o registro singular, fator que caracteriza um avanço na erosão da marca plural feminina nos substantivos frente a quaisquer numerais. Apesar de vermos indícios do desaparecimento da marca feminina plural, as relações de concordância quanto ao gênero entre o referente e seu determinante (numeral) estão consoantes à norma padrão estabelecida.

No caso da forma remissiva, a escolha linguística é de gênero masculino זה *zé* (este, esse, isto, isso), ainda que seu termo referente seja do gênero feminino. Este registro reforça, a meu ver, a tese de um movimento de neutralização de gênero.

As questões de gêneros entre referente e forma remissiva é acentuada pela presença do verbo להיות *lihiot* (ser/estar), no tempo passado e na forma masculina היה *hayah* (foram). Isto corrobora a ideia de que זה *zé* (Este, esse, isto, isso), apesar de remeter a um termo feminino, é masculino.

Os termos masculinos na expressão referencial catafórica funcionam como cópula para a introdução de um predicativo remissivo que, no caso, é uma forma numeral feminina: חמש *gamesh* (cinco). O próximo exemplo mostra configurações análogas ao anterior.

Observe:

'et hasha"on qibel kvar lifnei shavu"a, ume"az hu" rai lefi zman New-York, shezé sheva" sha"ot 'arrareinu

Tinha ganhado o relógio já fazia uma semana e desde então estava vivendo pela hora de Nova York, que é sete horas depois da nossa,

usheva" sha"ot zé harbe zman [...]

e sete horas é muito tempo [...]

Na primeira parte, encontramos relações morfossintáticas padrões. **זמן** *zman* (tempos) atua como referente que é retomado pela forma

¹⁸⁹ גרוסמן, דויד. ספר הדקדוק הפנימי. ישראל: הספריה החדשה. 2011, עמוד 113.

Grossman, David. **O livro da gramática interior**. Rio de Janeiro: Companhia das letras. 2015, p. 182 (trad. Paulo Geiger)

pronominal זה *zé* (este, esse, isto, isso). Ambas são masculinas e apresentam como predicativo uma forma feminina שבע שעות *sheva" sha"ot* (sete horas) que traz o conceito de horas.

Se levarmos em consideração que זמן *zman* (tempo) traz consigo a noção de horas שעות *sha"ot* (horas), como acontece com as configurações de idade que sempre retomam a ideia de שנה *shaná* (ano), então, pelo mecanismo da decapitação linguística já discutida anteriormente, a forma remissiva זה *zé* (este, esse, isto, isso) traz consigo noções de neutralização linguística quanto ao gênero.

Na segunda parte da análise há uma inversão na estrutura morfossintática com o acréscimo do advérbio הרבה *harbe* (muito). Note que שעות *sha"ot* (horas), termo feminino passa de termo referencial a forma base que será retomada. Seu caráter feminino é reforçado pela presença da marca plural feminina e do determinante שבע *sheva"* (sete, fem.) que pertence ao mesmo gênero.

Mais uma vez temos a presença da forma remissiva זה *zé* (este, esse, isto, isso) que é masculina, como já visto antes. Veja que o predicativo não influi sobre o termo referente, visto que sua forma é masculina, mas não é o caso do pronome זה *zé* (este, esse, isto, isso) que parece estar perdendo sua característica de termo masculino e se tornando neutro.

Passemos a outra ocorrência. No próximo exemplo, praticamente todos os vocábulos usados na construção oracional são termos essencialmente femininos com exceção de duas formas, uma pronominal לו *lo* (para ele) que se repete por duas vezes e um verbo ייצא *yatsa'* (ele sairá) que apresenta marcas de conjugação no gênero masculino. Apesar da presença destes, todas as outras formas fazem referência ao gênero feminino, inclusive a forma pronominal masculina זה *zé* (este, esse, isto, isso).

Pelo contexto estabelecido, temos a noção de que se trata de uma relação sexual.

Repare que o termo remissivo **זֶה** zé (Este, esse, isto, isso) atua como um mecanismo coesivo. No entanto, esta referência não se trata de elementos explícitos ao texto em questão, antes necessita da ajuda de outros elementos fora do texto que são atraídos com a manifestação de inferência.

Se pensarmos que o termo retomado é uma “situação”, então temos um dilema: existem na Língua Hebraica duas designações lexicais para isto. Uma tem origem semítica, **מצב** *matsav*, que é relacionada pelos lexicógrafos como masculina, enquanto a outra deriva da influência dos estrangeirismos no Hebraico Israelense, **סיטואציה** *situatsiah*, que é feminina.

Neste caso, tecer considerações sobre mais um indício de uma possível tendência de neutralização traz algumas complexidades. O texto é atual, bem próximo aos escritos no século XXI, isto pode ser confirmado pela presença de termos aglutinados¹⁹¹ característicos do Hebraico Israelense em curso.

Contudo, não podemos esquecer que o escritor escreve sobre uma época próxima à Guerra dos Seis Dias, Geração da qual faz parte. Como há fortes indícios de neutralização, trataremos o uso da forma remissiva pronominal **זֶה** zé (este, esse, isto, isso) como possíveis vestígios de uma neutralização de gênero na Língua Hebraica.

Alguns exemplos analisados trouxeram configurações que tratam da idade do indivíduo em questão. Como já vimos nos outros autores, nesses casos parece imperar o processo de decapitação¹⁹², e para um perfeito processo coesivo necessitamos da ajuda de outros elementos fora do texto.

Contudo, ao debruçarmos sobre o assunto, percebemos que um deles dava indícios da presença de marcas da oralidade israelense seja na

¹⁹¹ Encontramos nas obras exemplos de palavras que exibem uma forma aglutinada no Hebraico israelense, como **שומקום** *shumaqom* (nenhum lugar) em vez de **שום מקום** *shum maqom*, **בנדם** *benadam* (ser humano / homem) no lugar de **בן אדם** *ben adam*, entre outros.

¹⁹² Neste caso temos a manifestação de inferência dos termos **שנה** *shanah* (ano), o qual é retomado por pressões extralinguísticas.

tendência de neutralização da categoria de gênero na Língua Hebraica, seja na fusão de vocábulos resultando assim em um novo signo linguístico.

Grossman, através da voz feminina de uma *olá rradashah*¹⁹³ (imigrante), dá indicativos de mudanças no léxico israelense ao usar (imigrante), dá indicativos de mudanças no léxico israelense ao usar *'eretsysra'el* em vez de *'erets yisra'el*. Da mesma forma, o autor não deixa escapar indicativos de que um processo de neutralização de gênero está em curso no seio da sociedade israelense.

Vejamos o próximo exemplo:

'ani bat 'arba'im ve'errad hayiti matai ba'ti be'eretsisra'el shelanu maqsimom 'arba'im ushetayim [...]

Eu tinha quarenta e um anos quando cheguei a nossa Erets Israel.
Quarenta e dois no máximo [...]

Através da linguagem coloquial, exemplificada aqui pela imigrante, Grossman sinaliza um movimento de vitalidade no Hebraico Israelense. O

¹⁹³ Apesar da indicação de mudanças no léxico israelense ao usar *'eretsysra'el* em vez de *'erets yisra'el*, cabe aqui salientar que o uso da Língua Hebraica desde os pilares de sua nativização em *'Erets Yisra'el* sempre sinalizou distúrbios na fala dos "olim *rr*adashim (novos imigrantes), o que, muitas das vezes, não refletiam a fala cotidiana israelense, mas que, de certa forma, acabava a influenciando.

¹⁹⁴ גרוסמן, דויד. ספר הדקדוק הפמיני. ישראל: הספריה החדשה. 2011, עמוד 79.

Grossman, David. **O livro da gramática interior**. Rio de Janeiro: Companhia das letras. 2015, p. 127 (trad. Paulo Geiger)

autor mostra o uso do numeral cardinal אחד *'errad* (um, numeral) como uma forma neutra para configurações femininas, apontando para a dificuldade que um imigrante novo (*olé rradash*) tem ao usar os numerais cardinais da Língua Hebraica.

Como dissemos, o sujeito oracional é feminino, e isto é corroborado pela forma בת *bat* (filha, neste caso está sendo usada para designar anos) substitutiva de שנה *shaná* (ano). Mas, como se pode notar no primeiro momento surge a presença da forma masculina אחד *'errad* (um, numeral) em detrimento de אחת *'arrat* (uma, numeral).

No entanto, quando há mudança do numeral, volta a imperar a forma feminina, neste caso שתיים *shetaim* (dois, numeral *fem.*). Ambas as formas numerais servem de determinantes de ארבעים *'arba'im* (quarenta) que atua de modo neutro.

Estes exemplos revelam que a linguagem é um processo de interação e não apenas um sistema de normas abstratas. Essas abordagens nos revelam uma concepção do Hebraico para além de um sistema homogêneo e de código transparente, antes nos vincula aos seus usuários permeados por sua autonomia linguística.

Em todos os casos, os locutores deste Hebraico Israelense, em graus diferentes, assumem uma atitude em relação ao discurso formal que se revela através das modificações que servem a um propósito numa situação sócio-histórica.

6.4 OBRAS SELECIONADAS DE ETGAR KERET: REFLEXÕES E ANÁLISES

6.4.1 Considerações iniciais sobre o livro פתאום דפיקה בדלת *Pitom defiká badelet*

Nascido em Tel Aviv em 1967, Etgar Keret é um escritor israelense e um dos mais populares da nova geração. O crítico literário Nissim Calderon escreveu que Keret é “o Amós Oz de sua geração”. Entre os vários elogios recebidos pelo escritor, ele prefere ser reconhecido como autor cuja obra é a mais furtada nas bibliotecas públicas de seu país, sendo considerado o principal nome da moderna literatura israelense (BRASIL, 2014¹⁹⁵).

Segundo Torres (2014¹⁹⁶), Etgar Keret, autor israelense, responsável pela renovação do conto em seu país, usa surrealismo para desconstruir preconceitos. Para o autor, a obra de Keret פתאום דפיקה בדלת *Pitom defiká badelet* (De repente, uma batida na porta) traz consigo duas características que permeiam os contos do primeiro livro lançado do autor no Brasil:

Primeiro, no uso do humor para apontar a dose de absurdo no mais trivial dos acontecimentos cotidianos (seus ídolos literários são Franz Kafka e Kurt Vonnegut); segundo, na maneira lúdica com que mostra os diferentes lados de um conflito israelense, invertendo os pontos de vista de cada um dos envolvidos. (TORRES, 2014)

¹⁹⁵ BRASIL, Ubiratan. Israelense é mestre em unir concisão com nonsense: Etgar Keret descreve situações estranhas narradas por pessoas comuns. 12 julho 2014. Estadão: Cultura/Literatura. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,etgar-keret-descreve-situacoes-estranhas-narradas-por-pessoas-comuns,1527312>

¹⁹⁶ TORRES, Bolívar. Atração da Flip, Etgar Keret usa surrealismo para desconstruir preconceitos. 12/07/2014. O Globo: Cultura. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/atracao-da-flip-etgar-keret-usa-surrealismo-para-desconstruir-preconceitos-13222477#ixzz3OMLu4rJa>

Segundo Bercito (2014¹⁹⁷), “Keret deixa claro, rapidamente, que é um contador de histórias. Ele nem sempre responde às perguntas com a precisão [...], mas deixa transparecer, em seus devaneios, elementos organizadores de sua obra”.

Organizada como uma coletânea de 38 contos, פתאום דפיקה בדלת *Pitom defiká badelet* (De repente, uma batida na porta), o título do novo livro define o tom para o todo. Este tece uma riqueza de histórias com personagens cativantes e divertidos ao mesmo tempo desconcertantes. Keret, para compor com maestria o cerne do primeiro conto de obra, busca referenciais em Benjamin (1994)¹⁹⁸ que diz:

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1994, p. 196-197)

No conto Keret atua como um narrador-personagem. Este é mantido refém por um grupo de pessoas que exigem que uma história seja contada. Contudo, não querem que o narrador personagem não despeje sobre eles a realidade como um caminhão de lixo, antes use sua imaginação para criar, inventar, e ir o mais longe que puder. Segundo Bercito (2014), na prosa de Etgar Keret se mesclam absurdo e coloquialidade:

O objetivo cômico alcançado por suas histórias se deve, também, à linguagem coloquial, em dissonância com a tradição formal em Hebraico – visível inclusive nos jornais israelenses [...] O estilo de Keret, nesse sentido, é inconfundível. “Qualquer leitor reconhece a linguagem dele”,

¹⁹⁷ BERCITO, Diogo. Um passeio pela ficção concisa e fértil de Etgar Keret. 26/01/2014. Folha de S. Paulo: ilustríssima. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/01/1402289-um-passeio-pela-ficcao-concisa-e-fertil-de-etgar-keret.shtml>

¹⁹⁸ BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

afirma o professor Gadi Taub. "É uma variante falada, sem metáforas complexas". (BERCITO, 2014)

Os 38 contos do livro *פּיתום דפיקה בדלת* *Pitom defiká badelet* (De repente, uma batida na porta) são uma leitura deliciosa e agradável. É uma obra de enorme criatividade, com uma linguagem fácil e de narrativa veloz. A variedade de temas que Keret aborda é outro atrativo da coletânea de contos.

6.4.1.1 Análises específicas do livro *פּיתום דפיקה בדלת* *Pitom defiká badelet*

6.4.1.1.1 Erosão e/ou neutralização de gênero no tempo futuro

Nos 38 contos analisados, não foram encontradas configurações que em verbos na 2ª e 3ª pessoas femininas no tempo futuro tivessem como diferencial a marca **נה-** *-na* para designar a voz feminina. Assim como não se achou registros que indicassem o uso da 3ª forma masculina plural de futuro como uma tendência em curso para neutralização das 2ª e 3ª pessoas femininas, apesar das obras de Keret se expressar através da linguagem coloquial israelense.

6.4.1.1.2 Erosão e/ou neutralização de gênero nos numerais cardinais

Em nossa busca, constatamos a presença de 390 ocorrências de frases que demonstravam configurações de concordância entre os numerais cardinais e substantivos hebraicos. Nesta análise o predomínio agora ficou a cargo das formas masculinas com 229 frases contra 161 do gênero feminino. Apesar de uma maior diversidade de numerais cardinais apresentados, as formas dos numerais 1, 2 e 3 ainda prevaleceram, em especial no gênero masculino.

Como vimos, a escrita de Keret tem como marca diferencial a variante falada do Hebraico Israelense. Os contos de *פתאום דפיקה בדלת* *Pitom defikah badelet* (De Repente, Uma Batida na Porta) apresentam alguns vestígios de coloquialidade no que tange ao uso dos numerais cardinais como vimos em Dekel (2010), Levon (2010; 2012), Izre'el (2012) entre outros.

Em geral, o uso dos cardinais como determinantes dos substantivos manteve seus parâmetros de concordância em gênero, até mesmo nas reversões morfológicas (polarização de gênero). Contudo, alguns exemplos corroboraram com nossa expectativa de encontrarmos marcas da erosão de gênero nos numerais cardinais ou, ainda, alguma neutralização da flexão.

Dessa forma, primeiramente, colocaremos uma mostra dos exemplos que seguem as regras previstas para o uso dos numerais cardinais e, em seguida, analisaremos os exemplos que expõem uma tendência de erosão ou neutralização da marca de gênero.

A seguir transcrevo as frases ditas “normativas”:

Shloshá yamim 'arrarei zé hi' qiblá [...]

Três dias depois disso, ela recebeu [...]

¹⁹⁹ קרת, אתגר. *פתאום דפיקה בדלת*. ישראל: זמורה ביתן, 2010, עמ. 22.

Nesta primeira frase, mais uma vez nos deparamos com o mecanismo da polarização de gênero. O gênero masculino é realizado morfologicamente no substantivo ימים *yamim* (dias) enquanto o seu determinante, o numeral שלוש *sheloshá* (três), apresenta configurações de reversões morfológicas.

Cabe salientar a presença do termo anafórico זה *zé* (este, esse, isso, isto) que estabelece relações morfossintáticas de concordância com o substantivo base ימים *yamim* (dias) reforçando a tese de configurações de gênero masculino.

A manutenção de configurações polarizadas no lugar de paradigmas neutralizados nos chama atenção, pois a obra analisada não reflete o modelo *high* dentro da diglossia israelense. Como vimos, Etgar Keret preza pelo modelo coloquial da Língua Hebraica.

Passemos a um segundo exemplo:

Shnei 'anashim yoshvim barreder, 'ani matr^{rr}il [...]

"Dois homens estão sentados na sala", eu começo [...]

No segundo exemplo, elencamos o uso do numeral שני *shnei* (dois) que atua como determinante quantitativo de אנשים *'anashim* (homens) estabelecendo com este substantivo uma concordância de gênero masculino. Note que o numeral não apresenta problemas ao estabelecer

²⁰⁰ Ibidem, p. 08

relações de concordância com o substantivo, as quais são reforçadas pela presença da forma verbal **יושבים** *yoshvim* (estão sentados) no gênero masculino

Os próximos dois exemplos seguem de perto configurações análogas das já vistas anteriormente. No primeiro, o numeral **אחת** *'arrat* (um, fem.) funciona como um determinante que exprime tanto a função adjetiva quanto a função de quantificador e estabelece uma concordância harmônica entre duas palavras femininas.

Já na segunda frase, ocorre a polarização de gênero no numeral feminino **ארבע** *'arba* (quatro), termo não-marcado, que estabelece concordância em gênero com a palavra **שנים** *shanim* (anos) que apresenta uma forma plural irregular, mas prevista.

Vejamos:

harei hi' ra'atá 'oto raq pa'am 'errad [...]

Afinal, ela tinha visto ele apenas uma única vez [...]

²⁰¹ Ibidem, p. 27

²⁰² [...] ככה לא בכה פעם ואף כבר אצלך הוא שנים ארבע
נ/ה. נ/ה.

'arba" shanim hu' kvar 'etslerr ve'af pa"am lo' barra karra [...]

Quatro anos ele tem estado com você e nunca chorou assim [...]

Foram encontrados alguns registros que apontam para uma possível erosão ou neutralização da flexão de gênero nos numerais cardinais na Língua Israelense. O primeiro caso que merece atenção está na frase a seguir. Observe-se:

²⁰³ [...] חמש-עשרה בגיל חמש-עשרה
נ/ה. ז/ה.

bito haberrorá nirrnessá leheraion begil ɽamesh-"esre [...]

Sua filha mais velha ficou grávida aos quinze anos [...]

²⁰² Ibidem, p. 25

²⁰³ Ibidem, p. 21.

Como podemos verificar, existe nesta configuração morfossintática uma relação estabelecida entre o substantivo masculino גיל *guil* (idade) que é determinado pelo numeral cardinal feminino חמש-עשרה *lamesh-esre* (quinze). Seria este um caso de neutralização de gênero? Ao pesquisarmos sobre o assunto, vimos que toda vez que um numeral cardinal se referir à idade deverá vir no feminino, mesmo que seu antecedente esteja no masculino como é o caso de בן *ben* ou גיל *guil*.

Durante a coleta de dados para nossa análise, observamos que toda vez que depois do numeral vier as palavras חודשים *rodashim* (meses) ou שבועות *shavuot* (semanas) para designar idade, os numerais cardinais hebraicos se apresentam como masculinos e não como femininos.

Acreditamos na hipótese de que o uso feminino esteja apoiado no processo de decapitação, no qual a palavra principal subentendida continua a controlar o gênero da frase (WALTKE; O'CONNOR, 2006, p. 103²⁰⁴).

Sendo assim, ao falar de idade, usamos o feminino mesmo frente a palavras masculinas pois a referência principal é שנים *shanim* (anos), geralmente ausente nestas configurações, que apesar de apresentar uma forma irregular masculina, é inerentemente feminina. Então surge o questionamento, seria um caso de decapitação gramatical ou de uma neutralização de gênero?

Talvez o caso mais célebre de neutralização seja mesmo o uso dos numerais frente à moeda israelense, שקל *shekel* (moeda israelense) que é classificada como um termo masculino requerendo assim suas configurações de concordância.

Contudo, como vimos nos capítulos teóricos, vem sendo determinada por numerais cardinais, na língua coloquial e, às vezes, na escrita, dentro das configurações do gênero feminino.

²⁰⁴ WALTKE; O'CONNOR. **Introdução à sintaxe do Hebraico Bíblico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

Como não existe uma forma masculina para designar uma centena em Hebraico, o uso de מאה *me'a* (cem) pode ser visto como uma forma neutra, assim como ocorre nas dezenas que apresentam formas plurais masculinas, mas estabelecem concordância tanto com termos masculinos quanto femininos. Vejamos:

בשביל מאה שקל הטמבל הזה אפילו יעשה לך ילד [...] ²⁰⁸
 נ/ה ז/ה

bishvil me'a shekel haṭembel hazé 'afilu ya"asé larr yeled [...]

Por cem shekels este imbecil te dará um filho [...]

Passemos, agora, a exemplos que externalizam a neutralização da marca de gênero nas relações entre numerais cardinais e substantivos, os quais dão indícios de uma tendência na mudança de paradigma no uso dos numerais. Nesses, fruto da fala israelense como destaca o autor, o feminino é usado como modelo standard para os numerais cardinais.

Observe o excerto a seguir do qual tiraremos algumas frases para análise:

²⁰⁸ Ibidem, p. 25.

יש לך מספיק על הראש גם בלי הצרות שלי. בוא נדבר ביזנס". מירון נשם נשימה עמוקה וחייכה. "תראה", אמר השמן, "חמש מאות זה יותר מדי. תן לי את זה בארבע מאות. אתה יודע מה? אפילו ארבע מאות ועשר, ואני מתחייב לקחת שש מאות חתיכות. (קרת, 2010, עמוד 32)

Yesh lerrá maspiq "al haro'sh gam bli hatsarot sheli. Bo'u nedaber byzness. Miron nasham neshimá "amuqá, verriká. Tir'é, 'amar hashamen, ramesh me'ot zé yoter midai. Ten li 'et zé be'arba" me'ot. 'atá yodea" má? 'afilu 'arba" me'ot ve'esser, va'ani mitrrayev laqarrat shesh me'ot ratirrot.

Você tem o suficiente em sua cabeça sem o meu problema. Vamos falar de negócios. Miron respirou fundo e esperou. Olhe, disse o homem gordo, Quinhentos é demais. Dê-me quatrocentos. Você quer saber? Até quatrocentos e dez, e eu me comprometo a levar seiscentas de peças".

No primeiro exemplo, abaixo, temos a presença do numeral cardinal feminino *ramesh me'ot* (quinhentos) estabelecendo relações morfossintáticas, inclusive de gênero, com o pronome demonstrativo masculino *זה* zé (este/isto) que funciona como uma anáfora do numeral em questão. Observe:

תראה, אמר השמן, **חמש** **מאות** **זה** יותר מדי [...] ²⁰⁹
ה/ה **ה/ה** **ז/ה**

Tir'é, 'amar hashamen, ramesh me'ot zé yoter midai.

Veja, disse o gordo, quinhentos é demais [...]

Isso pode ser uma mostra da neutralização de gênero, na qual o termo mais simples (não-marcado) funciona como forma standard. No caso

²⁰⁹ Ibidem, p. 32.

da Língua Hebraica, em virtude da polarização de gênero, a forma feminina é aquela que apresenta tais configurações.

Uma outra leitura da mesma frase pode ser aferida se inserimos o vocábulo שקלים *shkalim* (shekels) após os numerais, uma vez que estes fazem referência à moeda israelense.

Entretanto, se neste caso, por meio do processo gramatical de decapitação (já visto anteriormente), o pronome demonstrativo masculino זה *zé* (este/isto) serve de anáfora para שקלים *shkalim* (shekels), ausente na frase original. Por outro lado, o numeral cardinal feminino מאות *ramesh me'ot* (quinhentos) funciona em configurações de neutralização de gênero ao estabelecer relações morfossintáticas com a moeda israelense.

Observe-se:

Tir'é, 'amar hashamen, ramesh me'ot (shkalim) zé yoter midai.

Veja, disse o gordo, quinhentos (shekels) é demais [...]

Agora, analisaremos outro exemplo retirado do excerto da obra de Keret. Vejamos como são estabelecidas as relações morfossintáticas de gênero entre os constituintes. O vocábulo שקלים *shkalim* (shekels), mais

²¹⁰ Ibidem, p. 32.

uma vez ausente na escrita, mas que pode ser aferido através do contexto, foi inserido por nós com intuito de facilitar as configurações da análise:

'atá yode"á má 'afilu 'arba" me'ot ve"esser (shekalim) va'ani mitrrayev [...]

Saibas que até quatrocentos e dez (shekels) e eu me comprometo [...]

Como dissemos anteriormente, a centena em Hebraico funciona como uma forma quantificadora neutra frente a vocábulos masculinos. Percebe-se, no exemplo em questão que centena מאות *meo't* (centenas) estabelece uma relação morfossintática neutra em gênero com o masculino, ao mesmo tempo em que requer para si um determinante feminino ארבע *'arba"* (quatro).

Não bastasse essas especificidades da Língua Hebraica, podemos ver, na frase em questão, que a centena ארבע מאות *'arba" meo't* (quatrocentos) é finalizada pelo numeral feminino עשר *"esser* (dez). O uso linguístico a ser usado aqui seria a forma masculina עשרה *"assará* (dez), uma vez que o diálogo estabelecido entre os personagens Miron e o homem gordo fazia alusão a moeda israelense.

Uma hipótese a ser levantada é a possibilidade de que as configurações femininas (determinante feminino ארבע *'arba"* (quatro) +

²¹¹ Ibidem, p. 32.

centenas מאות *meo't*) influenciaram o uso de עשר "eser (dez) em detrimento da forma masculina עשרה "assará (dez), a qual estabelece relações morfossintáticas de concordância com שקלים *shkalim* (shekels). Este exemplo reforça a tese de que as configurações de neutralização da flexão de gênero se mostram uma tendência em curso na Língua Hebraica.

Corroborando com as teorias de Dekel (2010), Levon (2010; 2012), entre outros destacados nos capítulos teóricos, Etgar keret, nos deixa mais uma mostra da neutralização de gênero em um de seus contos. Isso reforça seu movimento de acompanhar de perto a fala israelense em sua escrita.

Vejamos:

²¹² שקל לחודש יכולים לסדר לילדה שלך [...] *shekel lechodesh yerrolim lessader layaldá shelarr*
ז.ה. ח.ה.

amesh-essre shekel lechodesh yerrolim lessader layaldá shelarr
[...]

Quinze shekels por mês podem ajudar sua criança [...]

O uso de שקל *shekel* (moeda israelense) no singular é uma erosão de gênero prevista, ratificada pelas normas da Academia de Língua Hebraica descritas anteriormente. Contudo, temos diante de nós uma nítida configuração do coloquial israelense, no qual se percebe, mais uma vez, a

²¹² Ibidem, p. 88.

presença de um movimento do uso do gênero feminino como forma *Standard*.

Isso deixa mostras de que a tendência de neutralização de gênero na sociedade israelense é algo em curso e que, caso se cristalice, trará profundas mudanças na Língua Hebraica, seja na fala quanto na produção escrita.

Pesquisamos duas obras de diferentes épocas de Etgar Keret. Antes de tecermos mais discussões sobre os dados obtidos, analisaremos o outro livro *אניהו Anihu* (2002²¹³) escrito oito anos antes de *פתאום דפיקה בדלת Pitom defiká badelet* (2010) que acabamos de analisar.

Veremos como o autor pontua as questões de neutralização de gênero em seus contos, e que vestígios podem ser encontrados em suas obras. Além disso, observar se houve alguma mudança em sua escrita nesse sentido.

6.4.2 Considerações iniciais sobre o livro *אניהו Anihu*

אניהו Anihu é uma coleção de 34 contos de Etgar Keret, publicado em 2002. Esta é a quarta coleção de história. Segundo o site Simania²¹⁴, *אניהו Anihu* é Keret no seu melhor. Nesta coleção, Keret traz histórias como gordo, um beijo na boca em Mombasa, General de Ferro e outros. O autor demonstra uma capacidade de unir laços, as pessoas e o trivial como forma cômica, estabelecendo um movimento entre o pessoal e o universal.

²¹³ קרת, אתגר. *אניהו*. ישראל: זמורה ביתן, 2002.

²¹⁴ http://simania.co.il/bookdetails.php?item_id=38325

6.4.2.1 Análises específicas do livro **אניה** *Anihu*

6.4.2.1.1 Erosão e/ou neutralização de gênero no tempo futuro

Apesar de ser uma obra anterior de Etgar Keret, os 34 contos analisados, não apresentaram configurações verbais de 2^a e 3^a pessoas femininas no tempo futuro que tivessem como diferencial a marca **נה- -na** para designar a voz feminina. Também não foram encontradas na análise ocorrências de formas verbais masculinas de 3^a pessoa plural que atuam como substitutivo neutro para as formas femininas.

6.4.2.1.2 Erosão e/ou neutralização de gênero nos numerais cardinais

O livro **אניה** *Anihu* forneceu 352 ocorrências de frases, nas quais pudemos verificar a incidência de numerais cardinais hebraicos e suas relações morfossintáticas com substantivos e verbos. Seguindo a tendência encontrada na primeira obra analisada de Etgar Keret, as formas masculinas apresentaram 234 frases, enquanto o gênero feminino chegou a 118 ocorrências. Mais uma vez os numerais 1, 2 e 3 prevaleceram, sobressaindo entre eles o gênero masculino.

Apesar de **אניהו** Anihu (2002) figurar entre as primeiras coleções de contos de Etgar Keret e apresentar uma maior diversificação no uso dos numerais cardinais, como pode ser visto no primeiro gráfico, em comparação a outras analisadas, nossa pesquisa encontrou apenas três exemplos que dão indícios de uma neutralização de gênero nos numerais cardinais hebraicos.

Nas três frases pode ser observado, paralelamente, o uso do masculino sendo complementado pelo feminino. Vejamos:

Kurr shel meṭer shiv'im 'al shalosh, 'im ralon re'avá leBen-Yehudá
[...]

Um “buraco” medindo setenta por três, com uma janela para Ben-Yehuda [...]

Como vemos מטר meter (metro), substantivo masculino, é determinado por dois numerais cardinais. O primeiro, שבעים *shiv'im* (setenta), apesar da terminação masculina, tem caráter neutro podendo estabelecer relações de concordância de gênero tanto com palavras masculinas quanto femininas, por não existir outra forma para designar esta dezena. Contudo o segundo, שלוש *shalosh* (três), foi usado apesar de apresentar características dos numerais cardinais femininos em detrimento da forma masculina שלושה *shloshá* (três).

Esta ocorrência reforça mais uma vez a tendência do uso dos numerais cardinais femininos como forma padrão, pois era esperado que fosse usada a forma masculina שלושה *shloshá* (três) para estabelecer uma relação padrão de concordância de gênero com מטר meter (metro) que também atua na esfera do masculino.

No próximo exemplo, as questões de medida mais uma vez estão em jogo. Entretanto, a palavra em questão agora é סנטימטר *sentimeter* (centímetro) que, assim como o termo מטר meter (metro), é classificado

²¹⁵ קרת, אתגר. אניהו. ישראל: זמורה ביתן, 2002, עמ 33.

pelos dicionários como um vocábulo masculino. Mas, como podemos ver na relação morfofossintática estabelecida abaixo, é usado um numeral masculino *ramishá*-*"assar* (quinze) que atua como determinante para *sentimeter* (centímetro).

Esperava-se, assim como no exemplo anterior, a incidência da neutralização da flexão de gênero. Mas, como podemos perceber, existe ainda uma oscilação no uso dos numerais frente às questões de medida e o autor ora segue as transformações em curso da Língua Hebraica ora prefere observar as normas gramaticais estabelecidas.

Vejamos:

torr roref 'errad nir'á she'ibdu lifarro^t ramishá-"assar sentimeter [...]

Em um inverno parece que perderam no mínimo quinze centímetros [...]

Outros exemplos com medidas podem ser aferidos na obra²¹⁷. Contudo, todos apresentam as configurações previstas pela gramática da Língua Hebraica. Isso põe em evidência o primeiro exemplo como indicativo de uma mudança em curso.

²¹⁶ Ibidem, p.35.

²¹⁷ "ההורים של ליעם נעצרו על גובה של חמישה-עשר סנטימטר [...]" קרת, 2002, עמ. 40
 "שלושה קילומטרים מהמקום שכל הסיפורים האלה התרחשו בו [...]" קרת, 2002, עמ. 138

Diferentemente da obra atual (2010), na qual o uso de שקל *shekel* (moeda israelense) mostra uma inclinação para as configurações de gênero feminino, os dois exemplos encontrados sobre o assunto em אניהו AniHu (2002) mostram a manutenção das regras previstas na norma gramatical.

Veja o primeiro exemplo apresentando as reversões morfológicas da polarização de gênero:

Ukeshelo' hiskamti pashuṭ horidu 'arba'im verramishá shqalim [...]

E quando eu não concordei, eles simplesmente tiram quarenta e cinco shekels [...]

O segundo exemplo traz a erosão de gênero no substantivo שקל *shekel* (moeda israelense) quando em configurações de número plural, além da neutralização entre este e a centena מאה *me'á*. Como já observamos, este uso é ratificado pela Academia de Língua Hebraica:

²¹⁸ Ibidem, p.68.

Hu' motsi' 'et hame'a shekel [...]

Ele tira cem shekels [...]

Mais três exemplos coletados apresentam uma oscilação nos usos dos numerais, o que corrobora para uma tendência de neutralização de gênero. Agora não mais o exemplo clássico que ocorre com a moeda israelense. Etgar Keret nos permite perceber que as mudanças estão em diversas configurações da língua, como, por exemplo, no uso de números telefônicos.

Segundo Berezin (1995, p. 381), מספר *mispar* (número) é masculino e requer para si relações morfossintáticas de masculino. No exemplo abaixo, temos a presença de numerais cardinais femininos junto com numerais masculinos designando o número de telefone do setor de informações israelenses.

O que nos chama atenção para essa configuração de neutralização é a presença do numeral cardinal masculino אחד *'eḥad* (um) disposto em consonância com os numerais femininos. Autores que versam sobre o tema, dizem que apesar do uso do feminino como forma standard, o falante israelense prefere a forma masculina אחד *'eḥad* (um) em detrimento da forma feminina אחת *'aḥat* (um).

²¹⁹ Ibidem, p.81.

Observe:

"od pa'am ha'errad-'arba"- 'arba" ha'ele hit'u 'oti [...]

Mais uma vez este 144 me enganou [...]

Um outro exemplo extraído da obra de Keret, nos traz as mesmas configurações acima do uso da forma masculina אחד 'errad (um) como modelo de neutralização. Observe o excerto abaixo:

"כי טוב שלוש ציפורים ביד
משתיים על העץ.
לכו עוד היום על משלוש יוצא אחד
לכו, ושהעולם יתפוצץ."
(קרת, 2002, עמ. 148)

*Ki tov shalosh tsiporim bayad
Mishtaim "al ha"ets.
Lerru, hayom "al mishalosh yotse' 'errad
Lerru, vesheha"olam ytpotsets*

É melhor três pássaros na mão
Do que dois sobre a árvore
E ainda dos três sairá um
E que o mundo se exploda

²²⁰ Ibidem, p.31.

A primeira frase traz consigo os requisitos das reversões morfológicas de polarização de gênero no uso do numeral feminino שלוש *shalosh* (três), como um termo não marcado, que atua com determinante e quantificador de termo feminino ציפורים *tsiporim* (pássaros) que apresenta uma forma plural irregular.

As configurações de gênero feminino são reforçadas pelo uso de שתיים *shtaim* (dois) que funciona como termo anafórico e referencial para ציפורים *tsiporim* (pássaros).

Veja:

Ki tov shalosh tsiporim bayad mishtaim "al ha"ets [...]

Porque é melhor três pássaros na mão do que dois na árvore [...]

A segunda frase do excerto aponta para o uso da forma masculina como forma neutra. Observe que apesar de שלוש *shalosh* (três) fazer referência ao termo feminino, Keret nos deixa uma mostra da neutralização através do numeral masculino אחד *'errad* (um) sendo apoiado pela forma masculina do verbo יוצא *iotse'* (sai).

²²¹ Ibidem, p.148.

Vejamos:

Lerru "od hayom "al meshalosh yotse' 'errad [...]

Pois ainda hoje de três sairá um [...]

A próxima frase também faz referência a contagem dos numerais.

Vejamos:

'ani 'aguid shalosh – 'arba" ve'eftarr 'et hadelet [...]

Eu digo três, quatro e abro a porta [...]

Como vimos em Berezin (1995), a contagem dos números deveria usar os padrões masculinos, mas é perceptível a força que a tendência de neutralização de gênero vem ganhando dentro da Língua Israelense.

²²² Ibidem, p.148.

²²³ Ibidem, p.76.

Há outras formas de neutralização que não passam pela classe dos numerais, mas atinge as relações morfossintáticas estabelecidas pelos substantivos e os seus determinantes. O primeiro caso, temos uma mulher sendo comparada a um menino. Vejamos:

Lo' 'ibed 'et hasavlanut vehizkir lá le'aṭ kemo leyeled, [...]

Não perdeu a paciência e lembrou a ela devagar como para um menino (criança) [...]

O último exemplo reforça a tese de que a tendência de neutralização de gênero está de fato em curso e, possivelmente, seja um caminho sem volta. Neste caso, temos a presença do termo גדוד *gedud* (regimento) que segundo Berezin (1995, p. 66) é classificado como um termo masculino.

Estas configurações ganham reforço quando percebemos que este substantivo é caracterizado pelo adjetivo עברי *'ivri* (hebreu) que também se encontra dentro do gênero masculino. Joüon & Muraoka (2000) pontuam:

The gender of substantives is known to us mainly through their agreement with adjectives [...] verb form can indicate that the subject noun is feminine [...] another fairly reliable way of telling the gender of substantives is the use of cardinal numerals. (JOÜON; MURAOKA, 2000, p. 266 *apud* Silva 2009, p. 51)²²⁵

²²⁴ Ibidem, p. 31.

²²⁵ O gênero dos substantivos pode ser conhecido através de sua relação de concordância com os adjetivos [...] a forma verbal pode indicar quando um termo é feminino [...] ou forma de aferição da flexão de gênero dos substantivos é o uso dos numerais cardinais. Tradução livre

Como vimos tanto o adjetivo quanto o numeral deveriam indicar o gênero do substantivo através das relações morfossintáticas estabelecidas entre eles. O primeiro segue de perto as regras previstas, entretanto, o segundo caminha em direção das configurações de neutralização de gênero, como podemos ver a seguir:

Hagedud ha"ivri tesha", mi meqabel? [...]

O nono regimento hebreu, quem receberá [...]

²²⁶ Ibidem, p. 19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos reunidos nesta pesquisa de doutoramento demonstram, nas devidas proporções, uma singularidade em torno do tema da erosão e/ou neutralização da flexão de gênero na Língua Hebraica Israelense.

Observou-se em nossa investigação, tanto nas revisões bibliográficas quanto nas análises pretendidas, múltiplos enfoques que permeiam o assunto na busca de dimensionar os impactos da formação e consolidação da identidade israelense e suas implicações equalizadoras no plano linguístico.

Com efeito, a categoria flexional de gênero continua a exhibir suas configurações enigmáticas e se torna mais fascinante quanto mais propomos a investigá-la (CORBETT, 1990).

Na emergência de se estabelecer como um povo moderno, a nova linguagem da sociedade israelense nos evidenciou que se comunicar não consiste somente em transmitir ideias, fatos, mas sim em oferecer novas formas de se ver as coisas, influenciando e modificando, desse modo, os significantes ou conteúdos linguísticos.

Para aqueles que admitem estas características formalizadoras da Língua Hebraica Israelense e as nuances da flexão de gênero existentes, como vimos, é preciso considerar os elementos justificadores da tese de que "as línguas vivem com os homens que as falam e mudam com eles, com isto fazem surgir novas expressões e, por vezes, todo um novo ritmo que modifica a estrutura geral da linguagem (AUERBACH, 1970).

Em sua existência histórica as sociedades formalizam um sistema linguístico próprio a cada época. Deste modo, como já pontuamos, na pesquisa do Mestrado, o uso da categoria de gênero evidenciará sempre os

traços constitutivos de uma sociedade da qual faz parte e apontará para as ideologias provenientes dos inúmeros conflitos sociolinguísticos e históricos.

O questionamento de nosso estudo se voltou, por essas razões, não apenas para a erosão e/ou neutralização da flexão de gênero na Língua Hebraica Israelense, mas na crença da necessidade de traçar um breve retrospecto do percurso da formação e consolidação da sociedade israelense e sua planificação linguística. Este fator foi essencial para análise das obras selecionadas e o nosso estudo de caso.

Esperamos, na medida do possível, ter apresentado contornos iniciais para um entendimento da presença da erosão e/ou neutralização da flexão de gênero nas relações morfossintáticas entre numerais cardinais e/ou pronomes com substantivos e configurações verbais do futuro, embora este tema careça ainda de muitas outras reflexões.

Se voltarmos às questões de erosão e/ou neutralização propostas, perceberemos que esta tendência encontra terreno produtivo mais na coloquialidade do Hebraico Israelense (como se vê em Levon, 2010; Gonen & Rubinstein, 2015; Izre'el, 2003 entre outros) do que no registro literário. Ora, compreende-se, facilmente, que a língua falada mude muito mais depressa que a língua escrita e literária; esta última representa o elemento conservador e retardatário do desenvolvimento (AUERBACH, 1970).

A partir do que foi apresentado em torno da perspectiva do percurso e implicações da formação e consolidação da sociedade israelense, podemos concluir que a estrutura, unidade e composição literária e linguística do Hebraico Israelense se entrelaçam dentro de um pujante processo sociocultural e diglósico.

Isto foi corroborado na fala de Rozenchan (2004) que assevera que "a Literatura Hebraica serviu de arena de uma luta pela cristalização de identidade israelense" e esta não se realiza por outros instrumentos que não seja o falar em um Hebraico Israelense vivo e dinâmico.

Avaliamos que o papel do Yishuv funcionou como veio essencial de uma nova sociedade israelense. Aliado às ondas imigratórias judaicas advindas das mais variadas sociedades existentes, as quais são elementos cruciais para a concepção e sistematização do *Tsabra* (hebreu novo). Constatamos que a planificação linguística do novo idioma ganhou novos contornos em direção própria sob a inferência da realidade que se construía.

Tendo feita estas considerações, podemos ressaltar que os conflitos e as guerras ajudaram a consolidar a identidade israelense, seus reflexos literários e sua representação linguística. A partir desse momento, a Língua Hebraica ganhou asas de liberdade e caráter oficial de Estado, mas vive sempre à sombra da língua mandatícia (Inglês) que permeia o meio acadêmico, as relações internacionais e as novas tecnologias.

Foi possível constatar a importância da conjuntura dos movimentos sociais na consolidação linguística israelense, assim como o aparecimento de novas tendências de ressignificações culturais. Dessa forma, nosso estudo buscou elencar os movimentos tradicionais judaicos pautados nos movimentos sionistas como os *qibutsim* e *moshavim* que foram essenciais na formação e desenvolvimento da sociedade israelense.

Além disso, apresentamos um olhar para os novos movimentos sociais e suas implicações nesta nova sociedade em '*Erets Yisra'el*. Apesar de certos apontamentos indicarem algumas mudanças paradigmáticas, estas nuances não lograram êxito nas obras selecionadas.

Acreditamos que estes registros linguísticos, na maioria das vezes, ainda são restritos à variante coloquial e que seus impactos na Literatura Israelense são indícios de autoafirmação social de determinado grupo sem grandes impactos sociolinguísticos.

Dentro de uma visão diacrônica acerca da situação linguística na sociedade israelense, recorreremos ao percurso da renovação da Língua Hebraica e seu estabelecimento na Nova Terra. Neste movimento

percebemos que as novas configurações sociais requeriam do Hebraico Israelense a reinvenção do léxico através de neologismos.

O movimento da *ḥalutsiut* foi o elo primordial de integração entre o novo modelo social e a sua representação linguística que chegou ao *status* de língua oficial e com caráter normativo. Vimos que o desenvolvimento da Língua Hebraica Israelense trouxe, além das implicações de uma unidade linguística reinventada, configurações como o caso da *slang israeli* (variação diastrática).

Não bastasse todas essas implicações, constatamos que o florescimento do Hebraico Israelense criou outras variações, em especial, contrapondo o registro normativo (referenciado aqui em A.B. Yehoshua, Amós Oz e David Grossman) e a variante coloquial expressa nas obras de Etgar Keret.

Ao traçarmos uma reflexão sobre a neutralização de gênero na Língua Hebraica, buscamos primeiro delinear noções gerais sobre estes processos linguísticos nas línguas naturais. Nestas percebemos que a larga presença da Língua Inglesa, modelo típico de neutralidade linguística, na sociedade israelense tem exercido grande influência na tendência de neutralização de gênero do Hebraico Israelense. Isto tem tido reflexos em propagandas, nomes unissex, entre outros.

No mesmo percurso, constatamos que existe uma tendência de erosão assim como de neutralização ao ponto de haver embates políticos na defesa da manutenção do “bom falar israelense”. Observamos que os verbos e numerais na Língua Hebraica Israelense exibem as categorias de número e de gênero e o quanto estas são necessárias nas relações morfossintáticas.

Quanto às configurações verbais, além da erosão da forma נא –*na* nas 2ª e 3ª pessoas plurais femininas do futuro, que é substituída por uma forma masculina, autores pontuaram que existe um outro movimento que tem empobrecido ou enfraquecido os paradigmas verbais do Hebraico

Israelense. O caso da erosão é pontuado pela Academia de Língua Hebraica como uma tendência de mudança, enquanto o uso da 3ª pessoa masculina singular no lugar da 1ª pessoa (forma neutra) revela profundas transformações em curso (ZADOCK, 2012).

Por último, antes das análises, constatamos que as reversões morfológicas ou polarização de gênero herdada pela Língua Hebraica Israelense talvez seja um dos fatores de maior confusão entre os falantes nativos ou "*olim radashim* (imigrantes novos).

O fato da língua estabelecer a forma feminina dos numerais cardinais como termo não marcado e a forma masculina exibir, no plano formal, uma terminação feminina, acreditamos, pautados no princípio da economia linguística, que seja um dos principais fatores na tendência de erosão e/ou neutralização da flexão de gênero no Hebraico Israelense.

A pesquisa esboçou um projeto de análise de obras selecionadas a partir do século XXI. Trouxemos breves considerações de cada livro analisado para em seguida partir para as análises específicas.

Como já pontuamos, foram selecionados, por indicação do Professor Dr. Cyril Ashlanov (Universidade Hebraica de Jerusalém), três autores para representarem as estratificações da norma culta israelense. A.B. Yehoshua, como representante linguístico mais alto; Amós Oz, com uma variação normativa mais mediana; e David Grossman que, segundo indicações do respeitável linguista, estaria em uma planificação mais baixa dentro do registro culto do Hebraico Israelense.

Na análise, buscamos trazer indicações de características de gênero inerente às palavras destacadas, assim como as configurações previstas nas relações morfossintáticas estabelecidas e a incidência ou não de transformações linguísticas de erosão ou neutralização da flexão de gênero.

O paralelo comparativo entre as obras selecionadas nos deu uma pequena dimensão do comportamento da norma padrão do Hebraico Israelense e de sua variante coloquial.

A obra de A.B. Yehoshua foi a única das cinco analisadas que trouxe a indicação do uso da forma de 3^a pes. mas. pl. **לו** –*u* como uma tendência de erosão e neutralização de gênero. Acreditamos, pautados na afirmação da Academia da Língua Hebraica, que o uso de **נא** –*na* esteja, realmente, caindo em desuso e ficando restrito a personagens típicos de linguagem erudita e situado em contextos bem definidos.

As ocorrências do uso de numerais cardinais nas obras do autor e de Amós Oz seguiram de perto as configurações previstas pela Língua Hebraica Israelense. O que nos chamou atenção foi que a incidência do feminino nos paradigmas oracionais se mostrou mais presente, sendo 5% no primeiro e 7% no segundo.

Um maior número relações morfossintáticas com o gênero feminino também foi verificado na obra de Grossman com um percentual de 8%. Seguindo uma trilha diferente, a obra de Grossman nos sinalizou para exemplos de neutralização da flexão já presentes na Língua Hebraica Israelense como o dual dos numerais cardinais, assim como o uso da forma pronominal masculina **זה** *zé* (esse, este, isso, isto) em processos morfossintáticos de coesão referencial.

Grossman traz um exemplo com o numeral cardinal masculino **אחד** '*errad* (um) em posição neutra quanto ao gênero. Isto causa uma estranheza inicial, pois como vimos no estudo os numerais um e dois, no Hebraico Israelense, tem caráter adjetival, logo deveria se comportar como adjetivo estabelecendo relações de concordância com o termo a que se refere. Acreditamos no fato de que o exemplo frustrar as configurações previstas seja algo característico da fala de uma imigrante.

Se as configurações de polarização dos numerais (3-10) causam distúrbios e debates calorosos entre os nativos da sociedade israelense, quanto mais danos trariam às pessoas que passaram a adotar '*Erets Yisra'el* como novo lar.

As obras de Etgar Keret foram as que mais apresentaram dados para nossa análise. Primeiro, em contramão da tendência encontrada nos três autores da variante mais culta da Língua Hebraica Israelense, as duas obras de Keret trouxe 18%, em *Pitom Defiká badelet*, e 32%, em *Anyahu*, a mais de formas masculinas.

Na primeira obra, o autor elenca mais exemplo de neutralização, neste caso usamos מאה *me'a* (centena) como uma forma neutra. No exemplo da neutralização aparece o processo de erosão de número plural já previsto pela Academia de Língua Hebraica. Além disso, Keret, assim como visto em Grossman, sinaliza o uso de זה *zé* (esse, este, isso, isto) como uma forma neutra em processos morfossintáticos de coesão referencial.

Podemos assinalar ainda na obra de Keret o exemplo mais canônico entre os autores pesquisados. É o uso de numerais femininos como termos determinantes של שקל *shekel* (moeda israelense) inerentemente forma masculina.

A segunda obra, de publicação anterior, traz a presença da neutralização em paradigmas oracionais que elencam medidas numéricas, assim como a contagem de números. Ambas deveriam seguir o masculino como gênero padrão, mas percebemos a presença de termos femininos nas frases analisadas. Por último, Keret lançando mão das configurações de coesão referencial sinaliza três exemplos em que ora o masculino é um termo de referência neutro quanto à flexão de gênero, ora se comporta como feminino.

Considerando o corpus teórico obtido e os dados que colhemos das obras analisadas, podemos afirmar que existe uma incidência da erosão e/ou neutralização da flexão de gênero na Língua Hebraica Israelense. Isto, com efeito, é visto nas relações morfossintáticas estabelecidas entre substantivos e numerais, nas conexões anafóricas de coesão referencial e em alguns paradigmas verbais.

Este movimento de transformação apresenta uma diversidade oscilatória que ora tende a eleger o masculino como uma forma neutra nas relações morfossintáticas, ora dá sustentação à tese de que o feminino é a forma elegida pelo falante.

O uso de nomes unissex para a nova geração de israelense se mostrou algo pontual, mas em curso, o que demandará no futuro pesquisas mais aprofundadas que versem sobre a cristalização ou não dessa tendência.

A erosão da forma feminina verbal, em configurações do futuro, pesquisadas é algo latente, contudo não podemos afirmar a ausência total desta. Como vimos, seu uso hoje é restrito a certos padrões formais da língua. A circulação de uma forma masculina neutralizada, em paralelo, é apontado pela Academia de Língua Hebraica como oriunda de tempos bíblicos. Este uso ganhou forças com o nascimento da sociedade israelense e a necessidade de um uso linguístico mais dinâmico.

A inversão de pessoas verbais, no futuro, com o apagamento de uma forma (1ª pes. sing. Comum) e sua substituição por um paradigma masculino (3ª pes. sing.), neutralizado artificialmente é uma questão interessante, mas também pontual e em curso. Isto, sem sombras de dúvidas, caso se cristalize, trará profundas transformações no Hebraico Israelense, seja no quesito da flexão de gênero, seja nos paradigmas verbais.

O largo uso dos numerais cardinais com mostras à uma possível neutralização de gênero é, com certeza, uma tendência em curso. Mas ao que parece, ainda não logrou êxito em paradigmas mais formais da Língua Israelense. Apenas a obra de Keret (referência da variante coloquial) traz exemplificações do caso estudado. Isto ratifica a fala de que existe em curso um processo de neutralização de gênero no Hebraico Coloquial Israelense (GONEN; RUBISTEIN, 2015).

O uso da forma pronominal masculina **זֶה** zé (esse, este, isso, isto), como índice de neutralização, em processos morfossintáticos de coesão

referencial não fazia parte de nossa pesquisa inicial. Mas como estas alteridades ratificavam a presença de uma tendência de neutralização de gênero para além dos verbos e numerais, debruçamos nos paradigmas apresentados.

Este novo movimento atribuído pelos falantes israelenses à forma pronominal masculina **זֶה** zé (esse, este, isso, isto) ganha a cada dia mais adeptos. Nas análises, a presença desta configuração atingiu tanto referenciais da variante coloquial (Keret) quanto da norma culta (Grossman). Isto reforça a tese de que uma cristalização desta neutralização ganha contornos mais sólidos.

Acreditamos que esta análise de dados representa um conjunto de manipulações, transformações e reflexões que podemos realizar sobre os dados com a finalidade de obter algumas respostas relevantes ao tema de investigação. Dessa forma, esperamos que nossos estudos incentivem ao pesquisador um aprofundamento nas questões propostas.

Sob um ângulo mais intrínseco, asseveramos que o campo aqui estudado é bem amplo e cheio das mais variadas implicações. Nesse sentido, embora a temática suscite outros avanços na pesquisa sobre a flexão de gênero, podemos pensar que o movimento de erosão e/ou neutralização da flexão de gênero é um fenômeno frutífero com os mais diversos paradigmas. Estes são decorrentes dos fatores sociolinguísticos que permeiam a vivacidade da sociedade israelense e sua planificação linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In Isquerdo, Aparecida N.; Krieger, Maria da Graça (Org.). **As ciências do Léxico 2. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2004.

AUSUBEL, Nathan. **Enciclopédia Judaica**. Rio de Janeiro: Korgan Editor, 1967.

AZEVEDO, José Carlos. **Escrevendo pela nova ortografia**. 2. ed. São Paulo: Publifolhas, 2008.

BAILEY, Sydney. **Quatro Guerras Árabe-israelenses e o processo de paz**. Londres: MacMillan Press, 1990.

BALABAN, Avraham. **Hebrew Fiction / Sleight of hand. With "Spanish Charity," AB Yehoshua has written a fictionalized retrospective of his own work, in which made-up movies stand in for actual stories he has written**. Feb. 17, 2011. Haaretz Daily Newspaper. Disponível em: <http://www.haaretz.com/life/books/hebrew-fiction-sleight-of-hand-1.344008>

BAROCAS, Ester: A Língua Hebraica? Vai bem, obrigada, pelo menos por enquanto... **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**. n. 5. USP/ São Paulo, 2006.

BAR-ON, Mordechai. **O Conflito Interminável: história militar israelense**. New York: University Press, 2006.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São paulo: Edusp, 1995.

BARZILAI, Gad. **Guerras, conflitos internos e ordem política: uma democracia judaica no Oriente Médio**. New York: University Press, 1996.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERCITO, Diogo. Um passeio pela ficção concisa e fértil de Etgar Keret. 26/01/2014. Folha de S. Paulo: ilustríssima. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/01/1402289-um-passeio-pela-ficcao-concisa-e-fertil-de-etgar-keret.shtml>

BEREZIN, Rifka. Dicionário Hebraico-português. São Paulo: Edusp, 1995.

BERGSTRÄSSER, Gotthelf. **Introduction to Semitic Languages: Text Specimens and Grammatical Sketches**. Idiana: Eisenbrauns, 1983.

BRASIL, Ubiratan. Israelense é mestre em unir concisão com nonsense: Etgar Keret descreve situações estranhas narradas por pessoas comuns. 12 julho 2014. Estadão: Cultura/Literatura. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,etgar-keret-descreve-situacoes-estranhas-narradas-por-pessoas-comuns,1527312>

BREGMAN, Ahron. **Guerras de Israel: uma história desde 1947**. London: Routledge, 2002.

CÂMARA JR. J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASHMAN, Greer Fay. **Peres retorna às raízes nas negociações movimento moshav**. THE JERUSALEM POST, 2013. Disponível em: <http://www.jpost.com/National-News/Peres-returns-to-roots-in-Moshav-Movement-talks>

CASSIRER, Enerst. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

COLOMBO, Sylvia. **David Grossman narra o que é crescer na guerra**. Folha de São Paulo. 07/03/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/03/1599225-david-grossman-narra-o-que-e-crescer-na-guerra.shtml>

CORBETT, Greville G. **Number**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2000.

CURZAN, Anne. **Gender shifts in the history of English**. Cambridge University Press, 2003.

DEKEL, Nurit. **A matter of time: tense, mood and aspect in spontaneous spoken Israeli Hebrew**. Universidad de Amsterdam: Lot, 2010.

DEL SARTO, Raffaella A. **Israel's Contested Identity and the Mediterranean**. The Hebrew University of Jerusalem: Department of International Relations, may 2002.

DRAKE, Frank R. **Set theory: Na introduction to large cardinals**. Amsterdam: North-Holland, 1974.

EISENSTADT, S. N. **Sociedade israelense**. Rio de Janeiro: Perspectiva. 1977.

FERGUSON, Ch. "Gramatical Agreement in Classical Arabic and in Modern Dialects". In: **Structuralist Studies in Arabic Linguistic**. BELNAP K.; HAERI, N. Netherlands, 1989.

FISHMAN, Joshua. **Sociología del lenguaje**. 4^a Ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

FOSCHIERA, Atamis Antonio. **Da barranca do rio para a periferia dos centros urbanos: a trajetória do movimento dos atingidos por barragens face às políticas do setor elétrico no Brasil**. Presidente Prudente : UNESP, 2009.

GARCIA, Claudia Regina Gama. **Conflitos, medos e dores na literatura infanto-juvenil israelense**: análise de obras selecionadas entre as décadas de 70 e 90. 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GLINERT, Lewis. **The Grammar of Modern Hebrew**. New York: Cambridge University Press, 1989.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. In: Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>

GROSSMAN, David. **O livro da gramática interior**. Rio de Janeiro: Companhia das letras. 2015 (trad. Paulo Geiger)

GUINSBURG, Jacó. **Nova e Velha Pátria**. São Paulo: Perspectiva, 1966.

HALAMISH, Aviva. The Yishuv: The Jewish Community Mandatory Palestine In: Israel Studies An Antology, 2009. Disponível em: <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/isdf/text/halamish.html>

HERZOG, Hanna. **Feminism in Contemporary Israel**. Jewish Women: A Comprehensive Historical Encyclopedia. 1 March 2009. Jewish Women's Archive. (Viewed on November 4, 2014) <<http://jwa.org/encyclopedia/article/feminism-in-contemporary-israel>>.

HICKLING, Alfred. **Amos Oz's stories come to a bleak conclusion**. Friday 5 August 2011. The Guardian: Short stories. Disponível em: <http://www.theguardian.com/books/2011/aug/05/amos-oz-scenes-village-life-review>

IZRE'EL, Shlomo. **Studies in the Spoken Language and in Linguistic Variation in Israel**. TEL-AVIV UNIVERSITY 2002.

IZRE'EL, Shlomo (2003). "The Emergence of Spoken Israeli Hebrew." In: Benjamin H. Hary (ed.). **Corpus Linguistics and Modern Hebrew: Towards the Compilation of The Corpus of Spoken Israeli Hebrew**

(CoSIH)", Tel Aviv: Tel Aviv University, The Chaim Rosenberg School of Jewish Studies, 2003.

KRAUSZ, Luís S. **Herói de livro de David Grossman contempla a sociedade israelense dos anos 1960**. Estadão: Cultura / Literatura. 18 abril 2015. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura.heroi-de-livro-de-david-grossman-contempla-a-sociedade-israelense-dos-anos-1960.1672017>

LANGER, Eliana R. Ressurgimento da Língua Hebraica e suas implicações culturais. **Revista de Estudos Orientais**, nº 2 p. 63-76. Humanitas Publicações, 1998.

LEVON, Erez. Gender, prescriptivism, and language change Morphological variation in Hebrew animate reference. In: **Language Variation and Change**, 24 (2012), 33–58. Cambridge University Press, 2012.

LEVON, Erez. **National Discord: Language, Sexuality and the Politics of Belonging in Israel**, 2010. Disponível In: <https://files.nyu.edu/eml246/public/abstract.pdf>

MACINTYRE, Donald. **Review: The Retrospective, By AB Yehoshua (Confessions in the land of the Inquisition)**. Saturday 16 March 2013. The Independent. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/books/reviews/review-the-retrospective-by-ab-yehoshua-8537399.html>

MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros textuais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARLOWE, Michael. The gender-neutral language controversy. In: GRUDEM, Wayne; POYTHRESS, Vern. **The TNIV and the Gender-Neutral Bible Controversy**. Canadá: B&H Academic, 2005.

MEDAN, Meir. A academia de Língua Hebraica. In: RABIN, Chaim. **Ressurgimento da Língua Hebraica**. Editora B'nai B'rith, 1970.

METZ, Helen Chapin. **Kibbutz e Moshav**. Capítulo 2. *Israel: Um Estudo do País*. ed. Federal, Divisão de Pesquisa da Biblioteca do Congresso. 1990.

MINTZ, Alan. **Reviews: Spanish Charity**. (2013). Jewish Review of Books. Disponível em: <http://jewishreviewofbooks.com/articles/403/spanish-charity/>

NAVARRO, Lourdes Garcia. **Israel Presents Itself As Haven For Gay Community**. 2012. Disponível em: <http://www.npr.org/2012/06/04/154279534/israel-presents-itself-as-haven-for-gay-community>

O POVO: Sociedade judaica. EMBAIXADA DE ISRAEL EM PORTUGAL. Disponível em: <http://embassies.gov.il/Lisboa/AboutIsrael/People/Pages/POVO-Sociedade-judaica.aspx>

ORNAN, Uzzi. **The Final Word: Mechanism for Hebrew Word Generation (in Hebrew)**. Haifa University. 2003.

PETERS, Pam. **The Cambridge Guide to English Usage**. Cambridge University Press, 2004.

PINSKY, Robert. **Screening History: 'The Retrospective,' by A. B. Yehoshua**. The New York Times Company. March 31, 2013, on page BR13 of the Sunday Book Review with the headline: Screening History. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/03/31/books/review/the-retrospective-by-a-b-yehoshua.html?pagewanted=all>

RABIN, Chaim. **Ressurgimento da Língua Hebraica**. B'nai B'rith, 1970.

REVISTA MORASHÁ - Artigos. www.morasha.com.br.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Flexão e derivação no português**. Belo Horizonte: NAPq/UFGM, 1998.

ROSEN, HB (1952). **Remarques descriptives sur le parler Hébreu-Israélien moderne**, Comptes-Rendus du Groupe d'Etudes Linguistique Chamito-semitiques 6.

ROZENCHAN, Nancy. **Literatura Hebraica: vertentes do século XX**. São Paulo: Humanitas. 2004.

RUBINSTEIN, Amnon. **Return of the kibutzim**. The Jerusalém Post. 10 julh. 2007. Disponível em: <http://www.jpost.com/Opinion/Op-Ed-Contributors/Return-of-the-kibbutzim>

SAPPAN, Raphael. A gíria hebraica e os empréstimos de vocabulário. In: RABIN, Chaim. **Ressurgimento da Língua Hebraica**. Editora B'nai B'rith, 1970.

SILVA, C.S. **Questões de gênero no Hebraico: análise dos termos zarrar unekevá na Língua Hebraica**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2009.

SIVAN, Reuven. Ben-Yehuda e a restauração do Hebraico falado. In:

RABIN, Chaim. **Ressurgimento da Língua Hebraica**. Editora B'nai B'rith, 1970, p. 09-18.

STEINER, Richard C. Ancient Hebrew. In: CALLAHAM, Scott N. **Modality an the Biblical Hebrew Infinite Absolute**. Germany: Deutsche Morgenländische Gesellschaft, 2010.

STURZ, James. **The Mysteries of Slang**. Forward. 1994. HighBeam Research. 28 Jul. 2010 <<http://www.highbeam.com>>.

SZKLARZ, Eduardo. Diáspora: descubra como os judeus se espalharam pelo mundo. **Aventuras na História**. Editora Abril, 2013. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/diaspora-descubra-como-judeus-se-espalharam-pelo-mundo-743351.shtml>

THE JEWISH AGENCY FOR ISRAEL. Disponível em: <http://www.jewishagency.org/israel/content/23590>

TORRES, Bolívar. Atração da Flip, Etgar Keret usa surrealismo para desconstruir preconceitos. 12/07/2014. O Globo: Cultura. Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/atracao-da-flip-etgar-keret-usa-surrealismo-para-desconstruir-preconceitos-13222477#ixzz3OMLu4rJa>

WALTKE; O'CONNOR. **Introdução à sintaxe do Hebraico Bíblico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

WILDER, Michat. **eTeacherHebrew: Online Language Academy**. Ramat Gan: eTeacher LTD., 2010.

WINKLER, Joe. One **of Israel's primary literary voices has written a small, but powerful book**. January 3, 2012. Jewcy Media LLC: Arts & Culture. Disponível em: <http://jewcy.com/jewish-arts-and-culture/reviewed-scenes-from-a-village-life-by-amos-oz>

ZADOCK, Gila. **Similarity, variation, and change**: instability in hebrew weak verbs. Thesis doctor of philosophy. Tel Aviv University. December 2012.

ZOHAR, Itamar Even: O Surgimento de uma cultura hebraica nativa na Patestina (1882-1948) In: **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**. n. 1. USP/ São Paulo, 1998).

ZUCKEMANN, Ghil'ad. **Realistic Prescritivism**: the Academy of the Hebrew Language, its Campaign of "Good Grammar" and *Lexpionage* and Native *Israeli* Speakers. Israel Studies in Language and Society. 2008.

Sites:

<http://www.merriam-webster.com/dictionary/halutziut>

<http://milog.co.il/%D7%A9%D7%A0%D7%99%D7%94>

http://simania.co.il/bookdetails.php?item_id=38325

<http://www.encyclopedia.com/article-1G2-2587518740/smilansky-moshe.html>

<http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/biography/brenner.html>

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1501200909.htm>

Obras em Hebraico:

אבן-שושן, אברהם. **המלון העברי המרוכז**. ירושלים: קרית-ספר, 1999.

אבן-שושן, אברהם. **קונקורדנציה חדשה: לתורה נביאים וכתובים**. ירושלים: קרית-ספר, 1988.

בליבוים, רבקה. **תחביר +: תחביר פונקציונאלי למורים לעברית ולתלמידים מתקדמים**. ירושלים: אקדמון, 1995.

גרוסמן, דויד. **ספר הדקדוק הפמיני**. ישראל: הספריה החדשה, 2011, עמוד 24.

וייל, תמר, פרסטיי, חוה. **הפועל ללומדי עברית**. ירושלים: אקמון, 1996.

חייט, שלומית, ישראל, שרה, קובלינר, הילה. **עברית מין ההתחלה החדש**. ירושלים: אקדמון, 2000.

טישער, גוני. **פועל יוצא: הפועל לרמת הביניים**. ירושלים: אקדמון, 2003.

יהושע, אברהם ב. **חסד ספרדי**. ישראל: הספריה החדשה, 2011, עמ. 340.

סולומוניק, אברהם. **משכילון 2: דקדוד עברי לדוברי אנגלית**. ירושלים: שפת העם, 2001.

עוז, עמוס. **תמונות מחיי הכפר**. ישראל: כתר ספרים, 2009, עמ. 13.

קבלי, רחל. **לדעת לשון: תורת הצורות, אוצר מילים ומשמעים, תחביר ושחבור**. אבן יהודה: רכס, 2002.

קרת, אתגר. **אניהו**. ישראל: זמורה ביתן, 2002.

קרת, אתגר. **פתאום דפיקה בדלת**. ישראל: זמורה ביתן, 2010, עמ. 22.